O Cominform

1947 - 1956

(tradução inglesa do texto original alemão)

- excerto do Capítulo VIII da General-Line of the Comintern (EH) -

editora: Comintern (EH) - 2021

ÍNDICE

PARTE I

PARTE II

PARTE I

1
O Lugar do Cominform na História do Movimento Comunista Mundial
Sobre a revisão crítica da historiografia revisionista

Esta é apenas a nossa avaliação momentânea da história do Cominform e não pode ser outra coisa, porque ainda faltam documentos ou estes continuam a ser falsificados, interpretados anticomunisticamente e "revistos" - tudo ao serviço da classe dominante. Com esta advertência, as correções das nossas opiniões sobre o Cominform, tendo em conta novos documentos, não só são permitidas, como também desejáveis e indispensáveis.

A verdade histórica só vem a lume através de uma luta acirrada da classe proletária, razão pela qual queremos encorajar todos os comunistas interessados na verdade a participar ativamente na reavaliação da história do Cominform, e ajudar-nos a libertar a historiografia proletária da sua falsificação burguesa-revisionista.

Em particular, a historiografia do Cominform e do campo socialista tem sido significativamente falsificada pelos revisionistas modernos. O facto é que esta falsificação da história ainda tem uma influência negativa, mesmo determinante, no movimento mundial comunista de hoje. Temos de enfrentar este desafio se quisermos ser levados a sério.

Para nós, esta necessária correção da historiografia revisionista do Cominform (e a sua "revisão" pelos historiadores do capitalismo ocidental) é um novo território, e é por isso

que não podemos fazê-lo sem erros. Por exemplo, temos de ter cuidado para que a nossa crítica não ultrapasse a marca. Temos de aderir estritamente ao materialismo dialético e histórico para evitar erros na direção oposta - erros de sectarismo, erros de dogmatismo. Estamos cientes deste contra-perigo. Mas isso não nos impede de fazer o que somos obrigados a fazer:

Só nós, estalinistas-hoxhaistas, estamos destinados e capazes de cortar o cordão umbilical do neo-revisionismo ao útero do revisionismo moderno de forma limpa e sem complicações. É nesta direção que escrevemos esta crítica ao Cominform.

Estamos igualmente conscientes de que os revisionistas modernos, em particular, atribuíram os erros, deficiências e fraquezas do Cominform ao camarada Estaline e é neste sentido que os neo-revisionistas operam, embora sob o manto do "4½ clássicos do marxismo-leninismo".

É bastante claro que os historiadores dos revisionistas modernos utilizaram o método da ideologia burguesa, nomeadamente para criticar tudo sobre o Cominform que era estalinista e para apresentar como alegadamente "estalinista" tudo o que era revisionista. A formação ideológica do poder dos revisionistas modernos baseia-se no "estalinismo" em palavras e no anti-estalinismo em atos. E, desta forma, eles também aproveitaram o Cominform para o seu carro - especialmente após a morte de Estaline!

A verdade é que:

O Cominform foi criado por Estaline com a intenção de contrariar o processo em curso de achatamento ideológico do estalinismo, de fazer recuar a crescente influência do revisionismo e do social-democratismo no movimento comunista mundial, de purificar o marxismo-leninismo manchado pelo revisionismo e de purgar os revisionistas do movimento comunista mundial em geral e do campo estalinista mundial em particular.

Isto foi saudado em particular pelo camarada Enver Hoxha e foram os documentos do Partido do Trabalho da Albânia que defenderam, apoiaram e propagaram o Comintern (EH) sobre o significado anti-revisionista do Cominform desde o início. Neste sentido, defendemos os albaneses contra todos os seus críticos. Temos de compreender que o Hoxhaismo, que aperfeiçoou e desenvolveu a crítica de Estaline ao revisionismo moderno, ainda estava na sua infância na altura do Cominform. Hoje temos a arma completa do Hoxhaismo e com ela podemos iluminar criticamente o Cominform, o que é impossível sem o Hoxhaismo.

Passaram setenta anos desde a fundação do Cominform. Nestes anos, especialmente após a abertura parcial dos arquivos, viemos a ver documentos que nos dão uma visão muito mais crítica da história do Cominform do que o camarada Enver Hoxha e o PTA foram capazes de fazer na altura. Hoje, como Estalinistas-Hoxhaistas, podemos e devemos olhar

de forma absolutamente crítica para a história do Cominform com base em novas descobertas.

Como é sabido, a ideologia proletária é, pela sua própria natureza, uma ideologia crítica e só pode permanecer viva e continuar a desenvolver-se se lidar criticamente com a história, incluindo os erros cometidos por nós, comunistas.

Do ponto de vista da época, o Cominform foi avaliado aproximadamente com a seguinte regra geral: "O Cominform era estalinista - a sua dissolução por Khrushchev era revisionista". Esta regra de ouro já não é sustentável e precisa urgentemente de ser revista com base no estalinismo-hoxhaismo.

Seremos certamente criticados por estarmos "errados" com a nossa revisão crítica, mas isto não altera a necessidade fundamental de rever a nossa visão anterior do Cominform, que era tudo menos acrítica. Pelo contrário.

Qualquer pessoa que tenha lido o nosso website do Cominform que existe desde 2013, não poderá ignorar a frase introdutória:

O Comintern (EH) tem um ponto de vista crítico sobre a influência dominante dos revisionistas modernos no seio do COMINFORM.

Tanto mais que é necessário estudar estes documentos históricos para abrir os nossos olhos e expor os revisionistas modernos.

Mas só agora encontrámos tempo para encher a nossa crítica ao COMINFORM e para a fundamentar teoricamente.

Assim, aqueles que não criticaram a nossa revisão antes e só agora estão a começar as suas críticas não nos podem acusar de oportunismo ou de qualquer "viragem de 180 graus". Desde o início, temos lidado com a história do Cominform de forma tão crítica como com a história do Comintern.

E aqueles que, de uma forma arbitrária, equiparam a nossa revisão a "revisionismo", que a apresentam como uma "prova" da "falsificação do marxismo-leninismo", são e permanecem dogmáticos e sectários. Pode ser que ainda não tenhamos visto um ou outro corretamente, continuaremos a trabalhar nesse sentido. Mas na essência, a nossa revisão da história do Cominform é baseada no terreno firme do estalinismo-hoxhaismo, e isso é o que é decisivo.

Apenas a burguesia e os seus agentes no campo do movimento mundial estalinista-hoxhaista têm interesse em não corrigirmos os nossos erros. Para o proletariado mundial, por outro lado, a correção dos nossos erros é direcional e, portanto, de importância decisiva para a vitória da revolução socialista mundial, razão pela qual acolherá com

agrado qualquer crítica correta e autocrítica do Comintern (EH). Sem superar os nossos próprios erros, o imperialismo mundial não pode ser derrotado.

Sem uma auto-crítica e demarcação das posições revisionistas do Comintern, expomo-nos ao perigo de apropriação por parte de tais organizações políticas que não representam a posição de Estaline e Enver Hoxha, mas apenas abusam dela como um serviço labial para enganar o proletariado mundial. Rejeitamos uma unidade neo-revisionista com base em posições anti-marxistas propagadas no Cominform. A unidade com o Comintern (EH) só existirá nas posições corretas do Cominform, mesmo que elas fossem dominadas pelas posições predominantemente erradas. Isto pressupõe que demarquemos e separemos as posições corretas do Cominform das posições revisionistas no Cominform, que têm sido defendidas não só pelo PCY mas também por todos os outros partidos no Cominform sem excepção, embora mais ou menos ocultas pela fraseologia.

A nossa crítica e autocrítica não serve o propósito de declarar o Cominform inútil, um "erro da história". Não somos liquidatários, muito pelo contrário. Somos estalinistas-hoxhaistas que defendem a linha estalinista do Cominform. E defendemos a linha estalinista do Cominform, libertando-o retrospetivamente dos seus grilhões revisionistas, para que o novo Cominform se torne útil para nós no nosso caminho para a restauração do campo socialista mundial.

A essência bolchevique da crítica e da autocrítica é INQUIETAMENTE rejeitar visões e ações erradas e substituí-las por ações corretas. As palavras e os atos devem coincidir nisto. E mesmo com isto não podemos estar satisfeitos, porque o inimigo não acolherá alegremente a nossa crítica e autocrítica, mas a combaterá com todos os meios. Só a nossa crítica e autocrítica falsa ou imperfeita será bem recebida pelo inimigo, porque nos afasta do nosso caminho revolucionário e, assim, beneficia não a nós, mas aos nossos inimigos de classe. E mesmo que os agentes da burguesia dentro das nossas próprias fileiras "acolham" a nossa crítica e autocrítica em palavras, não o fazem por convicção honesta, mas apenas por razões de camuflagem. Assim, nunca devemos permitir que os neo-revisionistas virem a arma da crítica e da autocrítica, que usamos corretamente, contra nós próprios. Com base a) no encobrimento dos erros do Comintern e do Cominform e b) na sua "correção" sem convicção, defeituosa ou incompleta, não podemos reconstruir estes dois instrumentos indispensáveis do proletariado mundial e do movimento comunista mundial. Queremos e devemos reconstruir o Comintern e o Cominform. Mas fazemo-lo apenas com base nos ensinamentos sólidos dos 5 clássicos do marxismo-leninismo, através da aplicação correta do princípio bolchevique da crítica e da autocrítica.

O que estava certo e o que estava errado?

O Cominform estava sem dúvida nas mãos de Estaline no início.

Mas - ao contrário da opinião dominante - os revisionistas modernos já tinham as suas mãos durante a sua vida. Desde o início, o Cominform foi infiltrado e apunhalado pelos revisionistas modernos, apenas para cair completamente nas mãos dos revisionistas modernos após a morte de Estaline. Quase todos os delegados do Cominform eram apenas em palavras "estalinistas" e isso desde o início. Em retrospetiva histórica, os factos mostram que nem um único membro do Cominform seguiu o caminho de Estaline, o caminho do marxismo-leninismo. Mais cedo ou mais tarde acabaram por ser declarados opositores de Estaline e ocuparam cargos de liderança no campo mundial revisionista. A maioria dos delegados do Cominform foram traidores à revolução e ao socialismo, traidores à União Soviética de Lenine e Estaline, traidores à Albânia socialista sob a liderança do camarada Enver Hoxha. E aqui a nossa linha de demarcação não corre apenas após a morte do camarada Estaline. O curso para a conquista do poder pelos revisionistas começou mesmo antes disso.

Na era da Internet, os jovens em particular são mais influenciados por imagens e especialmente por imagens históricas do que por textos escritos, que a burguesia explora extensivamente com as suas manipulações multi-camadas. Quem quer que tenha o poder material neste mundo também governa sobre a Internet e, portanto, sobre o poder da desinformação. Por exemplo, há muitas imagens da época do Cominform e do campo mundial socialista que supostamente dariam a impressão de autenticidade, que refletiriam exatamente a realidade daquela época 1:1. A isto chama-se transfiguração visual (óculos cor-de-rosa) da história. Contudo, a realidade não era de forma alguma como era retratada nas imagens de propaganda dos revisionistas. Mesmo os nossos camaradas não estão livres de não olhar de forma suficientemente crítica para tais imagens históricas. Não se deve ceder a qualquer desejo, mas olhar para a história como ela era, não subjetivamente mas objetivamente. As ilusões nunca foram um bom conselheiro para a revolução mundial.

Tomemos como exemplo os atuais preparativos de guerra do imperialismo mundial, incluindo os belicistas dos imperialistas russos liderados por Putin. Putin não está apenas a tentar colocar os fascistas do seu lado, mas também os sociais-fascistas. Como é que Putin o faz? Muito inteligentemente, porque ele era um oficial do KGB. Os sociais-fascistas receberam dele a ordem de fazer desaparecer a transformação criminosa do campo mundial socialista num campo mundial revisionista atrás da bandeira de Estaline, a fim de atrair os estalinistas como coelhos para a cozinha de Putin. Os sociais-fascistas utilizam estas imagens antigas do tempo do Cominform para esconder a hipocrisia dos revisionistas em relação a Estaline naquela época, e finalmente para apresentar os crimes dos revisionistas como "méritos de Estaline". Putin devia a sua ascensão ao poder a nenhum outro senão aos revisionistas soviéticos e os estalinistas são supostos aplaudir isto! Aqueles que se recusam a aplaudir e que viram através da demagogia de Putin e da demagogia dos

seus lacaios social-fascistas são acusados de serem "trotskistas". Estas acusações vêm do campo dos neo-revisionistas - especialmente contra o Comintern (EH). Os neo-revisionistas são precisamente os lacaios dos líderes do imperialismo, como Putin é. O que queremos dizer é o seguinte: A atitude crítica em relação ao Comintern não é um tópico histórico apenas para refrescar ou alargar o nosso conhecimento histórico. Não se trata apenas de uma atitude, mas do uso de uma arma ideológica na luta de classes de hoje, que nos lança pelo caminho da vitória da revolução socialista mundial. A análise, avaliação e generalização de experiências tanto positivas como negativas com o Cominform deve permitir-nos, em última análise, elevar a comunicação e cooperação das secções do Comintern (EH) a um nível mais elevado sob as condições futuras do socialismo mundial.

Por todas estas razões, é por isso necessário olhar mais de perto para este chamado "socialismo" dos revisionistas na época do Cominform, na altura da emergência das democracias populares - com o método marxista do materialismo histórico e dialético. Nós estalinistas-hoxhaistas nunca devemos esquecer que do caminho nacionalista ao "socialismo", ou seja, no caminho burguês ao "socialismo", o social-fascismo teve inevitavelmente de se desenvolver com as suas consequências atuais, como se pode ver no nacionalismo reacionário, na xenofobia, no fascismo aberto, etc., nos países do antigo bloco de Leste.

Voltemos ao Cominform.

Em última análise, o Cominform de Stalin foi dissolvido pelos revisionistas modernos, como já tinha acontecido antes com o Cominform de Lenine e o Comintern de Stalin. Foram os revisionistas modernos nos países individuais do bloco de Leste que destruíram o caminho das democracias populares para o socialismo a partir de baixo. E foram os revisionistas soviéticos que destruíram o campo socialista de Estaline a partir de cima. Os revisionistas modernos que, através da hipocrisia no Cominform, evadiram as purgas de Estaline (de cima E de baixo) foram também os mesmos que mais tarde foram responsáveis pelas purgas criminosas contra nós estalinistas.

Em suma, o nosso trabalho científico sobre a verdade do Cominform deve ser continuado à luz dos novos conhecimentos, o que conduzirá inevitavelmente a correções autocríticas da nossa atual avaliação crítica.

Assim, não estamos a defender o Cominform por grosso, tal como não o estamos a criticar por grosso. Olhamos um pouco mais de perto para os bastidores. Defendemos apenas o que era estalinista acerca do Cominform, enquanto criticamos tudo o resto que consideramos revisionista acerca dele, nomeadamente "estalinista" em palavras e anti-estalinista em atos.

Em 1956, com o XX Congresso do Partido do PCUS, os revisionistas modernos estavam firmemente na sela e podiam assim abandonar completa e definitivamente a sua máscara anterior de "estalinismo", que ainda tinham utilizado no período Cominform. E consequentemente, não foi por acaso que 1956 foi o ano da dissolução do Cominform, que o Cominform foi finalmente enterrado como uma "relíquia da malfadada era de Estaline".

Com base nos ensinamentos dos 5 Clássicos do Marxismo-Leninismo, o Comintern (EH) continuará as críticas ao revisionismo moderno também sobre a questão do Cominform. Estamos conscientes de que, ao fazê-lo, iremos incorrer no desagrado dos neo-revisionistas, que tentarão provar na nossa posição crítica em relação ao Cominform, uma nova "confirmação" da nossa alegada "traição" ao Marxismo-Leninismo. Contudo, não baixaremos o nosso nível ideológico por causa deles, e certamente não ao nível mais baixo dos neo-revisionistas, onde compensam a sua incapacidade de lidar com conteúdos ideológicos com insultos, tal como aprenderam com os revisionistas modernos.

Deixemos os neo-revisionistas tagarelar tão alto e tanto quanto queiram. Nós, por outro lado, mantemos o nosso curso estalinista-hoxhaista a fim de realizar os nossos objetivos revolucionários.

É nosso dever virar completamente do avesso a historiografia do Cominform falsificada pelos revisionistas modernos. Deste modo, continuamos o desarmamento ideológico dos neo-revisionistas que começámos, derrubamos uma arma ideológica atrás da outra das suas mãos.

O neo-revisionismo sobre a questão do Cominform consiste em reconhecer por palavras a sua vitória sobre o Titoísmo, mas ao mesmo tempo ocultar ou justificar a traição de todos os outros revisionistas modernos do campo socialista mundial que - especialmente no Cominform - se esconderam por detrás da luta contra o Titoismo a fim de o reabilitarem após a morte de Estaline.

Neo-revisionismo é "anti-Titoísmo" em palavras e Titoísmo em atos.

O neo-revisionismo é a justificação do uso de meios revisionistas na luta anti-revisionista.

Aqueles que tentam combater o revisionismo com revisionismo estão de facto a lutar contra o Estalinismo-Hoxhaismo.

Esconder o próprio revisionismo (por exemplo, o de Dimitroff) por detrás do revisionismo dos outros (por exemplo, o Titoismo) é o neo-revisionismo.

Neo-revisionismo é "anti-revisionismo" em palavras e revisionismo em atos.

Se alguém chama à nossa luta contra o neo-revisionismo dogmatismo e sectarismo, nós gritamos-lhe as palavras de Enver Hoxha:

"Tirem os vossos óculos revisionistas e verão mais claramente"!

Antes de lidarmos diretamente com o Cominform, tratemos do campo socialista mundial no qual o Cominform tem operado.

O que é o campo socialista mundial?

O movimento comunista mundial tinha sido enfraquecido pela guerra em geral e pela dissolução do Comintern, em particular, que mudou abruptamente com a vitória na Segunda Guerra Mundial. Tal como no final da Primeira Guerra Mundial, também no final da Segunda Guerra Mundial, o movimento comunista mundial continuou a expandir-se. A União Soviética emergiu da Segunda Guerra Mundial mais forte e tornou-se uma alavanca ainda mais poderosa do movimento comunista mundial em geral e da revolução socialista mundial em particular, especialmente através da criação do campo socialista mundial.

Enver Hoxha descreveu a formação do campo socialista mundial como "o maior evento desde a Revolução de Outubro". (Enver Hoxha, em: "Eurocomunismo", página 19)

Especificamente, desde o período imediato do pós-guerra, o campo socialista mundial tem sido entendido num sentido mais restrito como o campo dos países libertados do fascismo e liderados pela União Soviética. A doutrina de Estaline sobre a criação do campo socialista mundial, a transição do período do "socialismo num país" para o período da formação da união de vários Estados socialistas, e portanto o alargamento do campo socialista mundial, este é um dos pilares do estalinismo. A doutrina leninista do "socialismo num só país" baseia-se originalmente na refutação da "teoria da impossibilidade do socialismo num só país" trotskista.

Quanto ao futuro desenvolvimento histórico do trotskismo a este respeito, o trotskismo considerou "o socialismo num só país" como "impossível". Mas quando foi construído apesar dos trotskistas, foi quando os trotskistas criaram a sua "oposição" a fim de conduzir o caminho do socialismo para os caminhos da restauração do capitalismo. Quando Estaline atingiu os trotskistas na cabeça e quando a construção comum do socialismo em vários países se tornou finalmente possível através da vitória na Grande Guerra Patriótica, os trotskistas usaram os seus métodos de divisão para isolar, enfraquecer e liquidar a União Soviética de Lenine e Estaline, para dividir o campo socialista e entregá-lo ao campo mundial imperialista, por exemplo com o cogumelo de divisão chamado Tito. Hoje em dia, é possível construir o socialismo mundial diretamente após a queda do imperialismo mundial, razão pela qual os trotskistas também negam esta possibilidade, tal como outrora negaram o socialismo num "único" país. Os trotskistas seguiram esta linha de liquidação no período anterior ao primeiro estado socialista, depois no socialismo "num" país, e finalmente o trotskismo continuou o seu trabalho de raiz no campo socialista. E hoje? Hoje, os trotskistas continuam a sua linha de liquidação na luta contra o Comintern (EH) pela revolução socialista mundial, pelo socialismo mundial e pelo comunismo mundial.

A doutrina de Estaline sobre a criação do campo socialista mundial, a transição revolucionária do "socialismo de um país" para o "socialismo de vários países", é um dos pilares do estalinismo.

Estalinismo-Hoxhaismo ensina que os revisionistas modernos utilizaram mal o slogan leninista do "socialismo num país" como capa e camuflagem para o seu caminho burguês-nacionalista para o "socialismo". No período pós-guerra, o velho slogan leninista do "socialismo num país" já estava ultrapassado pela formação do campo socialista, porque a União Soviética já não estava sozinha. Com o "socialismo em alguns países", Estaline tinha definido um rumo direto para o "socialismo em todos os países do mundo"! E foi precisamente isto que os revisionistas modernos nas democracias populares impediram com a sua concepção do "caminho nacional para o socialismo" burguês (sobretudo Tito). Ao mesmo tempo, os revisionistas soviéticos estabeleceram o rumo para a subjugação das democracias populares e eventualmente transformaram-nas nos seus estados vassalos.

Estalinismo-Hoxhaismo distingue o socialismo "num" país do socialismo num país - ou seja, primeiro com aspas e segundo sem aspas, onde um país socialista com aspas é rodeado por países capitalistas, enquanto um país socialista sem aspas é rodeado por países socialistas. O campo mundial socialista no período pós-guerra consistia assim, ao contrário do que acontecia no passado, em fronteiras com países capitalistas, bem como fronteiras com países socialistas.

Quando a União Soviética ainda era o único país socialista do mundo, Lenine e Estaline ainda definiam o campo socialista mundial como o baluarte do movimento comunista mundial contra o capitalismo liderado pela União Soviética, como o campo de todas as forças unidas pelo proletariado mundial, através do qual a época do capitalismo mundial terminaria e seria substituída pela época do socialismo mundial.

Sob as condições da globalização, o conceito do campo socialista mundial também mudou. O Comintern (EH) usa o novo termo do campo socialista mundial para este efeito.

Estes novos estados socialistas mundiais, que são o resultado da vitória do proletariado mundial sobre o imperialismo mundial, são qualitativamente diferentes dos antigos estados socialistas do primeiro período do socialismo. Já não são os Estados socialistas que, como no passado, estão ameaçados pela inevitabilidade da restauração do capitalismo. Já não são, portanto, os estados socialistas nacionais que têm de coexistir em vida e morte com os estados capitalistas. Os Estados socialistas mundiais já não estão rodeados por Estados capitalistas hostis, mas estão a desenvolver-se numa coexistência pacífica verdadeiramente mútua, dentro do espírito do internacionalismo socialista. Estes Estados socialistas mundiais fundir-se-ão numa federação de repúblicas soviéticas que acabarão por se fundir num único Estado socialista mundial. O Estado socialista mundial que emergiu do processo de fusão da federação de repúblicas soviéticas será então seguido

pelo processo de dissolução do Estado socialista mundial, pelo qual o último Estado existente nesta terra terá desaparecido no comunismo mundial.

No meu artigo sobre o 50º aniversário da contra-revolução na Hungria (1956), escrevi sobre as duas principais tendências revisionistas no campo socialista mundial:

"Temos de trazer à luz do dia que, nessa altura, os revisionistas não só da Jugoslávia e da União Soviética, mas todos sem excepção, estavam unidos para esmagar o socialismo, o marxismo-leninismo, o poder dos trabalhadores. Todos os revisionistas internos e externos estavam envolvidos na contra-revolução na Hungria, mesmo que representassem os seus próprios interesses particulares (não deixar de mencionar: a influência revisionista através da entrevista de Togliatti). Em particular, a contra-revolução foi pré-arranjada entre os Titoístas, por detrás dos quais se encontrava o capital mundial, e os revisionistas de Khrushchev, os representantes do imperialismo social russo, e eles também trabalharam juntos durante e após a contra-revolução, tanto em segredo como abertamente. Havia duas direções principais no campo dos revisionistas modernos. Uma direção, a mais forte, baseou-se no revisionismo soviético, que se camuflou com a "continuação" da tradição da gloriosa União Soviética de Lenine e Estaline, a fim de transformar os aliados em vassalos do social-imperialismo russo e de aparecer como um forte baluarte imperialista com o objectivo de lutar contra o marxismo-leninismo, contra o socialismo, contra as revoluções em países individuais e contra a revolução mundial. A outra direção tinha o mesmo objetivo, mas em rivalidade com o revisionismo soviético. Tito em particular, mas também Togliatti e outros líderes revisionistas como Mao mais tarde, tentaram implementar o seu revisionismo à sua própria maneira independente, em demarcação da clique revisionista soviética. Ambas as principais tendências revisionistas serviram o capitalismo mundial para enfraquecer, dividir, liquidar os elos em cadeia do socialismo, para enterrar o comunismo. Todos os revisionistas concordaram em aparecer em nome do "socialismo" e do "marxismo", para culpar os verdadeiros marxistas-leninistas pela sua traição revisionista ao comunismo. Todos os revisionistas modernos atiraram lama aos nossos líderes, os camaradas Estaline e Enver Hoxha, e transformaram-nos em "criminosos". Os nossos líderes marxistas-leninistas deviam ser os bodes expiatórios de todos os atos contra-revolucionários dos revisionistas modernos".

Depois da grande burguesia dos países democráticos populares ter voado para o estrangeiro, a nova burguesia revisionista emergiu ali.

Se a grande burguesia, que tinha fugido da Rússia após a revolução, ainda tivesse podido chamar os intervencionistas estrangeiros em seu auxílio, foi a União Soviética de Estaline, com o seu Exército Vermelho, que protegeu os Estados Democráticos do Povo das incursões militares dos imperialistas estrangeiros. Foi a União Soviética de Estaline que garantiu a inviolabilidade das democracias populares e não tanto da classe trabalhadora no

seu país, como foi o caso na Albânia. As democracias populares deviam a sua existência unicamente ao Exército Vermelho e não tinham emergido da revolução socialista, nem tinham sido arrastadas por uma guerra civil subsequente. A classe operária nas Democracias Populares não estabeleceu a ditadura do proletariado segundo o modelo da Revolução de Outubro, mas foi liderada por um partido unido de revisionistas e social-democratas, tornando-lhe assim impossível construir o socialismo sob o domínio da classe operária. A classe operária não tinha um partido bolchevique de aço de um novo tipo, como na União Soviética. Esta era a fraqueza decisiva das democracias populares e facilitava aos revisionistas modernos a manutenção e expansão do seu poder.

Em vez de construir o socialismo, os revisionistas das Democracias Populares estavam principalmente interessados na ajuda económica do Plano Molotov, a fim de se enriquecerem a si próprios para o utilizarem na construção do capitalismo no seu próprio país. Estavam interessados no campo socialista mundial apenas na medida em que pudessem tirar dele vantagens para si próprios. Sim, espremer para fora. Os líderes revisionistas das democracias populares exploraram por todos os meios as contradições e conflitos entre os EUA e a União Soviética, injetando dinheiro nestes países a fim de os integrar na sua esfera de poder, por um lado, ou, por outro, para os satisfazer de modo a permanecerem na esfera de poder dos social-imperialistas soviéticos como os "Estados arruinados". Os juramentos a Estaline caíram em silêncio após a sua morte. Mas os líderes revisionistas das Democracias Populares nunca tiveram realmente de sofrer, porque aquilo que tinham arrebatado em lucros através da escravização pelos revisionistas soviéticos, eles espremeram do seu próprio povo através da dupla exploração. Assim, as Democracias Populares revisionistas - primeiro a Jugoslávia e depois todas as outras que se seguiram - começaram a obter créditos do campo capitalista mundial, primeiro afastando-se de Estaline por alguns dólares e depois gradualmente dos revisionistas soviéticos, cujo poder se aproximava do seu colapso através da sua própria restauração do capitalismo. O internacionalismo de Estaline diferia do nacionalismo da Democracia Popular revisionista por ter aderido à política marxista-leninista sobre a questão nacional, que também tinha implementado com tanto sucesso na construção e cooperação das repúblicas soviéticas. Em 1947, Estaline tinha reconhecido e invertido o erro de criar sociedades conjuntas com os países irmãos democráticos dos povos para a exploração dos recursos minerais. Estaline pensou e agiu abnegadamente ao conceder ajuda económica, enquanto Khrushchev prosseguiu o caminho capitalista da exploração impiedosa das democracias populares, em detrimento do campo socialista mundial. Assim, a CMEA de Estaline foi transformada pelos revisionistas soviéticos num instrumento de controlo e exploração dos países membros. Estaline não tinha - como erroneamente foi acusado -, vigiado esferas de influência com os

imperialistas após a capitulação dos fascistas hitlerianos, mas pelo contrário, tinha protegido todos os países do mundo das garras dos imperialistas.

O campo socialista mundial que Estaline tinha criado foi a maior vitória do comunismo após a vitória da Revolução de Outubro. Mas a história provou que o campo socialista mundial - excepto a Albânia - se afastou cada vez mais do caminho do socialismo até que o poder dos revisionistas modernos foi estabelecido e, após a morte de Estaline, o campo socialista mundial transformou-se num campo mundial revisionista e foi finalmente dissolvido pelo imperialismo mundial. A decadência do Cominform foi o resultado da colaboração entre os imperialistas mundiais e os seus lacaios revisionistas através da qual o campo socialista mundial de Estaline foi liquidado. A única coisa que fazia lembrar o campo mundial socialista era o nome "socialismo", por detrás do qual na realidade o capitalismo se escondia, que cresceu para o imperialismo social e o fascismo social e finalmente caiu como fruto maduro no solo da autocracia do imperialismo mundial. Isto teve um impacto negativo não só no movimento comunista mundial, mas também no movimento revolucionário de libertação nos países oprimidos e ex-colónias (as chamadas "guerras por procuração" dos imperialistas e imperialistas sociais). 1949 Fundação da NATO e instigação da Guerra da Coreia pelos imperialistas americanos.

O Cominform foi uma criação do Camarada Stalin, uma organização internacional para a construção e fortalecimento do campo socialista mundial. A morte de Estaline significou também a morte do Cominform, que foi conquistado por líderes do revisionismo moderno que finalmente o liquidaram. Estas foram as mesmas forças revisionistas que tinham anteriormente liquidado o Comintern.

Não se pode reconstruir corretamente o Comintern sem expor tanto os erros do Comintern como do Cominform, dando um relato autocrítico do facto de nós, estalinistas-boxistas, só agora estarmos a traçar uma linha clara sob a traição dos membros revisionistas do Cominform.

Atenção, estamos aqui a falar da mesma esmagadora maioria de representantes revisionistas do Cominform, alguns dos quais eram mesmo idênticos em termos de pessoal aos representantes dos partidos revisionistas no Comintern. [Exemplo PC da Itália: Togliatti (alias Ercoli)].

Tal como criticamos a dissolução do Comintern, também nós criticamos a dissolução do Cominform, que Stalin tinha criado na luta contra o revisionismo moderno. Torpedear a nossa revisão crítica urgentemente necessária da avaliação do Cominform, que até agora tem sido comum no movimento comunista mundial, é precisamente o que constitui a traição dos neo-revisionistas. Não é errado admitir erros, mas sim insistir nos erros. É aqui que o Estalinismo-Hoxhaismo difere do neo-revisionismo de hoje. Pois são os neo-revisionistas de hoje que defendem esta traição dos Cominformistas revisionistas e nos

chamam nomes estalinistas-hoxhaistas porque alegadamente queríamos arrastar a "reputação" do Cominform para a lama. Só os revisionistas e os seus sucessores, os neo-revisionistas, podem arrastar a reputação do Cominform para a lama, mas nós estalinistas-hoxhaistas, não. Desde o início, temos defendido a linha revolucionária de Estaline e Enver Hoxha contra os neo-revisionistas. Contudo, são os neo-revisionistas que "defendem" o Cominform em palavras, justificando e defendendo a hipocrisia dos revisionistas contra Estaline e a União Soviética. Desta forma, querem deixar escapar os revisionistas modernos, para que possam herdar o seu legado sem perturbações, nomeadamente o legado da traição revisionista da revolução e do socialismo. Não se pode derrotar o neo-revisionismo a menos que se desenraíze as suas raízes, que se tinham espalhado no Comintern e depois mais adiante no Cominform.

O Comintern (EH) analisa a história do Cominform do ponto de vista da necessidade de refundar o Comintern sobre os princípios do marxismo-leninismo - não se pode e não se deve adotar um ponto de vista diferente como um estalinista-hoxhaista como, por exemplo, os neo-revisionistas fazem. O Cominform pode ser considerado no sentido marxista-leninista como nada mais, como uma ajuda, como um passo no caminho para a refundação do Cominternismo - tudo o resto é revisionismo.

A fim de julgar o Cominform, é portanto decisivo que ao fundar o Cominform não se tirem consequências da degeneração revisionista e da dissolução do Comintern, que, na nossa opinião, só poderia consistir na reconstrução do Comintern sobre os alicerces do leninismo-estalinismo.

O princípio marxista-leninista da guerra civil é:

Se a guerra não pode ser evitada, se já rebentou, então deve ser terminada por uma revolução socialista, por meio de uma guerra civil revolucionária.

Este princípio é também aplicável à escala mundial.

Foi aplicada vitoriosamente sob a liderança de Lenine na Primeira Guerra Mundial. A Revolução de Outubro foi vitoriosa, a guerra civil na Rússia que dela resultou foi vitoriosa, e foi possível não só começar a construir o socialismo no primeiro país do mundo, mas também levar avante a revolução socialista mundial, apoiando a guerra civil na Alemanha e noutros países que estiveram envolvidos na Primeira Guerra Mundial. O Comintern de Lenine e Stalin serviu a revolução socialista mundial. O princípio marxista-leninista da guerra civil manteve a sua importância.

Foi aplicado com sucesso na Segunda Guerra Mundial sob a liderança de Estaline. A vitória do Exército Vermelho sobre o fascismo de Hitler deu à União Soviética uma posição de poder mundial que permitiu a Estaline construir o campo socialista mundial.

Em vez de utilizar a Segunda Guerra Mundial para a vitória da revolução socialista mundial e aplicar o princípio bolchevique da guerra civil revolucionária mundial e preparar o proletariado mundial ideológica, política e militarmente para a batalha decisiva contra a burguesia mundial, o 7º Congresso Mundial sob a liderança de Dimitroff tomou o traiçoeiro caminho do pacto com a burguesia, travou a luta pela revolução socialista mundial e apunhalou a União Soviética de Estaline nas costas, dissolvendo-a em plena Segunda Guerra Mundial. A liquidação do Comintern teve consequências devastadoras não só para todo o movimento comunista mundial, mas também teve um efeito corrosivo na criação do campo mundial estalinista.

Isto tornou-se evidente já 4 anos após a liquidação do Comintern, ou seja, na fundação do Cominform. O movimento comunista mundial tinha perdido o seu principal partido mundial e deixou os partidos comunistas à sua sorte, o que abriu a porta a influências burguesas como as do revisionismo moderno, nacionalismo, social-democracia, etc. Inspirados pela política da Frente Popular de Dimitroff, alguns partidos comunistas já se tinham unido aos social-democratas, enquanto outros partidos comunistas estavam a preparar esta unificação. Stalin fundou assim o Cominform na época desse processo de unificação, que deveria ajudar os revisionistas modernos a tomar o poder.Estaline foi forçado com o Cominform a contrariar esta luta pelo poder dos revisionistas modernos, a fim de evitar assim o perigo para a União Soviética, para o campo mundial estalinista, para o movimento comunista mundial e, em última análise, para a revolução socialista mundial. Se o Comintern não tivesse sido liquidado, a fundação do Cominform não teria sido necessária. A sua fundação era inevitável precisamente devido à degeneração revisionista do Comintern, era uma consequência da propagação do revisionismo moderno.

Comparada com a influência do revisionismo moderno no Comintern, a sua influência dentro do campo mundial estalinista assumiu uma nova qualidade porque os partidos nas chamadas "democracias populares" chegaram ao poder com a ajuda do Exército Vermelho e foram equipados pela primeira vez com órgãos estatais de poder correspondentes.

Qual era a situação no campo socialista mundial durante o tempo do Cominform?

Duas tendências complementares entravaram a construção do campo socialista mundial:

1. nas Democracias Populares, grandes obstáculos tinham ainda de ser removidos no caminho para o socialismo . Era apenas o começo.

2. Na União Soviética, a influência dos revisionistas soviéticos tornou-se um perigo crescente para a restauração do capitalismo. Um estava já no início do fim.

Enquanto o capitalismo nas Democracias Populares tinha primeiro de ser eliminado, os revisionistas soviéticos já estavam a começar a restaurar o capitalismo.

2
O Cominform
- Calendário - estrutura organizativa - participantes - tarefas - sobre as 3 conferências - dissolução do Cominform

Já em 27 de Maio de 1946, numa reunião com a delegação governamental jugoslava liderada por Tito, Estaline tinha apresentado no Kremlin um plano para a criação do Cominform.

De 22 a 27 de Setembro de 1947, a conferência fundadora do Kominform teve lugar na cidade polaca de Szklarska Poreba. O Kominform foi oficialmente fundada a 30 de Setembro de 1947.

A segunda conferência do Kominform realizou-se em Bucareste - Roménia, em Junho de 1948.

A terceira conferência de Kominform realizou-se em Budapeste - Hungria, em Novembro de 1949.

Realizaram-se também 4 reuniões do Secretariado do Kominform.

Todas as atas das decisões foram alegadamente (!) verificadas pessoalmente pelo CC do CPSU (B) e Estaline.

A Primeira Conferência do Cominform teve lugar na Polónia
de 22 a 27 de Setembro de 1947
Cadeira: Gomulka

Wladsylaw Gomulka perdeu o seu posto de Secretário Geral do Partido Trabalhista Polaco no Verão de 1948 (!). Após uma abrangente "autocrítica", perdeu todos os cargos,

foi expulso do governo e esteve na prisão de 1950 a Setembro de 1954. Assim, à frente da conferência de fundação do Cominform esteve um traidor !!!! Mas Gumulka não foi, de forma alguma, um caso isolado. Do princípio ao fim, o Cominform foi composto por revisionistas modernos que tinham fingido a sua devoção a Estaline e à União Soviética, a fim de seguirem o seu caminho até ao fim após a sua morte no mais profundo social fascismo .

Participantes na Primeira Conferência:
Da Polónia Gomulka e Minc (ambos revisionistas).
Minc, Hilary (1905-1974), teórico da economia polaca

[Relatório dos delegados soviéticos a Estaline: "os polacos são cobardes e não querem associar-se"].

da Jugoslávia: Kardej e Djilas (Titoístas) [a delegação soviética passou a seguinte mensagem a Estaline: "os relatórios de Kardej e Djilas causaram uma muito boa impressão"]. (Esta mensagem a Estaline, esta adulação dos Titoístas deve ser lida na língua!!!).

Kardelj, Edvard (1910-1979); membro do CP desde 1928; formado na escola do partido em Moscovo; organizador da guerra partidária de 1941 na Eslovénia; membro do Conselho Supremo de Guerra; depois de 1945 no CC e Politburo, colaborador próximo do Tito 1948-1954 Ministro dos Negócios Estrangeiros

da Roménia Dej e Anna Pauker Dej foi uma colaboradora do Ocidente; Anna Pauker foi expulsa do Partido romeno com a aprovação de Estaline como membro de um grupo anti-partidário e encarcerada em 1953. Foi delegada no 7º Congresso Mundial).

da Hungria: Farkas e József Révai (ambos revisionistas) - [Relatório a Estaline: "Em geral, o relatório da Revai foi bom"].

Revai, Jozsef (1888-1959), membro fundador do PC em 1918; emigrou para a CSR após a queda da república soviética; membro do CC exilado; regressou à Hungria em 1930 e foi preso; de 1933/34 na URSS trabalhou para o aparelho da ECCI; 1937-1939 trabalho partidário ilegal em Praga; de 1940 no departamento de propaganda de KOMINTERN; regressou à Hungria em 1944; 1945-1948 secretário do CC em Budapeste; 1945-1953 Ministro da Educação Nacional; mais tarde expulso do PB .

de França Duclos, Fajon, Georges Cogniot (os três revisionistas; Duclos= delegado ao 7º Congresso Mundial)

de Itália Longo e Reale, Longo tornou-se Secretário Geral do CP revisionista italiano, Reale foi também revisionista) [comunicação a Estaline: "O relatório de Longo causou uma impressão dolorosa na maioria dos participantes"].

Reale, Eugenio (1905-1986) - renunciou ao PC em 1956.

da Bulgária Chervenkoff e Kostoff - (ambos revisionistas).

Kostov, Traicho, D. (1897-1949); membro do CC do Partido Comunista Búlgaro desde 1924; preso, libertado em 1929; trabalhou em Moscovo no Secretariado dos Balcãs; organizou a guerra partidária contra os alemães durante a guerra; preso em Abril de 1942; libertado da prisão em 1944; Secretário-Geral do movimento partidário de 1933; Vice-Primeiro Ministro da Bulgária (1949); preso e executado em 14 de Dezembro de 1949.

e da Checoslováquia Slansky e Bashtevan. (Ambos revisionistas)

Os deliberadores concordaram na sua primeira conferência:

1. estabelecer um gabinete de informação composto por representantes do Partido Comunista dos referidos países.

2. confiar ao Gabinete de Informação a tarefa de organizar um intercâmbio de experiências e, se necessário, coordenar as atividades dos partidos comunistas, com base num acordo mútuo.

3. Incluir no Gabinete de Informação dois representantes de cada um dos respectivos Comités Centrais, a designar e a trocar por eles.

4. O Gabinete de Informação publicará uma edição bimensal, mais tarde uma edição semanal. Esta será publicada em francês e russo e, se possível, em outras línguas. 5.

5. O Gabinete de Informação deverá ter a sua sede em Belgrado.

Porque é que Estaline mudou a sede do Comintern ?

Moscovo foi e continuou a ser o centro do campo socialista mundial durante o período do Comintern. No entanto, Estaline decidiu não instalar a sede do Cominform em Moscovo, mas sim deslocá-la para o Ocidente, a fim de enviar vários sinais:

1. Para os imperialistas americanos, cuja estratégia era transformar toda a Europa num baluarte anticomunista contra a União Soviética.

2. para as novas democracias populares, cuja independência e autonomia deveriam ser sublinhadas por este facto.

3. Em cada conferência de Kominform, a sede era transferida para um novo país. Em 1947, o Kominform foi constituído na Polónia, e no ano seguinte a sede foi transferida para Bucareste, porque a transferência prevista para Belgrado não era necessária devido à ausência de Belgrado da segunda Conferência do Kominform. A terceira conferência realizou-se em Budapeste, em 1949.

Porque é que Belgrado foi originalmente planeada como sede do Cominform? Desta forma, Estaline queria influenciar melhor aquele país que já se tinha afastado mais da posição da União Soviética em todos os aspetos e em todos os campos e que se tinha aproximado cada vez mais do Ocidente. Estaline tentou dar a Tito uma rédea mais curta no seu próprio país. A sede em Belgrado seria mais adequada para deixar a linha desviante nos países ocidentais colidir com a linha desviante da Jugoslávia, para depois trazer primeiro os partidos ocidentais, depois a Jugoslávia e finalmente todos os outros países da Democracia Popular de volta ao curso correto do estalinismo. Num sentido real, o Cominform foi o instrumento de Estaline para libertar os partidos comunistas, tanto fora como dentro do campo socialista mundial, da influência do revisionismo moderno e para expulsar os desviantes. O Cominform foi o primeiro instrumento internacional da purga anti-revisionista fora da União Soviética. A ideia de dar ao Cominform uma função mais de controlo a partir de Moscovo surgiu das experiências negativas com o Comintern a este respeito. Os líderes do Comintern já se tinham retirado demasiado da influência de Estaline. A purificação do Comintern tinha-se revelado ainda mais difícil do que a purificação do Cominform. Os oportunistas certos da CEIC há muito que tinham colocado o Comintern a dormir e permitido que ele morresse lentamente, de modo que no final Estaline decidiu concordar com a sua dissolução. Na segunda conferência do Cominform, da qual os Titoístas se afastaram e foram prontamente expulsos, foi decidido transferir a sede para Bucareste, de onde rolaram então as cabeças dos traidores na Roménia e Bulgária. Na 3ª Conferência Kominform, foi decidido mudar a sede para Budapeste, de onde rolaram os chefes dos revisionistas húngaros e checoslovacos.

Os Titoístas, que ainda tinham participado na 1ª conferência de Kominform, recusaram-se a participar na 2ª conferência, onde foram então também expulsos da Kominform.

Nas conferências Cominform os revisionistas modernos demonstraram submissivamente a sua hipocrisia em relação à União Soviética, ao PCUS (B) e sobretudo em relação a Estaline!

E nos atos, os revisionistas modernos, por sua vez, lutaram contra os estalinistas. Por exemplo, o delegado polaco Kominform, Jakub Berman, foi expulso do partido por causa do seu "terror estalinista", os estalinistas Gottwald da Checoslováquia e Bierut da Polónia foram assassinados pelos revisionistas soviéticos. Todos estes crimes contra os estalinistas ocorreram enquanto o Cominform ainda estava no poder ou imediatamente a seguir.

Além de Rakosi e Jakub Berman, estes foram na sua maioria representantes do revisionismo moderno que participaram nas conferências de Kominform.

O que pensar de Malenkov, Suslov, Judin e outros traidores, aprendemos com Enver Hoxha (Enver Hoxha: "Os Khrushchevistas")!

Os participantes agiram por conta própria no seu país e avançaram cada vez mais na direção de um revisionismo moderno. Na sua maioria, já se encontravam no meio do lodo do revisionismo moderno.

O representante Cominform da Checoslováquia era o traidor Slansky, que era um agente de Tito, um trotskista e um sionista e foi condenado à morte em 1952 !

Clementis, Vladimir (1902-1951); membro do Partido Comunista desde 1924; desde 1953 deputado do CP; exilado em Londres em 1939; Ministro dos Negócios Estrangeiros checo em 1948; membro do CC em 1949; preso em 1951, condenado à morte no julgamento de Slansky; executado em Dezembro de 1952.

Quanto a Togliatti, é uma provocação direta para nós estalinistas-boxistas que ele ousou aparecer como representante do Cominform depois de ter sido um dos principais mestres da liquidação do Comintern! - Ele não deveria ter participado de todo. Tal como muito poucos traidores revisionistas tinham sido julgados, também Togliatti deveria ter sido condenado à morte pela sua traição não só durante e após o Cominform , mas antes disso apenas pela sua traição ao Comintern .

O Cominform não foi preenchido com o espírito revolucionário do Comintern de Lenine e Estaline. Os delegados eram sobretudo mafiosos revisionistas.

Vejam-se os números que fizeram a sua política revisionista no Cominform: Suslov, Duclos, Togliatti e os líderes revisionistas na Jugoslávia, Polónia, Roménia, Bulgária, etc. Muitos espiões e agentes, cuja atividade pode ser rastreada até ao tempo da Gestapo, foram delegados do Cominform, alguns dos quais por sua vez foram executados depois de terem realizado as suas atividades de agente durante 2 anos desde a existência do Cominform, sem que o Cominform supostamente se apercebesse de nada a esse respeito. Os agentes que foram enviados para o Cominform foram na sua maioria executados, mas aqueles que os mantiveram escondidos e que têm a verdadeira responsabilidade por isso, como Tito e Dimitroff - todos eles nunca foram responsabilizados, nem condenados.

Nenhuma das partes convidadas se apoiou nos fundamentos firmes do marxismo-leninismo. Todos estavam longe das posições do Comintern de Lenine e Estaline.

Todos os espiões e agentes que tinham sido condenados após a expulsão da Jugoslávia do Cominform foram, a propósito, reabilitados no XX Congresso do Partido do PCUS.

Slánský (Checoslováquia) Julgamentos de Praga, Dezembro de 1952. E que mais estava no relatório de Malenkov a Estaline? Elogiou expressamente o relatório de Slansky sobre o PC da Checoslováquia na conferência fundadora do Cominform! Slansky, a propósito, foi também um delegado ao 7º Congresso Mundial).

László Rajk (Hungria) executado a 15 de Outubro de 1949.

Kostoff, (Bulgária) condenado à morte em Novembro de 1949 (como delegado do Cominform apenas 1 mês após a 3ª Conferência do Cominform!!).

Lucrețiu Pătrășcanu (Roménia) - foi executado na qualidade de agente dos imperialistas.

O julgamento de Kochi Xoxe na Albânia (este traidor foi enforcado em Maio de 1949) não deve passar despercebido.

Os julgamentos não foram sobre a má conduta pessoal dos acusados, mas sobre a condenação da sua atividade contra-revolucionária para os Titoístas e os seus defensores imperialistas. Como a purificação de elementos anti-partidários estava atrasada dentro do campo socialista mundial pode ser vista mesmo no Cominform. Alguns dos delegados ao Cominform foram executados ou encarcerados. Enquanto Estaline pudesse influenciar estes julgamentos dos traidores, o Cominform seguiu oficialmente o curso de Estaline. Pelo contrário, quando os traidores ganharam influência sobre os julgamentos, após os revisionistas modernos terem conquistado cada vez mais posições de poder, os estalinistas foram privados de poder, colocados na prisão ou assassinados. Estas purgas, que começaram com a fundação do Cominform, podem ser vistas como uma aproximação da transformação do Cominform Estalinista num Cominform anti-Stalinista. O período inicial do Cominform foi uma época do clímax da luta de classes mais aguda entre os estalinistas e os revisionistas modernos. Com a dissolução do Cominform, a luta entre os estalinistas e os revisionistas modernos não terminou. As ondas de julgamentos continuaram até cerca do XX Congresso do Partido do PCUS. Depois disso, o mais tardar, todos os traidores punidos pelos estalinistas foram reabilitados um a um. Isto também mostra quem pertencia aos estalinistas e quem pertencia aos anti-estalinistas na altura do Cominform.

Como o campo dos revisionistas modernos era "pacífico" e "democrático" na realidade, eles provaram não só com a sua reconciliação de classe e cessação da luta de classe contra a burguesia, mas também com o seu terror social-fascista contra os estalinistas no campo socialista, dentro dos partidos comunistas, dentro do movimento

comunista mundial. É claro que estes crimes anticomunistas contra os estalinistas não aparecem na historiografia burguesa revisionista. Aqui é acima de tudo o Comintern (EH), que não só pilha todos os revisionistas modernos sem excepção com o XX Congresso do Partido do CPSU, mas também os seus crimes durante o período Comintern (e não só os crimes dos revisionistas jugoslavos!).

O assassinato de Shdanov a 31 de Agosto de 1948 não coincide com a expulsão da Jugoslávia do Cominform. Em Janeiro do mesmo ano, a delegação jugoslava foi calorosamente recebida por Shdanov em Leninegrado, que não foi exactamente registada com boa vontade em Moscovo (fação Malenkov-Beriya). A propósito, Shdanov foi responsável no Politburo pelas relações com partidos comunistas estrangeiros.

Malenkov (fação anti-Stalinista Moscovo Malenkov/Beriya em competição com a fação de Shdanov em Leningrado / "caso" de Leningrado), Suslov (Brezhnevian)

Em 18 de Novembro de 1947, houve um encontro entre Estaline e Thorez
(presente: Molotov e Suslov).

Suslov esteve presente nesta reunião. Mas isto não o impediu, na terceira conferência do Cominform, de tomar a visão revisionista oposta e incluir na sua resolução a tese anti-estalinista do "socialismo de direita", uma tese que Estaline criticou duramente na conversa com Thorez: "Os líderes social-democratas da ala esquerda são os agentes da ala direita". (Estaline)

Esta luta contra o conciliacionismo em direção à ala "esquerda" da social-democracia tinha sido travada por Estaline no Comintern muitos anos antes. Isto evoluiu então para a fusão dos partidos comunistas e social-democratas, que o camarada Enver Hoxha sujeitou a duras críticas. Sob o disfarce da "frente unida dos trabalhadores", a ideologia do revisionismo moderno recebeu a sua expressão organizacional através desta fusão com a social-democracia - um partido revisionista. A ideologia revisionista do chamado "socialismo de direita" não só dominou após a morte de Estaline, como já teve uma influência determinante no Cominform durante a sua vida.

A SEGUNDA CONFERÊNCIA DO COMINFORM
teve lugar de 19 a 23 de Junho de 1948.

Os participantes:

B. Chervenkoff, Traicho Kostoff (Bulgária - ambos revisionistas)

G. Bares, B. Geminder, V. Siroky, R. Slansky (Checoslováquia) (todos revisionistas; Siroky foi delegado ao 7º Congresso Mundial)

Geminder, Bedrich (1901-1952); membro do PC desde 1921; trabalhou no aparelho KOMINTERN em Moscovo; depois de 1945 chefe de várias secções do Secretariado do Partido; detido em 1951; condenado à morte e executado

M. Farkas, E. Gero, Matyas Rakosi (Hungria) (todos revisionistas excepto Rakosi)

Farkas, Mihaly (1904-1985); de 1921 membro do Partido Comunista Checo; 1929-1937 líder da Juventude Internacional; participante na Guerra Civil Espanhola (1935-1943); ali ativo sob o nome de código "Michael Wolf"; candidato à presidência da ECCI; 1944 regresso à Hungria; 1945-1953 membro do Politburo; 1948-1953 Ministro da Defesa; sob a direção de Rakosi chefe do Serviço de Segurança (AVO); 1956 expulsão do partido e condenação

Gerö, Erno (1891-1980); membro do Partido Comunista desde 1918; fugiu para Viena em 1919; regressou à Hungria em 1922; lá foi preso e condenado a 15 anos de prisão; deportado para a URSS após 2 anos; de 1924 conselheiro COMINTERN em França e na Bélgica, então representante da NKDW na Guerra Civil Espanhola; Durante a Segunda Guerra Mundial, membro principal do partido exilado em Moscovo; após 1945, membro do Comité Central; no Politburo responsável pelas questões económicas e de segurança; em Outubro de 1956, fugiu para a URSS, expulso do partido em 1962 por causa do seu papel nos julgamentos de fachada; mais tarde trabalhou como tradutor.

J. Berman, A. Zawadski (Polónia) (o revisionista Zawadski substituiu Bierut após o assassinato de Bierut - Zawadzki, Aleksander (1899-1964); Presidente do Conselho Central dos Sindicatos Polacos, tornou-se Presidente do Conselho de Estado em 20 de Novembro de 1952.)

J. Berman (1901-1984); membro do PC desde 1924; no CC desde 1925; funções COMINTERN no SU; membro principal no governo polaco no exílio; em 1944 na Polónia; no OP responsável, entre outras coisas, pela segurança do Estado, ideologia e cultura; em 1956 expulso do CC devido ao seu papel nos julgamentos na Hungria; expulso do Partido em 1957. Até 1969 editor de uma editora de livros].

G. Georgiu Dej, V. Luca, Anna Pauker (todos revisionistas romenos) - (V. Luca era revisionista e foi reabilitado em 1968 [5 anos após a sua morte na prisão])

Etienne Fajon, Jaques Duclos (França) (ambos revisionistas)

Fajon, Etienne (1906-1991); de 1927 membro do CPF; 1932-1945 candidato ao Comité Central do PCF; 1936-1939 deputado; de 1935 responsável pelas escolas do quadro do PCF; 1940-1943 preso; 1945-1978 membro do Politburo; 1948-1950 editor-chefe de "Humanite", de 1958 seu director político

P. Secchia, Palmiro Togliatti (Itália) (ambos revisionistas)

Partido Comunista da União Soviética (Bolcheviques), A. Zhdanov, G. Malenkov, M. Suslov - todos representaram posições revisionistas no Cominform;

O Gabinete de Informação discutiu a situação no Partido Comunista da Jugoslávia e adotou por unanimidade uma resolução sobre a questão.

De acordo com a ata, a ordem de trabalhos da 2ª Conferência foi aprovada por unanimidade como se segue:

1. sobre a situação no Partido Comunista da Jugoslávia.

2. sobre as questões atuais:

a) a sede do Gabinete de Informação;

b) sobre a sede do jornal do Gabinete de Informação

c) a composição do conselho editorial do jornal

d) a Convenção Sindical Belga e o Conselho da Juventude dos Balcãs.

(Resolução do Politburo do Comité Central da RRS);

e) as candidaturas de alguns partidos comunistas para aderir ao Gabinete de Informação

e) os estatutos do Gabinete de Informação

g) sobre o aparelho do Gabinete de Informação.

A Terceira Conferência teve lugar em 1949,

de 16 a 19 de Novembro de 1949 em Budapeste - Hungria.

Cadeira: M. Rakosi (Hungria)

Togliatti P. (líder) [revisionista moderno].

D'Onofrio E.4 (Vice-Líder da Delegação) [1949 Secretário do Comité Central do Partido Comunista Italiano - revisionista moderno].

Chikalinini A.5 [?]

Longo L. [revisionista moderno: Longo, Luigi (1900-1980); co-fundador da CPI (1921); delegado no IV Congresso Mundial; 1927-1932 exilado em França; 1932-1935 em Moscovo; 1936-1939 Inspetor Geral das Brigadas Internacionais na Guerra Civil Espanhola; 1939 internado em França; 1941 extradição para a Gestapo; 5 anos de exílio; após a libertação 1943-1945 comandante de todos os grupos comunistas partidários no norte de Itália; 1964-1972 Secretário-Geral da CPI].

Delegação do Partido do Trabalho Húngaro

Rakosi M. (chefe da delegação) [Estalinista fraco, por exemplo, foi fundamental na fusão revisionista do PC com o Partido Social Democrata e não lutou consistentemente contra os revisionistas, especialmente Tito].

Gare E. (vice-líder) [?]

Revai I. [revisor moderno]

Kadar I.6 [revisionista moderno]

A delegação do comunista francês
Duclos J. (líder) [revisionista moderno, 7º Congresso Mundial]
Fajon E. [revisionista moderno]

Delegação do Partido Comunista de Toda a União (os bolcheviques)
Suslov MA (líder) [revisor moderno]
Judin P. F. [revisionista moderna]

Delegação dos Romenos
GeorgieG. Dej G. (líder) [revisionista moderno].
Kishinevsky I. (chefe adjunto) [revisor moderno].
Mogiorosh A. [revisionista moderno]

A Delegação do Partido Polaco dos Trabalhadores Unidos
Berman J. (líder) [Estalinista?]
Zavadsky A. [sucessor revisionista do Presidente Bierut - falecido em 1964 = renegado!]

A Delegação do PC da Checoslováquia
Slansky R. (líder) [sentenciado à morte como traidor em 1952]
Bashtovansky Sh. [revisionista moderno]
Kopřiva L. [revisor moderno]
Geminder B. [executado em conjunto com Slansky]

A delegação comunista do PC da Bulgária
V. Chervenkoff (líder) [= anti-Stalinista: relacionado por casamento com Dimitroff e tornou-se o seu sucessor].

V. POPTOMOV [revisionista moderno: Poptomov, Vladimir (1890-1952); membro do Partido Comunista Búlgaro; de 1935-1943 conselheiro no Secretariado da ECCI para os Balcãs em Moscovo; editor de 1943-1944 na Editora de Literatura de Língua Estrangeira em Moscovo; membro do Politburo 1949-1950 e em 1952 Ministro dos Negócios Estrangeiros da Bulgária CP].

Kostoff ainda estava presente na 1ª e 2ª reuniões do Cominform e foi condenado à morte em Dezembro de 1949. Foi o bode expiatório de Dimitroff para a Federação Anti-soviética dos Balcãs.

Participava como convidado:

Georgi Kumbiliev [revisionista moderno - Ministro do Comércio Externo da Bulgária].

____

*) Nota: não fomos capazes de identificar todos os nomes com a tradução russa do Google. Faltava-nos dinheiro para comprar a edição inglesa.

Agenda

1. proteger o mundo e lutar contra os senhores da guerra.

Discurso de Suslov. (União Soviética)

2. a unidade da classe trabalhadora e as tarefas dos partidos comunistas.

Discurso de Togliatti. (Itália)

3. luta contra o grupo Tito.

Discurso de Georgi Dej (Roménia)

e comunicado final dos representantes dos partidos comunistas sobre este assunto .

4. sobre o projeto de estatuto do Gabinete de Informação.

Duclos. (França)

No final do COMINFORM

Já com a morte de Estaline, o Cominform pode ser considerado extinto.

Entre o Verão e Dezembro de 1950, Togliatti recusou-se a assumir a presidência do Cominform e opôs-se assim abertamente ao campo socialista e ao seu Cominform. Basicamente, Togliatti exprimia aqui a sua atitude negativa em relação a Estaline e à União Soviética. Embora Khrushchev só tivesse dissolvido oficialmente o Cominform a 17 de Abril de 1956, a partir de 1951 Togliatti já tinha de facto contribuído para a existência do Cominform, tal como Beria e outros traidores a Estaline. A dissolução da KOMINFORM, tal como a dissolução da KOMINTERN, foi levada a cabo sem discussão e sem quaisquer consultas. O órgão Cominform concluiu dizendo:

"O Gabinete de Informação e o seu órgão de imprensa, a revista For Lasting Peace, For People's Democracy, desempenharam um papel positivo para o desenvolvimento e fortalecimento das relações fraternas, bem como para a troca de experiências entre os partidos comunista e dos trabalhadores, lançando luz sobre as questões da teoria marxista-leninista de acordo com as condições concretas dos vários países, bem como sobre a experiência do movimento internacional e comunista dos trabalhadores".

No final, Kominform só existiu através do conselho editorial do órgão Kominform. No sentido mais verdadeiro da palavra, o Kominform só existia "no papel" no final:

Sobre o órgão do Cominform

“Para uma paz duradoura, para a democracia popular".

Este slogan central por si só não é adequado para pôr em prática a linha geral do Kominform, nomeadamente, libertar o campo socialista mundial da crescente influência do revisionismo moderno e fazer do marxismo-leninismo a ideologia dominante do campo socialista mundial. Este slogan faz mais lembrar o pacifismo e o reformismo e nada tem a ver com a necessária orientação para a revolução e o socialismo. O camarada Enver Hoxha nunca falou deste slogan revisionista.

Quando o Cominform foi fundado, o marxismo-leninismo não era a ideologia dominante nestes países. E nunca se tornou a ideologia dominante nesses países até hoje. Com a libertação das Democracias Populares do fascismo de Hitler pelo Exército Vermelho, o proletariado não se liberta assim automaticamente da ideologia capitalista de exploração e opressão que ainda reina. Para tal, só foram criadas condições favoráveis a partir do exterior. Esta é uma tarefa que não pode ser resolvida de fora - por exemplo, pelo Exército Vermelho - mas apenas pela própria classe trabalhadora revolucionária, em particular pelo seu partido marxista-leninista no seu próprio país. A unificação organizacional dos partidos proletário e burguês teria sido impossível sem a unificação da ideologia proletária com a ideologia burguesa. A ideologia dominante na democracia popular era assim uma mistura de ideologia proletária e burguesa, com o poder político da velha grande burguesia já desintegrada pela guerra. A burguesia fugiu, mas não a ideologia burguesa. Deixaram-na para trás no país que tiveram de abandonar. E foi sobre esta ideologia burguesa que o revisionismo moderno conseguiu salvar a sociedade de classe burguesa, que os revisionistas modernos conseguiram cultivar o seu "caminho nacional para o socialismo" sob o disfarce do internacionalismo socialista e da amizade com Lenine e a União Soviética de Estaline.

A União Soviética de Lenine e Estaline encontrava-se nessa altura na fase histórica do pós-guerra, na qual tinha a tarefa de construir o campo socialista mundial sob a sua liderança, e isto sob a enorme pressão anticomunista do campo mundial imperialista. O cerco imperialista, que a União Soviética tinha quebrado com sucesso pela primeira vez com a Segunda Guerra Mundial, transformou-se num cerco do campo mundial socialista. Foi para se tornar historicamente que a União Soviética de Lenine e Estaline tinham dominado com sucesso a sua luta contra o cerco imperialista, o que mais tarde não se poderia dizer

das democracias populares. Depois dos revisionistas modernos terem tomado o poder, surgiu uma nova forma de cerco imperialista - nomeadamente, o cerco imperialista-revisionista da Albânia, o único país socialista após a morte de Estaline. As mesmas democracias populares que tinham impedido a adesão da Albânia ao Cominform estavam a combater não o Titoísmo mas o Hoxhaismo - ou seja, a fase mais alta de desenvolvimento do Marxismo-Leninismo-Estalinismo. O campo mundial socialista, que se tinha transformado num campo mundial revisionista, uniu-se ao campo mundial imperialista contra a Albânia socialista do camarada Enver Hoxha.

Tal como o Partido Bolchevique deve ser construído primeiro ideologicamente, o mesmo foi válido para a construção da União Soviética e ainda mais para o campo socialista mundial. Um campo socialista mundial que não é liderado pelos partidos bolcheviques e que não é guiado pelo marxismo-leninismo está condenado ao fracasso. Um campo mundial socialista deve ser construído sobre bases ideológicas corretas. Geralmente não foi este o caso. As condições para tal tinham de ser criadas primeiro. E isto incluiu o Cominform como um instrumento ideológico.

A paz duradoura não pode ser garantida pela democracia do povo, mas apenas pelo socialismo à escala mundial. A paz duradoura também não pode ser garantida apenas pela União Soviética de Lenin e Estaline. Isso só é possível através do socialismo mundial. Só é possível através do campo socialista mundial e não através do campo democrático mundial.

Pavel Yudin, editor chefe do órgão do Cominform, foi outrora um "professor vermelho" que tinha sido galardoado com o Prémio Estaline e tornou-se revisionista de Brejnev. Foi membro do CC do CPSU entre 1952 e 1961.

O órgão do Cominform apareceu uma vez por semana, geralmente todas as sextas-feiras, em 19 línguas do mundo. Relatava acontecimentos de todo o movimento comunista mundial, publicava documentos dos partidos comunistas, ou seja, não só os do campo mundial socialista (mais tarde revisionista). O órgão serviu não só a orientação ideológica, mas também a solução da questão internacional de estratégia e tática.

Seguindo o nome "Information Bureau", o "IB" ("Boletim de Informação") apareceu em Agosto de 1958 como o órgão sucessor, que foi publicado pela editora: "Paz e Socialismo" (Praga) ("Problemas de Paz e Socialismo") . A edição alemã foi publicada pelo revisionista STERN-Verlag - Viena. Temos este arquivo revisionista com as edições entre meados dos anos 60 e meados dos anos 80.

Agora às nossas observações críticas sobre o órgão do Gabinete de Informação do Partido Comunista e dos Trabalhadores: "Para uma paz duradoura, para a democracia popular":

Seleccionámos alguns exemplos a partir das questões entre 1947 e 1956. Os textos completos podem ser lidos em inglês para efeitos de estudo. Gostaríamos de salientar que os artigos são principalmente revisionistas, com excepção de um número muito reduzido de artigos marxistas-leninistas, entre os quais os artigos albaneses são particularmente dignos de nota. A maioria dos autores são revisionistas.

A 1 de Julho de 1948, o revisionista moderno Vahan Grigorian (confidente de Beriya e mais tarde sucessor de Suslov sob Brezhnev) foi nomeado editor-chefe adjunto do órgão Kominform.

O órgão do Kominform está repleto de artigos revisionistas escritos por revisionistas modernos:

de uma longa lista escolhemos apenas 4 exemplos de autores cujos artigos foram publicados no órgão de Kominform:

Roman Zambrowski (revisionista polaco que chegou ao poder com Gomulka após o XX Congresso do Partido do CPSU no partido unido com os social-democratas).

Mao Tse Tung (revisionismo chinês)

G. Dimitroff (revisionista bulagariano, liquidatário do Comintern, traidor do estalinismo)

Max Reimann - líder do partido revisionista do West-KPD; delegado ao 7º Congresso Mundial)

Walter Ulbricht - o pior de todos os revisionistas alemães)

Dolores Ibarruri (revisionista espanhola)

OTTO GROTHEWOHL, JOSEF CYRANKIEWICZ, HARRY POLLIT e todos os outros líderes do Partido Comunista daquela época, que se uniram aos partidos burgueses e social-democratas para formar partidos revisionistas, todos tiveram uma palavra a dizer no órgão publicado pelo Cominform. O Kominform fez-se o instrumento ideológico, político e organizacional internacional para levar os revisionistas modernos ao poder. E após os revisionistas modernos terem tomado o poder, já não precisavam da Kominform e dissolveram-na.

No início, as citações de Estaline ainda eram utilizadas diligentemente, mas apenas para decorar com elas o seu revisionismo. Mais tarde, o Cominform tirou esta máscara de Estaline.

Seguem-se comentários sobre questões selecionadas, das quais as poucas que podem ser utilizadas são marcadas como tal.

Nº 1, segunda-feira, 10 de Novembro de 1947

Documentos fundadores do Cominform (incluindo os documentos dos Titoístas).

No. 12 (15), terça-feira, 15 de Junho de 1948

Este número contém um artigo sobre crítica e autocrítica. Nele se elogia o facto de os PC de França e Itália terem praticado "autocrítica" no Cominform. Isto foi considerado como um exemplo digno de imitação. Tinha havido também "autocrítica" um ano antes por Thorez na sua conversa com Estaline. Mas toda esta "autocrítica" foi um grande bluff, porque estas duas partes - como todas as outras partes - seguiram o caminho do revisionismo moderno e, portanto, o caminho da traição de Estaline. Só se pode realmente falar de autocrítica quando as palavras são seguidas de atos. Estes partidos revisionistas não estavam dispostos nem eram capazes de o fazer. A crítica deve ser feita sobretudo ao Cominform, que elogiou este tipo de "autocrítica" e não a expôs.

Na mesma edição, a fusão do PC com o Partido Social Democrata é propagada pelo editor soviético-revisionista do órgão Kominform) que também vende esta fusão como expressão da "unidade da classe trabalhadora" sob o título provocador: "Estejam vigilantes contra os príncipes da organização do Partido Marxista". O mero escárnio!

Este slogan de unificação do Cominform não foi propagado na Rússia ou na Albânia, nem no Comintern, pelo menos não antes do Comintern cair no colo de Dimitroff. Mas Rakosi também elogiou a unificação entre o PC e SP nesta edição do órgão Kominform.

Nº 13 (16), Quinta-feira, 1 de Julho de 1948

Resolução sobre a situação do PC da Jugoslávia (o documento mais importante do Kominform!)

Este é também o primeiro número a ser publicado em Bucareste em vez de Belgrado, como foi o caso no início, com a redacção a ser transferida para a Roménia.

No. 16 (43), 15 de Agosto de 1949

A MÁSCARA está DESLIGADA - artigo do Pravda de 13 de Agosto de 1949 - artigo útil

Mas esta edição também publicou, entre outras coisas, um artigo do revisionista albanês Bedri Spahiu.

No. 18 (45), sexta-feira, 16 de Setembro de 1949.

“GANG DE CONSPIRADORES FASCISTAS, ESPIÕES E PROVOCADORES” - artigo utilizável.

Nº 4 (64), SEXTA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 1950.

O Cominform sobre os países Coloniais e Dependentes.

Sem a revolução socialista e o estabelecimento da ditadura do proletariado nos países imperialistas, não pode haver uma libertação completa na retaguarda do imperialismo. Isto é o que a Revolução de Outubro ensinou. Este factor central do esmagamento revolucionário mundial do colonialismo na aliança do proletariado mundial com os povos oprimidos, não é mencionado com uma sílaba neste artigo. São utilizadas citações de Estaline, mas em última análise, a essência deste artigo é preparar o caminho para o revisionismo moderno sobre a questão colonial.

No. 27 (87) Julho 1950

"Novo Passo do Tito Clique para Restaurar o Capitalismo na Jugoslávia" - a Jugoslávia nunca foi um país socialista, pelo que logicamente o capitalismo não pode ser "restaurado" na Jugoslávia, precisamente porque sempre existiu. No entanto, o que está correto no artigo é que a economia da Jugoslávia foi cada vez mais dominada pelos imperialistas americanos. Só a este respeito é que o artigo é útil.

No. 32 (92), 11 de Agosto de 1950

"Frente Popular e Democracia Popular"

O revisionista americano William Z. Foster, que aplaudiu a política da Frente Popular Dimitroff na América sem querer segui-la. Na sua opinião, um governo da Frente Popular é pura especulação desde que os EUA ainda não tenham sido afetados pelo fascismo.

"Não reconhecemos a inevitabilidade do fascismo, tal como não reconhecemos a inevitabilidade de uma terceira guerra mundial".

Aparentemente, de acordo com os comunistas americanos, existe um imperialismo "progressista" muito especial nos EUA - um sem guerra e fascismo (ver os mesmos contos altos do Browderismo). Trump ficará grato por este elogio. Foster continua a bater à volta do mato, dizendo que uma frente popular provavelmente ainda não está na agenda na América, mas é por isso que não deve ser perdida de vista em perspetiva. Todas as algaraviadas oportunistas, porque num país imperialista como os EUA, nada mais pode estar na ordem do dia a não ser a revolução socialista. É precisamente esta coisa simples, que todos os trabalhadores americanos compreendem, que o nove vezes sábio Wiliam Foster falhou em compreender toda a sua vida. Para isso, ele procura ainda mais conselhos do revisionista soviético Suslov e cita extensivamente os seus artigos do órgão do Cominform. Foster não duvida do papel da violência revolucionária em palavras, mas considera-a "desatualizada" nas condições atuais (como na altura do Cominform). Isto é

uma traição ao marxismo-leninismo, porque o leninismo é a doutrina marxista na época (também) do imperialismo (americano), uma época de revolução proletária (também nos EUA), a ditadura do proletariado aplica-se (também aos EUA).

Quanto às democracias populares, parecem estar de alguma forma a transformar-se pacificamente na ditadura do proletariado. Mas todas estas são apenas hipóteses com Foster. É tudo "não tão facilmente" aplicável na América, onde tudo é muito mais "complicado".

29 de Setembro de 1950

Artigo sobre o 1º aniversário da RPC

Mao Tse-tung disse: "Quando tivermos criado uma economia e cultura nacional florescente, quando todas as condições estiverem maduras, e quando isto for aprovado por todo o país, entraremos na nova era do socialismo no nosso avanço constante. "

Entretanto, a China é uma superpotência imperialista social e está mais longe do socialismo do que nunca ....

No. 11 (175), 14 de Março de 1952

"O caminho do Canadá para o socialismo" - "para o progresso democrático e a paz".

Em vez de democracia proletária, governo de frente popular com partidos burgueses. Nenhum socialismo no caminho para a revolução proletária. Sobre uma maioria no parlamento para o "socialismo".

No. 15 (179), 11 de Abril de 1952

Neste número aparece um artigo mais longo do camarada Enver Hoxha:

"O Partido do Trabalho da Albânia na Luta pela Criação das Fundações do Socialismo" - Enver Hoxha - Secretário Geral do CC do PAA.

- Esta contribuição é uma das poucas contribuições marxistas-leninistas no órgão do Cominform que não estão misturadas com ideias revisionistas. Salienta a luta dos albaneses contra o gangue fascista Tito.

No. 18 (182), 12 de Maio de 1952.

"O caminho britânico para o socialismo" [!]

"A vitória da luta de libertação dos povos coloniais e dependentes é inseparável da vitória dos objetivos da democracia, independência nacional e paz em todo o mundo".

(Ligado a tudo menos ao comunismo).

Escrito por Palme Dutt, que trocou a sua lealdade a Estaline pela sua lealdade aos revisionistas soviéticos (dos quais recebeu a sua pensão com um rendimento anual de

£15.000 até à sua morte). Palme Dutt defendeu a fação dos revisionistas soviéticos contra a facção dos eurocomunistas no PC revisionista da Grã-Bretanha.

No. 27 (191), 4 de Julho de 1952

Um artigo sobre o 30º aniversário dos Estados do Partido Comunista do Japão:

"As ideias de Mao Tse-tung também devem ser as nossas ideias".

Viva a independência, a liberdade e a paz para o Japão!

Viva a libertação nacional, viva a revolução democrática!"

No. 19, 8 de Maio de 1953

"O Caminho da Suécia para o Socialismo" - No programa do partido adoptado no 16º Congresso do Partido da CP da Suécia, nada se encontra do caminho da revolução socialista e do estabelecimento da ditadura do proletariado, apenas os slogans habituais dos revisionistas modernos de "paz, democracia e poder do povo".

No 51, 23 de Dezembro de 1955

O artigo: "A doutrina conquistadora de MARX-ENGELS-LENIN-STALIN" - publicada no aniversário (!) de Estaline é reduzida pelos revisionistas modernos a (!):

"As grandes ideias do marxista-leninismo, que iluminam o caminho para a paz, liberdade e progresso para toda a humanidade, continuam a viver".

Este ensinamento ilumina "tudo" ? Sim, excepto por uma pequena coisa: o caminho revolucionário para o socialismo e o comunismo foi obscurecido pelos revisionistas modernos....

Os "Prémios Estaline" foram atribuídos a 9 de Dezembro de 1955 - não a comunistas merecedores, mas - a.

Lazaro Cardenas- Presidente do México;

Sheikh Mohammed Al-Ashmar-Syria;

Josef Wirth-German Reich Chancellor (Partido do Centro Católico) ;

Ton Duc Thang-Presidente sob a liderança revisionista de Le Duan);

Ragnar Forbekk-pastor da Catedral de Oslo.

1956:

Khrushchev: Num dos últimos números (Fevereiro de 1956) do órgão do Cominform, o seu discurso no XX Congresso do Partido foi publicado (!!!) - ou seja, no órgão do Cominform de Estaline, de todas as coisas, que ele liquidou depois de publicar o seu

discurso anti-estalinista! Isto mostra em que mãos a Kominform estava na realidade - nas mãos dos revisionistas soviéticos!

Claramente, Khrushchev dissolveu o Cominform depois de se ter curvado taticamente perante os olhos de Tito durante uma visita a Belgrado em 1955 para se aliar a qualquer pessoa que apoiasse o seu curso contra Estaline. Se o grande mérito do Cominform era condenar o Titoísmo, no final teve de ver a Jugoslávia transformada de novo num país "socialista" graças a Khrushchev. E até Mao aplaudiu.

PARTE II

3
Relação entre o Comintern e o Cominform

Qual é a diferença entre o Comintern e o Cominform ?

O Comintern foi a forma mais elevada de organização de classe proletária mundial fundada por Lenin.

O Comintern era a mais alta forma de organização da classe trabalhadora do campo socialista mundial libertado do fascismo de Hitler, fundado por Estaline.

Formalmente, em contraste com o Comintern, o Cominform era apenas um "órgão de informação e aconselhamento sem autoridade superior de decisão", não vinculativo para os partidos comunistas. De facto, as decisões e resoluções do Cominform deram direcção e foram decisivas para uma acção comum, não só para o campo socialista mundial, mas também para todo o movimento comunista mundial.

Sem Estaline, sem a liderança da União Soviética, não teria existido o Cominform. Dizemos: a fundação do Cominform era urgentemente necessária e tem um lugar firme na história do movimento comunista mundial.

No entanto, temos de nos colocar a questão crítica: Havia uma teoria do Cominform sobre a qual se baseava a sua fundação e a partir da qual a sua prática era orientada? Ao responder a esta pergunta, encontramos:

A teoria do Cominform, a determinação científica do seu papel na história do movimento comunista mundial, não foi elaborada na sua fundação. Uma teoria do Comintern, na qual o Comintern não tem qualquer relevância, é construída sobre areia, é

uma teoria burguesa e não uma teoria socialista. O Comintern (EH) considera erradas as conclusões tiradas pelo Cominform do Comintern, uma traição ao Comintern de Lenine e ao Comintern de Estaline. Para o Comintern (EH), a teoria do Cominform não pode ser outra coisa senão o necessário desenvolvimento posterior da teoria do Comintern. O papel do Cominform como mediador da troca de informações dos partidos comunistas dentro do campo mundial socialista com o envolvimento de dois partidos comunistas do campo mundial imperialista só poderia contribuir como um primeiro passo para a solução da sua tarefa. Contudo, antes mesmo de chegar ao desenvolvimento de uma teoria independente do Cominform, que define o Cominform como a organização de classe mais elevada do campo do mundo socialista com os seus correspondentes princípios bolcheviques de organização, o Cominform já estava nas mãos dos revisionistas modernos e foi dissolvido por eles quando já não tinha qualquer utilidade para eles. Uma teoria do Cominform que não se desenvolve sobre os alicerces firmes do Comintern de Lenine e Estaline, que ignora ou mesmo nega o papel do Comintern na construção do campo socialista mundial, só pode ser uma teoria revisionista. Esta é, para nós, uma das lições mais importantes da história do Comintern.

Em vez de uma elaboração prévia de uma teoria do Cominform orientada para o objetivo revolucionário do socialismo mundial, na realidade apenas as velhas táticas dimitrofianas da frente popular foram assumidas e pragmaticamente impostas ao Cominform. O Cominform não estava preocupado com o objetivo da revolução socialista mundial e com o estabelecimento da ditadura do proletariado mundial, pois tinha sido ancorado no programa de Lenine e do Comintern de Estaline. O Comintern não foi além de cimentar o status quo da coexistência pacífica entre os campos mundiais socialistas e imperialistas com o slogan principal da luta democrática e pacífica. O slogan de Lenin da Revolução de Outubro não se encontra no Cominform. O Cominform opôs-se à violenta revolução socialista e à ditadura do proletariado.

A revolução mundial foi a defesa do slogan de Lenin também no programa Comintern. Por conseguinte, o programa Comintern continua a ser a base da nossa linha geral e do nosso programa sobre o comunismo mundial de hoje. Nós defendemos o programa Comintern tal como defendemos o Manifesto Comunista. No que diz respeito ao campo socialista mundial, o que já foi corretamente escrito sobre a União Soviética no programa Comintern só poderia ter sido alargado ao campo socialista mundial e assim atualizado. Mas a continuação do Comintern foi rejeitada e rejeitada desde o início pelo Cominform. Até hoje, procuramos em vão uma refutação baseada na teoria Marxista-Leninista sobre a correção ou validade do programa do Comintern. Tanto quanto sabemos, nunca houve uma decisão publicada oficialmente para justificar, quanto mais declarar, a invalidade do programa Comintern. Foram tomadas decisões sobre a dissolução do

Comintern, mas não sobre a invalidade do programa do Comintern. Dizemos nós: Um campo mundial verdadeiramente socialista segue a bandeira revolucionária mundial do programa Comintern, orienta-se a si próprio e a outros, orienta-se pelo programa Comintern, defende-o contra o revisionismo moderno. Mas o Cominform e o campo socialista mundial não queriam saber mais nada sobre o programa Comintern, e por isso o seu destino estava predeterminado, nomeadamente tornar-se vítimas dos revisionistas modernos. Na nossa opinião, o desenvolvimento revisionista poderia ter sido impedido se o Cominform e o campo socialista mundial tivessem sido construídos estritamente de acordo com os princípios do marxismo-leninismo. Assim, tudo o que nos resta hoje é tirar lições para o futuro, para que tal história do Cominform não se repita.

Como portador da ideologia estalinista-hoxhaista do proletariado mundial, é tarefa do Comintern (EH) contribuir retrospetivamente para a teoria do Cominform, porque estamos a lutar, afinal, pela restauração do campo mundial socialista, embora para um campo mundial socialista diferente, nomeadamente modificado sob as condições da globalização atual. Um trabalho teórico completo e abrangente não pode ser feito no âmbito deste artigo, pois para tal é necessário um artigo teórico separado. Mas iremos pelo menos delinear as caraterísticas básicas da teoria do Cominform.

O campo socialista mundial não precisa apenas do papel de liderança do país socialista mais desenvolvido para ser construído e para crescer. Precisa também do proletariado dentro do campo mundial imperialista - e vice-versa. O socialismo mundial só pode ser vitorioso através da unificação de todo o proletariado mundial numa "frente internacional", como Estaline o disse, ou seja, através da unificação do proletariado do campo mundial imperialista com a classe trabalhadora do campo mundial socialista na luta pela vitória da revolução socialista mundial, sem a qual o imperialismo mundial não pode ser derrubado. Não é a classe operária do campo socialista mundial como parte do proletariado mundial que sozinha percorre o caminho para o socialismo mundial. Não é apenas uma parte, mas todo o proletariado mundial unido está a trilhar este caminho para o socialismo mundial numa "frente internacional", a frente da revolução socialista mundial.

O campo mundial socialista serve o proletariado mundial para uma libertação global revolucionária e não o contrário. A libertação revolucionária do proletariado mundial não pode ser subordinada por nada e por ninguém. A unidade da classe trabalhadora só pode ser alcançada através da via revolucionária e não através da via revisionista. O fim do capitalismo e o início do socialismo à escala mundial mantém-se e cai com a revolução socialista mundial. Os interesses do proletariado mundial como um todo são sempre superiores aos interesses dos proletários de cada país, portanto também superiores aos interesses da classe trabalhadora, que forma o campo socialista mundial. Esta é uma velha doutrina marxista, tal como já formulada no Manifesto Comunista. E ter um acampamento

mundial socialista não muda a sua validade. O Comintern (EH) também adotou isto na sua linha geral e adere a ela.

O campo mundial socialista é uma alavanca com a qual a divisão do proletariado mundial numa parte já libertada e ainda escravizada é quebrada. Mas seria insensato assumir que esta é a única alavanca. Pelo menos tão indispensável é a alavanca da revolução socialista dentro do campo do mundo imperialista. E é apenas através da sua combinação que se cria a alavanca necessária para libertar o velho mundo. O campo mundial socialista não torna supérflua a revolução mundial socialista, como o Cominform assumiu erroneamente. O campo mundial socialista apenas cria melhores condições para o derrube violento do campo mundial imperialista, o qual não pode provocar por si só. No entanto, o Cominform nunca trabalhou na direção da revolução socialista mundial e nunca o quis fazer. Limitou-se à luta democrática. Não somos de modo algum contra a luta democrática, mas ela deve ser orientada para a realização da revolução socialista, cuja necessidade o Cominform negou. Segundo os ensinamentos dos 5 Clássicos do Marxismo-Leninismo, a luta democrática é um instrumento indispensável para a realização da revolução socialista. Qualquer luta democrática que não tenha como objetivo a vitória da revolução socialista é uma luta pela democracia burguesa e não pela democracia proletária, que só pode acontecer através do derrube violento da burguesia. Para nós estalinistas-hoxhaistas, um campo mundial socialista significa muito, mas não tanto que renunciaríamos à revolução mundial socialista apenas com o campo mundial socialista nas nossas mãos e - como o Cominform infelizmente fez - a fim de desimpedir o campo mundial imperialista num caminho pacífico e democrático. Este caminho conduziu diretamente aos braços do campo imperialista mundial. E não podia ser de outro modo, porque era um caminho revisionista, um caminho de traição ao marxismo-leninismo.

O que aprendemos com esta história lamentável do desenvolvimento revisionista do Cominform?

Uma vez que o Cominform não poderia ser outra coisa senão a mais alta organização de classe do campo socialista mundial, falta aqui a existência da Internacional Comunista que, de acordo com os ensinamentos do Estalinismo-Hoxhaismo, como a mais alta forma de organização de classe do proletariado mundial, tem de desempenhar o papel principal até à entrada no comunismo mundial, ou seja, também durante a construção do campo socialista mundial. A fim de pôr fim à velha era do capitalismo mundial e de o substituir pela nova era do socialismo mundial, a Internacional Comunista, como sua organização de vanguarda, é de importância decisiva e absolutamente indispensável para o proletariado mundial. Esta é a lição mais importante que aprendemos com o erro do Cominform.

Será que o papel de liderança do Comintern significa ao mesmo tempo a renúncia ao papel de liderança do Cominform? E isto significa consequentemente que só pode haver o Comintern e não o Cominform? Não, não significa de todo que não. Para o proletariado mundial não há alternativa para escolher entre o Comintern ou o Cominform. O Comintern estava correto e permanece. O Cominform também estava correto e permanece. O problema era apenas que o Cominform não podia cumprir a sua tarefa de forma alguma sem o Comintern. Portanto, só a dissolução do Comintern é que estava errada e não a fundação do Cominform.

O Estalinismo-Hoxhaismo ensina que nem o Cominform substitui o Comintern nem, inversamente, o Comintern substitui o Cominform. Ambos são formas supremas de organização da classe trabalhadora, ambas indispensáveis na fase de construção do campo socialista mundial, e ambas se complementam. O Cominform é parte integrante do Comintern, ou seja, a vanguarda independente daquela secção do proletariado mundial que já está libertada do capitalismo. Só em conjunto com o Comintern e sob a liderança do Comintern poderá o Cominform cumprir as suas tarefas de liderança independente no campo socialista mundial. O Cominform cobre apenas a liderança de uma parte do proletariado mundial e não pode ao mesmo tempo ser o líder de todo o proletariado mundial. Um Cominform é inútil para o proletariado mundial, através do qual não há mais espaço para o Comintern. A chamada "função proxy" do Comintern deve ser rejeitada por princípio, porque não corresponde aos ensinamentos do estalinismo-hoxhaismo. O proletariado mundial precisa sempre do seu próprio partido mundial, desde que o proletariado mundial exista. Sem o partido proletário mundial, sem a Internacional Comunista, o proletariado mundial não pode alcançar o socialismo mundial, nem do socialismo mundial ao comunismo mundial. O Cominform lidera o campo socialista mundial, enquanto o Comintern lidera o proletariado mundial inteiro.

Que relação deve haver entre o Comintern e o Cominform?

Muito simplesmente. A relação entre o Comintern e o Cominform corresponde à relação que já existia entre o Comintern e o PCUS (B) do camarada Lenin e Estaline. A relação entre a União Soviética e o Comintern é meramente alargada como a relação entre o campo socialista mundial e o Comintern, com o papel de liderança do país socialista mais desenvolvido permanecendo intocado, ou seja, continuado e alargado.

Tal como o Comintern é indispensável para representar todos os interesses do proletariado mundial, também o Cominform é indispensável como representante dos interesses da classe trabalhadora dentro do campo socialista mundial. Infelizmente, o Comintern já não podia desempenhar o seu papel principal na construção do campo socialista mundial porque tinha sido dissolvido pouco antes. Esta dissolução do Comintern é, portanto, considerada a maior traição da história do proletariado internacional. Esta

traição consistiu, portanto, sobretudo no facto de o Cominform ter tido de assumir a sua atividade sem ser liderado pelo Comintern. Se o Comintern tivesse continuado a liderar no espírito de Lenine e Estaline, teria certamente sido muito mais difícil para os revisionistas modernos de deitarem as mãos ao Cominform. O proletariado mundial poderia ter evitado isto mais facilmente com o Comintern do camarada Lenin e Estaline a continuar a existir (não, claro, com o "Cominterno" de Dimitroff). O proletariado mundial e o movimento comunista mundial têm assim tanto a experiência do Comintern como a experiência do Comintern, mas não a experiência de um Comintern integrado no Comintern. A história instruiu-nos para ganharmos nós próprios esta experiência, assim que tivermos criado o novo campo socialista mundial, que - como sempre sublinhámos - não pode e não será uma mera cópia do antigo campo socialista mundial.

O estalinismo-hoxhaismo ensina, com base na experiência histórica, que um campo socialista mundial deve falhar se não for construído sob a liderança de todo o proletariado mundial e da sua Internacional Comunista e, sem o Comintern, cair na dependência unilateral do país socialista mais forte. O proletariado mundial é a única classe revolucionária neste mundo globalizado e mais ninguém. Por conseguinte, esta classe global deve também deter consistentemente a liderança sobre o campo socialista mundial e, portanto, naturalmente também sobre o país socialista mais desenvolvido. Isto não significa de modo algum que este país perca a sua função como a mais importante alavanca da revolução socialista mundial e deixe de ser a força motriz no caminho para o socialismo mundial. Muito pelo contrário. Através do alargamento do campo socialista mundial, a União Soviética tornou-se mais forte do que nunca.

O mesmo se aplica ao papel do Partido Comunista no país socialista mais desenvolvido, tanto o seu papel dentro do Cominform em particular como o seu papel dentro do Comintern, em geral.

O estalinismo-oxaísmo ensina que a transição do campo socialista mundial para o socialismo mundial é impossível sem a Internacional Comunista e o Cominform como o seu departamento mais importante. Do mesmo modo, a construção e consolidação do campo socialista mundial em termos de transição para o socialismo mundial é impossível sem a força motriz do país socialista mais avançado dentro do campo socialista mundial. Se o proletariado mundial criou novamente um campo socialista, então o objectivo da república socialista mundial não pode ser alcançado sem a liderança da Internacional Comunista e do seu Departamento Cominform.

O problema teórico do Cominform está assim resolvido? De forma alguma. Seria resolvido com base na falsa premissa de que o acampamento socialista mundial poderia trazer o socialismo mundial pelos seus próprios esforços. Sempre rejeitámos rigorosamente esta falsa teoria pelas razões acima mencionadas, porque o trabalho do socialismo mundial

só pode ser o trabalho de todo o proletariado mundial. Assim, no nosso modelo teórico anterior, ignorámos completamente o facto de que não pode haver apenas um Cominform. Se o campo socialista mundial tem a sua própria forma mais elevada de organização de classe sob a forma do Cominform, porque não haveria o proletariado no campo imperialista mundial de ter a sua própria forma mais elevada de organização de classe? Este é o cerne da questão.

O estalinismo-hoxhaismo ensina que sob a liderança da Internacional Comunista, nas condições de um mundo dividido num campo da classe trabalhadora e num campo da burguesia, não deve haver um mas necessariamente dois Cominformes. Este é um Cominform como organização de vanguarda da classe operária no campo do mundo socialista, e o outro Cominform como organização de vanguarda do proletariado no campo do mundo imperialista.

Escolhemos aqui o conceito diferente de proletariado e classe operária, pelo qual entendemos pelo termo "proletariado" a parte ainda não libertada do proletariado mundial e pelo termo "classe operária" a parte libertada do proletariado mundial. Como termo genérico, utilizamos o "proletariado mundial" desde que ainda não se tenha libertado a nível global, ou seja, completamente. No socialismo mundial, devemos então usar um novo termo, tal como "classe trabalhadora mundial", para a demarcação apropriada.

A necessidade da revolução socialista mundial permanece até à libertação completa do proletariado mundial inteiro. Não se torna, portanto, supérflua pelo campo mundial socialista, porque só com isto o proletariado mundial não pode e não será capaz de se libertar a si próprio.

A nossa definição do campo socialista mundial é a de um campo que emerge da revolução socialista nos países individuais, ou seja, um campo que se expande através da vitória da revolução socialista em países sempre novos que se juntam voluntariamente ao campo socialista mundial. Fora da União Soviética, onde a revolução de Outubro já tinha triunfado em 1917, apenas a Albânia emergiu do campo socialista mundial do camarada Estaline, no único país onde a revolução popular foi transformada na revolução socialista de Siegrie. Consequentemente, havia apenas dois países onde prevalecia a ditadura do proletariado, na União Soviética de Lenine e Estaline e na Albânia do camarada Enver Hoxha. Assim, os partidos comunistas representados no Cominform não eram partidos que tinham conduzido a revolução socialista à vitória. Não há revolução socialista sem liderança do Partido Bolchevique. E não houve partidos bolcheviques (já não havia) após o 7º Congresso Mundial como havia antes do 7º Congresso Mundial do Comintern, com os quais os proletários poderiam ter sido conduzidos à vitória da revolução socialista. O Exército Vermelho não podia suspender as leis da revolução socialista nos países libertados do fascismo de Hitler, não podia transformar os partidos contaminados com a Linha

Dimitroff novamente em partidos bolcheviques, mas apenas o proletariado nos países libertados do fascismo de Hitler.

O Exército Vermelho só poderia fazer uma coisa, a saber, libertar os países do fascismo hitleriano, a fim de facilitar o caminho dos proletários para a revolução socialista e criar condições mais favoráveis para a restauração do caráhter bolchevique dos partidos ali existentes, por outras palavras, para expurgar os revisionistas modernos. E estas condições externas foram vitoriosamente criadas pelo Exército Vermelho graças a Estaline. O Exército Vermelho não podia e não foi autorizado a fazer mais, porque a revolução socialista deve vir de dentro, do próprio proletariado. No entanto, Estaline ajudou muito estes países através da criação do Cominform, tal como sempre ajudou os outros países e os seus partidos comunistas desinteressadamente e partilhou tudo fraternalmente com eles. O Cominform não foi apenas um grande presente do grande internacionalista proletário Estaline, mas também do criador do internacionalismo socialista, nomeadamente, o internacionalismo do campo mundial de Estaline. No espírito do internacionalismo socialista de Estaline, vamos construir a república socialista mundial e dar uma nova contribuição para o fortalecimento do estalinismo-hoxhaismo com o desenvolvimento da doutrina do internacionalismo socialista.

Um partido comunista que se manteve na luta contra o fascismo de Hitler não faz automaticamente dele um partido comunista que lidera a revolução socialista e constrói o socialismo. Há uma grande diferença. A vitória sobre o fascismo de Hitler foi ganha principalmente pelo Exército Vermelho de Estaline e não principalmente pelos partidos comunistas e as suas próprias organizações de libertação. Assim, chegou aos governos populares de frente e à fusão com partidos burgueses com os quais se pode construir o capitalismo, mas não o socialismo. O socialismo só pode ser construído sob a liderança exclusiva dos partidos bolcheviques, como os criados para este fim na União Soviética e na Albânia.

Mesmo partindo da premissa teórica de que as condições de um campo mundial socialista teriam sido preenchidas, ou seja, que este campo teria pelo menos emergido da revolução socialista da esmagadora maioria dos países que lhe pertencem, isto não altera a indispensabilidade de outro Cominform no campo mundial imperialista.

Como deveria ter sido o segundo Cominform, o Cominform dentro do campo imperialista, ou como deveria ser no futuro, quando estamos simultaneamente a reconstruir o Cominform de um campo mundial socialista recentemente restaurado?

Antes de virarmos o nosso olhar para o futuro, voltemos ao tempo do primeiro "Cominform" da Europa Ocidental, cuja construção começou após o Primeiro Congresso Mundial. Este foi o chamado "Western European Bureau" - "WEB" para abreviar. Nessa altura, o campo mundial socialista de 1947 ainda não existia, mas Lenine e a União

Soviética de Estaline, que representavam os interesses da parte libertada do proletariado mundial no Comintern, formaram as suas tropas de choque, por assim dizer. Para além do "West Bureau", o Comintern iniciou também o

Primeiro Congresso dos "Povos do Oriente" (Baku)

em Setembro de 1920, onde também houve cooperação com representantes do West Bureau (Holanda) a fim de unir a luta comum do proletariado mundial com os povos oprimidos explorados pelo campo imperialista. Infelizmente, o primeiro congresso foi também o último. Foi conduzido por Zinoviev, Radek e outros traidores à causa do proletariado mundial. Mais tarde, foi criada a Liga contra o Imperialismo, que se baseou na experiência de Baku e foi novamente dissolvida devido ao crescente domínio da linha dissidente de Münzenberg. O imperialismo mundial atingiu a sua fase mais alta e final nas atuais condições de globalização. Todos os países do mundo foram transformados em países capitalistas com um proletariado mais ou menos desenvolvido. O exército globalizado do proletariado mundial está objetivamente maduro para o derrube revolucionário internacional do imperialismo mundial. Para vencer na revolução socialista mundial de hoje, ainda não há necessidade de um Comintern enquanto não tiver sido formado um novo campo socialista. E já não há necessidade de uma Liga contra o Imperialismo, porque a composição de classes nas colónias e entre os povos oprimidos mudou através da globalização a favor de um proletariado crescente. Em todos os países do mundo, a sociedade de classes capitalista existe agora, a contradição entre trabalho assalariado e capital é a contradição básica, que, como é bem sabido, só pode ser resolvida através de uma revolução socialista. Hoje em dia, a revolução socialista mundial está na ordem do dia.

Assim, se no início da atividade do Comintern havia um Bureau ocidental (para liderar o então proletariado nos países capitalistas) e uma organização anti-imperialista para os povos oprimidos (Baku), que lutavam juntos sob o lema: "Proletários de todos os países e povos oprimidos - uni-vos!", este lema já não é relevante nas condições atuais de um capitalismo totalmente globalizado e deve, portanto, ser descartado.

Nessa altura, este slogan estava correto e pode ser considerado - embora sob condições diferentes hoje em dia - como o precursor de dois gabinetes do Comintern.

A WEB [West-European Bureau] foi uma alavanca do Comintern para a difusão da Revolução de Outubro em direção ao Ocidente, especialmente em direção à Alemanha, onde a próxima vitória da revolução socialista era esperada (1918, Revolução de Novembro, 1923; Levante de Hamburgo, etc.). O Primeiro Congresso do Comintern ainda não elegeu um Comité Executivo. Deveria ser composto por delegados dos partidos comunistas da Rússia, Alemanha, Áustria, Hungria, Liga dos Balcãs, Suíça e Escandinávia. Nas primeiras semanas de 1920, S. J. Rutgers e um pequeno grupo de colaboradores foram

encarregados pelo Comintern de criar um escritório do Comintern na Europa Ocidental, em Amesterdão. Este, contudo, estava nas mãos de Wijnkoop e Henriette Roland-Holst, que foram criticados por Lenine e Estaline pelo seu oportunismo correto, da mesma forma que nós fazemos com Dimitroff, que assumiu a liderança da WEB em Berlim em 1929. O escritório de Wijkoop em Amesterdão tinha emitido um boletim em três línguas. A sua primeira ação foi convocar uma conferência internacional de grupos pertencentes ao chamado "campo da esquerda" na Europa e na América. Já no segundo dia da conferência, a reunião foi interrompida pela polícia. O escritório do Comintern em Amesterdão teve de ser encerrado em Abril de 1920 por decisão da CEIC e foi reaberto em Berlim como uma farsa - onde a partir de agora a WEB foi criada de acordo com as regras conspiratórias de ilegalidade. Na WEB, para além de Dimitroff, houve outras figuras que traíram o Comintern e mais tarde tornaram-se líderes dos revisionistas modernos (por exemplo, Otto Kuusinen).

Com a chegada ao poder do fascismo de Hitler em 1933, a WEB foi transferida em parte para Paris e em parte para Copenhaga. Com a viragem do 7º Congresso Mundial, o Comintern já não precisava de uma WEB, porque desde então a revolução socialista já não estava na agenda dos países capitalistas ocidentais.

No mundo atual do imperialismo, o proletariado mundial é globalmente explorado e oprimido, razão pela qual a questão de dois Cominformes num mundo dividido em dois campos não se coloca atualmente para o Comintern (EH).

Quanto ao tempo no futuro socialismo mundial, o Comintern (EH) já preparou um projeto de constituição para a URSS onde está previsto um sistema bicameral segundo o modelo da constituição de Estaline e da constituição da RASV da Albânia. No novo sistema mundial socialista, a antiga função do Cominform como líder do campo mundial socialista desaparecerá, bem como a antiga função do outro Cominform, que era o líder do proletariado no campo mundial imperialista - mas eles poderiam assumir uma nova função comum. Ambos os antigos Cominformes "campo", que se tornaram supérfluos, poderiam ser fundidos numa nova organização de classe unida de secções nos países socialistas mundiais individuais. Claro que, neste novo Cominform, com as suas novas funções no sistema socialista mundial, as secções continuariam a estar sob a liderança do Comintern, que permanece incontestado como a organização de classe suprema de toda a classe trabalhadora mundial sob o socialismo mundial, a fim de a conduzir globalmente para o comunismo mundial. A relação entre a União Soviética Mundial e as repúblicas soviéticas socialistas mundiais individuais corresponde assim à relação entre o Partido Mundial e as suas secções socialistas mundiais individuais, que se tornaram os únicos e principais partidos no seu país. Continuamos a utilizar como modelo a estreita relação criada por Estaline entre o PCUS central (B) e os partidos nas repúblicas soviéticas individuais.

O Cominform das secções e o Comintern não formam assim uma contradição no socialismo mundial, mas uma combinação significativa da mais alta organização de classe, que continuará a existir até que todos os países socialistas mundiais se tenham fundido entre si e, com a entrada na sociedade mundial sem classes, as nações tenham deixado de existir, transformando-se em associações voluntárias, tal como descrito no Manifesto Comunista de Marx e Engels.

Depois deste breve esboço do nosso modelo teórico dos dois Cominformes dos dois campos mundiais e da sua nova função no socialismo mundial, voltamos a algumas questões históricas do camarada Comintern de Estaline.

A relação entre o Comintern e o Cominform reflete-se, entre outras coisas, na relação da sua infiltração contra-revolucionária.

Até à dissolução do Comintern, foi sobretudo infiltrado pela Gestapo, enquanto que após a dissolução do Comintern, a infiltração dos partidos comunistas veio dos serviços secretos dos imperialistas anglo-americanos - inicialmente mais pelos serviços secretos britânicos e depois, cada vez mais, pelos serviços secretos americanos. Assim, os delegados contrabandeados para as reuniões do Comintern foram tais agentes e espiões que já tinham trabalhado para os imperialistas anglo-americanos ou para os Titoistas como sua agência na Europa Oriental e do Sudeste no final da década de 1930 e depois durante a Segunda Guerra Mundial, que é documentada em detalhe pelos numerosos e extensos arquivos de julgamento.

Tanto as atividades dos agentes no Comintern como no Cominform foram dirigidas principalmente contra Estaline e a União Soviética. Através da União Soviética, o perigo da revolução socialista mundial emanava principalmente do Comintern, enquanto que através da vitória soviética sobre o fascismo de Hitler, o perigo já emanava de um campo socialista mundial. A fim de impedir a propagação do campo socialista mundial, os imperialistas anglo-americanos foram forçados a infiltrar os seus agentes no Comintern.

Não se pode reconstruir o Comintern sem expor e evitar os erros do Cominform. E inversamente, não se pode reconstruir o Comintern sem expor e evitar os erros do Comintern.

O Comintern (EH) olha para a história do Comintern do ponto de vista da necessidade de refundar o Comintern nos princípios do marxismo-leninismo - não se pode e não se deve tomar qualquer outro ponto de vista como estalinista-hoxhaista em relação ao Comintern.

Esta é uma das mais importantes críticas do Comintern (EH) contra o Cominform.

A posição anti-Comintern no relatório de Shdanov sobre a situação internacional entregue na Primeira Conferência Cominform na Polónia, em Setembro de 1947.

O que estamos prestes a ler aqui pode parecer "plausível" à primeira vista, soa "compreensível", "razoável", etc. Mas o que é "marxista-leninista" sobre isto, por favor? Mas o que é suposto ser "Marxista-Leninista" sobre isto, se Shdanov desligar a Internacional Comunista fundada por Lenine e a sua missão revolucionária mundial sobre o prego histórico? O Comintern "serviu o seu tempo" para sempre - era isso que ele queria expressar com o seu discurso. Bem, um Shdanov pode "declarar o Comintern morto" o quanto quiser, ele vive e continuará a viver!!!

O que resta do velho bolchevique Shdanov, quando fala sem querer sobre o Comintern como um cangalheiro?

Enver Hoxha tinha razão quando chamou à velha guarda dos bolcheviques "cadáveres bolcheviques". Isto inclui o "cadáver bolchevique" Shdanov, porque renunciou para sempre ao Comintern de Lenine e Estaline.

Shdanov justifica a traição da dissolução do Comintern da seguinte forma:

(citação mais longa:)

"A dissolução do Comintern, que correspondeu às exigências do desenvolvimento do movimento operário sob as novas condições históricas, desempenhou o seu papel positivo. A dissolução do Comintern pôs fim para sempre à alegação caluniosa apresentada pelos opositores do comunismo e do movimento operário de que Moscovo alegadamente interfere na vida interna de outros Estados e que os partidos comunistas dos vários países alegadamente não agem no interesse do seu povo, mas por ordem do exterior.

O Comintern foi criado após a Primeira Guerra Mundial, quando os partidos comunistas ainda eram fracos, uma ligação entre a classe trabalhadora nos vários países era quase inexistente e os partidos comunistas ainda não tinham líderes universalmente reconhecidos do movimento operário. Os méritos do Comintern são que este restaurou e reforçou a ligação entre os trabalhadores dos diferentes países, elaborou as questões teóricas do movimento operário nas novas condições que surgiram após a Primeira Guerra Mundial, estabeleceu normas gerais para a propaganda e agitação das ideias comunistas e facilitou a formação dos líderes do movimento operário. Isto criou as condições para que os jovens partidos comunistas se tornassem partidos de massas dos trabalhadores. No entanto, com a transformação dos partidos comunistas em partidos de massas dos trabalhadores, a liderança destes partidos a partir de um centro tornou-se impossível e inapropriada. Assim, o Comintern começou a transformar-se de um fator que promovia o desenvolvimento dos partidos comunistas num fator que impedia esse desenvolvimento. A nova etapa no desenvolvimento dos partidos comunistas exigiu novas formas de ligação entre os partidos. Estas circunstâncias determinaram a necessidade de dissolver o Comintern e de criar novas formas de ligação entre os partidos.

Nos quatro anos que decorreram desde a dissolução do Comintern, houve uma consolidação significativa dos partidos comunistas, um reforço da sua influência em quase todos os países da Europa e da Ásia. A influência dos partidos comunistas cresceu não só na Europa Oriental, mas também em quase todos os países da Europa onde o fascismo prevaleceu, bem como nos países que sofreram a ocupação germano-fascista - em França, Bélgica, Holanda, Noruega, Dinamarca, Finlândia, etc. A influência dos comunistas tornou-se mais forte em quase todos os países da Europa e da Ásia. A influência dos comunistas fortaleceu-se especialmente nos países da nova democracia, onde os partidos comunistas são os partidos mais influentes do Estado. No entanto, a situação atual dos partidos comunistas tem as suas falhas. Alguns camaradas tomaram a questão como se a dissolução do Comintern significasse a eliminação de qualquer ligação, qualquer contacto entre os partidos irmãos comunistas. A experiência demonstrou que tal separação dos partidos comunistas entre si é incorreta, prejudicial e basicamente antinatural. O movimento comunista desenvolve-se no quadro nacional, mas ao mesmo tempo tem tarefas e interesses comuns para os partidos dos diferentes países. Surge um quadro bastante estranho: os socialistas, que estavam literalmente a jorrar para provar que o Comintern estava supostamente a emitir as diretivas de Moscovo para os comunistas de todos os países, restabeleceram a sua Internacional, enquanto os comunistas, temendo a calúnia dos inimigos relativamente à "Mão de Moscovo", estão mesmo a abster-se de reuniões, quanto mais de consultas sobre questões de interesse comum. Representantes dos mais diversos círculos de atividade: Estudiosos, cooperativistas, sindicalistas, jovens e estudantes, consideram possível manter um contacto internacional, trocar experiências, consultar sobre questões do seu trabalho e organizar conferências e consultas internacionais. Os comunistas, por outro lado, mesmo dos países aliados, têm vergonha de estabelecer relações amigáveis entre si. Não há dúvida de que tal situação teria consequências extremamente prejudiciais para o desenvolvimento do trabalho dos partidos irmãos se continuasse. Esta necessidade de consulta e coordenação voluntária das atividades das várias partes é particularmente urgente agora, quando o isolamento contínuo pode levar a um declínio na compreensão mútua e, por vezes, a erros graves".

Já expusemos todas as afirmações ousadas com que a tentativa fútil de justificar a dissolução do Comintern foi feita, e continua a ser feita, mesmo aqui em Shdanov, na nossa Linha Geral, em 10 princípios orientadores na nossa Linha Geral: Todos podem ler isto aqui.

- A dissolução do Comintern não pode ser justificada por nada nem por ninguém, porque a Internacional Comunista é o único partido que pode conduzir o proletariado mundial ao comunismo mundial.

- Só por esta razão, a dissolução do Comintern foi a pior traição do internacionalismo proletário, da revolução socialista mundial, da ditadura do proletariado.

- A dissolução do Comintern foi uma facada nas costas do nosso ideal mais elevado - o comunismo mundial.

- A dissolução do Comintern não foi para a abolição da sociedade de classes, mas para a sua manutenção através da "coexistência pacífica" de dois campos mundiais.

- A dissolução do Comintern foi finalmente uma declaração de guerra contra os ensinamentos revolucionários dos 5 Clássicos do Marxismo-Leninismo, que sempre defenderam a Internacional do proletariado e que lutaram contra aqueles que prejudicaram a Internacional do proletariado ou até tentaram liquidá-la.

A existência do Comintern (EH) confirmou a verdade que Lenine tinha pronunciado na sua famosa frase: "A Internacional Proletária nunca caiu e nunca cairá!"

- A liquidação do Comintern foi uma declaração de capitulação ao campo imperialista mundial e um mau serviço para todos aqueles que participaram na liquidação do Comintern, tanto de fora como de dentro, o que nada pode compensar. Quem quer que justifique a liquidação do Comintern também justifica a liquidação do Cominform, não importa em que tons altos se elogie o Comintern e o Cominform. Os liquidatários do Comintern e do Cominform têm um e o mesmo nome - os revisionistas modernos! E hoje são os neo-revisionistas que justificam os crimes destes liquidatários contra o movimento comunista mundial e a sua Internacional Comunista e o Cominform de Stalin.

Com a aceitação unânime do relatório de Shdanov sobre a situação internacional, todos os delegados do Cominform sem exceção, sem qualquer discussão prévia sobre o assunto, declararam tanto a justificação da dissolução do Comintern como a rejeição do seu restabelecimento ou a sua substituição pelo Cominform como um assunto decidido na conferência fundadora. Esta decisão do relatório do Cominform sobre Shdanov significou ao mesmo tempo o seu fim inevitável com o primeiro dia da sua existência.

A existência de uma Internacional Comunista não depende nem dos altos e baixos do campo capitalista mundial, nem dos altos e baixos do campo socialista mundial. Consequentemente, nunca é admissível duvidar, revogar, obstruir ou mesmo liquidar a indispensabilidade da sua existência antes da realização de uma sociedade mundial sem classes.

Especialmente na construção do campo do mundo socialista, a Internacional Comunista é indispensável na luta pelo derrube do campo do mundo imperialista. De que

outra forma pode um campo mundial socialista expandir-se se não através das revoluções socialistas nos países do campo imperialista? Para o derrube da burguesia mundial, todas as considerações táticas devem permanecer absolutamente subordinadas e não devem ser colocadas acima dos princípios. E as questões do Comintern e do Cominform são, acima de tudo, questões de princípio. Aqueles que fogem a estas questões de princípio ou as negam em nome de vantagens temporárias são oportunistas, para o dizer sem rodeios. E são estes oportunistas que declaram a nossa defesa do Comintern e do Cominform como sendo puro "dogmatismo". Aderir aos princípios do marxismo-leninismo, ao Comintern ou ao Cominform não é dogmático, desde que estes princípios, como o Comintern ou o Cominform, mantenham a sua justificação válida sob as condições mundiais alteradas. O dogmatismo só começa quando se recusa a atirar tais princípios borda fora, que sob condições alteradas devem ser substituídos por princípios correspondentemente novos. Assim, o Comintern deve ser descartado até haver um novo campo mundial socialista. Por outro lado, o Comintern mantém o seu direito irrevogável de existir enquanto houver um proletariado mundial, quer esteja ou não no poder.

Sem uma Internacional Comunista, a eliminação da inevitabilidade da restauração do capitalismo não pode ser garantida. Em qualquer caso, um Cominform não pode garantir a eliminação da inevitabilidade da restauração do capitalismo no campo socialista mundial, como a história tem demonstrado. Enquanto o campo mundial imperialista existir, a "coexistência pacífica" entre os dois campos mundiais não oferece qualquer garantia de eliminar para sempre o perigo iminente da restauração do capitalismo.

A doutrina do estalinismo-hoxhaismo é que não só o socialismo na União Soviética é garantido apenas pela vitória do socialismo à escala mundial, mas também a vitória do socialismo no campo socialista mundial.

Os países da ditadura do proletariado, empenhados no internacionalismo socialista, continuam empenhados no internacionalismo proletário. E só se pode estar comprometido com o internacionalismo proletário se se estiver comprometido com a Internacional Comunista. Uma Cominformação que não se compromete com a Internacional Comunista deixa assim também o terreno do internacionalismo proletário. Se o Cominform tivesse rejeitado o restabelecimento de um Comintern degenerado sob a liderança de Dimitroff, teríamos estado muito de acordo. Mas o Cominform nunca criticou ou condenou Dimitroff. Sempre defendeu este liquidatário do Comintern de Lenine e Estaline do princípio ao fim, em vez de reorganizar o Comintern de Lenine e Estaline. Como pode um Cominform ser a favor da cooperação e unificação dos partidos comunistas quando, ao mesmo tempo, o Cominform justificou a sua dissolução como secções do Comintern ? As secções sob a liderança do Comintern não devem ser a forma mais elevada de organização de classe do proletariado em cada país?

A dissolução do Comintern quebrou o vínculo internacionalista que tinha reunido todas as secções e as manteve unidas para lutar em conjunto pela revolução socialista mundial, consequentemente todas essas tendências nacionalistas dos partidos comunistas vieram à tona ("o próprio caminho nacional para o socialismo", ver: Titoísmo, Browderismo, etc.), sobre o qual Estaline tinha declarado guerra. Mas o Cominform não podia e não queria restabelecer este laço internacionalista, porque tinha recusado reconstruir o Comintern desde o início.

A transição da ditadura do proletariado no campo mundial socialista para a ditadura do proletariado mundial é impossível sem a derrubada revolucionária do campo mundial imperialista. E este derrube do campo mundial imperialista é, por sua vez, impossível sem a revolução socialista mundial de todo o proletariado mundial, sob a liderança da Internacional Comunista.

Qualquer "justificação" de uma dissolução prematura do Comintern pode portanto significar nada mais do que a justificação do prolongamento do domínio do campo imperialista mundial, é assim a justificação da impossibilidade da transição para o socialismo mundial e o comunismo mundial.

Faz uma grande diferença se o Comintern se dissolve a si próprio, ou se a sua reconstrução é categoricamente rejeitada desde o início pelo Cominform, ou se o Comintern é esmagado pela contra-revolução internacional a partir do exterior. No primeiro caso, é uma capitulação cobarde para a burguesia mundial, mas no segundo caso, o Comintern vai imediatamente embarcar na sua reorganização porque é isto que o Marxismo-Leninismo-Estalinismo-Hoxhaismo ensina.

Só porque a Revolução de Outubro NÃO levou ainda à vitória da revolução mundial, nós Estalinistas-Hoxhaistas não desistimos da luta pela revolução mundial! Enquanto o proletariado mundial tiver de lutar pela sua libertação, a burguesia mundial deve também tentar destruir a nossa Internacional Comunista para manter o seu poder. E mesmo que o imperialismo mundial consiga impedir a reconstrução da Internacional Comunista pela centésima vez, então reconstruiremos a Internacional Comunista pela 101ª vez - e para além dela até que a Internacional Comunista tenha vitoriosamente completado a sua missão proletária mundial. Todas as "teorias" que tentam impedir os estalinistas-hoxhaistas de construir ou reconstruir o Comintern (EH) servem a classe inimiga do proletariado mundial. E isto inclui a justificação da decisão do Cominform de rejeitar a reconstrução do Comintern, quaisquer que sejam os "argumentos" que foram e são utilizados para manter esta justificação.

Se Dimitroff dissolveu o Comintern, isso já é suficientemente mau. Mas se Shdanov, como chefe da delegação do CPSU (B), repetir as mesmas razões para a dissolução quatro anos mais tarde, isto não os torna "corretos". Tanto quanto sabemos, o PCUS (B) nunca e

em parte alguma contradisse a recusa de Shdanov em reconhecer a sua necessidade contínua, pelo que devemos assumir que, ao convocar o Comintern em 1947, o PCUS(B) baixou o caixão do Comintern ainda mais fundo no solo. E quem são os guardas no túmulo do Comintern? Os guardas na sepultura do Comintern só podem ser renegados que há muito esqueceram a vitória da Revolução de Outubro, que anunciava o início da revolução mundial.

"O leninismo é o marxismo na época do imperialismo e da revolução proletária. Mais precisamente, o Leninismo é a teoria e tática da revolução proletária em geral, a teoria e tática da ditadura do proletariado em particular".

De quem veio esta definição de leninismo? De Estaline, é claro. E Estaline ensina-nos também porque é que esta definição está correta:

"Será esta definição correta?

Creio que é correto. É correto, primeiro, porque aponta corretamente as raízes históricas do Leninismo, identificando-o como o Marxismo da ÉPOCA DO IMPERIALISMO, em contraste com certos críticos de Lenine que erroneamente acreditam que o Leninismo surgiu após a guerra imperialista. É correto, em segundo lugar, porque sublinha corretamente o caráter internacional do Leninismo, em contraste com a Social-Democracia, que sustenta que o Leninismo só é aplicável nas condições nacionais russas. É correto, em terceiro lugar, porque sublinha corretamente a ligação orgânica do leninismo com os ensinamentos de Marx, marcando-o como o MARXISMO da época do imperialismo, em contraste com certos críticos do leninismo que não o consideram como um desenvolvimento posterior do marxismo, mas apenas uma restauração do marxismo e da sua aplicação à realidade russa".

Com o campo socialista mundial e com o Cominform, alguma coisa mudou na época do imperialismo? Não.

Mudou alguma coisa no carácter internacional do Leninismo com o campo socialista mundial e com o Cominform? Não.

O campo socialista mundial e o Cominform mudaram alguma coisa no Leninismo como o Marxismo na época do imperialismo? Não.

Alguma coisa mudou na teoria e tática leninista da revolução proletária e da ditadura do proletariado através do campo socialista mundial e do Cominform? Não.

Então, com base na validade contínua do Leninismo na época do campo socialista mundial e do Cominform, pode o Comintern, fundado por Lenine, ser atirado para o monte de sucata? Não.

Aquele que enterrou o Comintern, também enterrou o Leninismo.

Num relatório muito provavelmente escrito por Traicho Kostoff, Estaline teria dito à delegação búlgara, em 1946, o seguinte

"Não vamos restaurar o velho estilo da Internacional Comunista, e não vamos seguir a tese de Marx de que a revolução teria lugar em todos os países simultaneamente. Isto já não corresponde à nossa ideologia atual. " Serão estes supostos argumentos contra a revolução socialista mundial e o Comintern?

Se Estaline é suposto ter dito isto,

[que não foi documentado em parte alguma com qualquer certeza. Nota: Esta citação vem de um traidor búlgaro que foi executado com a aprovação do camarada Estaline em 16 de Dezembro de 1949 (ou seja, exatamente 1 mês após a 3ª Conferência do Comintern, nas duas primeiras conferências das quais ainda tinha participado!) e reabilitado pelos revisionistas modernos em 6 de Novembro de 1956!]

então Estaline aqui apenas não queria restaurar o "velho estilo" do Comintern. Será que se pode concordar com isto? Sim, podemos, sem hesitação.

O Comintern (EH) descartou o velho modelo do Comintern como uma mera organização guarda-chuva da federação dos partidos comunistas nacionais. Nas atuais condições de globalização do proletariado mundial, substituímos este modelo ultrapassado por um modelo globalizado, segundo o qual existe apenas um partido comunista no mundo, nomeadamente o Partido Mundial do Estalinismo-Hoxhaismo, com as suas próprias secções em cada país do mundo.

E, além disso, isto não significa renunciar à revolução mundial, mas apenas uma modificação, o caminho, o caminho da sua realização - precisamente não de uma só vez, não simultaneamente em todos os países ! Estaline não tomou esta posição apenas em 1946, mas logo desde o início. Por conseguinte, será que também se pode concordar com ela? É preciso concordar com ela, porque todos sabem que os processos revolucionários mundiais se desenvolveram em todo o globo ao longo de 100 anos. É este processo objetivo de cem anos de amadurecimento da revolução socialista mundial que abala todas as tentativas de colar o falso rótulo da chamada "quebra simultânea" na revolução socialista mundial. Nem Lenine e Estaline, nem Enver Hoxha jamais propagaram esta "simultaneidade" da revolução. Pelo contrário. Sempre propagaram a regularidade do desnivelamento do desenvolvimento do capitalismo nos diferentes países. Mas também sabemos porque é que os inimigos da revolução mundial lhe deram este rótulo de "simultaneidade" falso. A intenção por detrás dela é fácil de ver através dela. O proletariado mundial não deve desperdiçar qualquer pensamento sobre a "ilusão" da revolução mundial. Quando este rótulo foi colocado sobre a revolução mundial antes da globalização, já era uma negação e falsificação a 100% da doutrina proletária da revolução socialista mundial. Mas querer colocar novamente este rótulo na revolução mundial na era da globalização é um crime ainda maior contra o comunismo, porque o processo de globalização atual é um processo objetivo de globalização do imperialismo e da revolução.

Em contraste com a época de Marx e Engels, quando o movimento comunista mundial ainda estava na sua infância, na época de Estaline já existia um campo mundial socialista, dentro do qual a União Soviética era mesmo uma potência mundial e as potências mundiais imperialistas foram extraordinariamente dizimadas - e enfraquecidas como nunca antes. Estas condições extremamente favoráveis abriram novas vias de libertação para o proletariado mundial, a começar pelo caminho para o socialismo nas Democracias Populares.

Enver Hoxha falou também de uma "mudança no equilíbrio de forças a favor do socialismo e da revolução [!]" no período do pós-guerra. Assim, Enver Hoxha nunca separou a questão do socialismo e da revolução, nem mesmo no período favorável do pós-guerra, na época da Cominformação. Pelo contrário, "Estas mudanças [no pós-guerra]", escreve Enver Hoxha, "colocam a questão da revolução e [!] a vitória do socialismo na agenda [!] não só em um ou dois países, mas em regiões e continentes inteiros [!]". (Enver Hoxha, em: "Eurocomunismo", página 17-18)

Que mais pode o camarada Enver Hoxha ter querido dizer com a questão da revolução em "continentes inteiros" do que a revolução socialista mundial? E se Estaline é suposto ter dito o contrário, então Enver Hoxha não poderia ser discípulo de Estaline. Contudo, se alguém separou o socialismo da revolução, não foi Estaline, mas foram os revisionistas, todos eles como eram - dentro e fora do Cominform!

Portanto, não deve haver qualquer desacordo de que esta situação mundial extraordinariamente favorável criada pelo Exército Vermelho já não existe hoje e não voltará a surgir da mesma forma. Portanto, a antiga fórmula de Estaline não pode ser válida como base da Linha Geral do Comintern (EH). Hoje, não se trata apenas das condições da autocracia do capital mundial, mas de uma luta de classes internacional entre a burguesia mundial e o proletariado mundial, uma contra-revolução globalizada contra um proletariado mundial já globalizado. Hoje, a contra-revolução globalizada só pode ser derrotada por uma revolução globalizada. Hoje em dia, a revolução socialista mundial é inevitável. Ocupa portanto o lugar central na linha geral do Comintern (EH). Seria um crime contra o proletariado mundial, e um erro dogmático, ignorar ou mesmo juntar esta desigualdade histórica de condições entre o presente e o futuro. Assim, só se pode defender o estalinismo de hoje substituindo o estalinismo nas condições de então pelo estalinismo nas condições de hoje. Estaline já não o pode fazer porque está morto. Mas nós estalinistas, que estamos vivos e não ossificados dogmaticamente, podemos e devemos fazê-lo porque é nosso dever adaptar a ideologia proletária - como Estaline fez - às condições mais recentes, por outras palavras: a ideologia proletária morre se não for mais desenvolvida. É precisamente isto que nos distingue dos neo-revisionistas, que ou são incapazes ou demasiado cobardes para o fazer. Eles estão satisfeitos com a afirmação de

que somos supostamente "anti-Stalinistas" apenas porque "presumimos" não querer transferir o velho estalinismo daquela época para as condições atuais. Que tipo de clássicos do marxismo-leninismo seriam se não se atrevessem a rejeitar slogans antigos e a substituí-los por novos? E que tipo de estudantes seríamos nós se não ousássemos aplicar o marxismo-leninismo às condições de hoje, o que é impossível sem nos separarmos dos velhos slogans que já não estão atualizados e que já não nos podem ajudar no caminho para a revolução socialista mundial. Para tal, escrevemos na nossa "Plataforma" (2009) em detalhe.

Tal como Estaline não adoptou uma posição "anti-marxista" quando rejeitou a revolução simultânea em todos os países, também não adotamos hoje uma posição "anti-estalinista" quando rejeitamos as condições defuntas do campo socialista mundial sob a liderança da União Soviética e, em vez disso, estabelecemos a revolução socialista mundial globalizada como a linha geral.

E, da mesma forma, rejeitamos o velho modelo de democracias populares que emergiu sob as condições do poder soviético. Em vez disso, dependemos dos novos Estados socialistas mundiais emergentes no decurso da vitória da revolução socialista mundial.

4

A "tese revisionista Shdanov" dos dois campos mundiais

O camarada Enver Hoxha foi um dos primeiros a combater a Doutrina Truman, com a qual os monarcas-fascistas gregos provocaram militarmente a Albânia. Enver Hoxha estava ciente de que a Doutrina Truman significava uma ameaça iminente de guerra não só para a Albânia. Por conseguinte, adoptou uma posição marxista-leninista na sua avaliação dos dois campos mundiais hostis:

"O campo socialista (stands) em frente ao campo imperialista (...)". (Enver Hoxha: 16 de Novembro de 1960)

A Doutrina Truman de 12 de Março de 1947 declarou que o mundo estava dividido em dois campos. Citação de Truman:

"No momento atual da história do mundo, quase todas as nações devem escolher entre formas alternativas de vida. Demasiadas vezes a escolha não é livre. Uma forma de vida é baseada na vontade da maioria e distinguida por instituições livres, governos representativos, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de expressão e religião e liberdade de opressão política. O segundo modo de vida baseia-se na vontade de

uma minoria imposta pela força à maioria. Baseia-se no terror e na repressão, numa imprensa e rádio controladas; em eleições fixas e na supressão das liberdades pessoais".

Traduzido nas nossas palavras, a Doutrina Truman significa, por um lado, o alegado "mundo livre" (pelo qual se entende o capitalismo) e, por outro lado, o mundo do alegado "totalitarismo" (pelo qual se entende o socialismo), ou seja, a divisão do mundo num campo mundial capitalista e socialista.

A doutrina de Truman foi a doutrina do imperialismo americano para desempenhar o papel de líder mundial, a fim de salvar o mundo do comunismo.

Em resposta, Zhdanov formulou a sua "teoria dos dois campos mundiais" na primeira conferência de Kominform, a 22 de Setembro de 1947 - meio ano depois. No seu discurso sobre a situação internacional, Zhdanov fala sobre a "Emergência de dois campos, o campo imperialista e antidemocrático, por um lado, e o campo anti-imperialista e democrático, por outro".

Na nossa opinião, esta definição é uma distorção do marxismo-leninismo. O marxismo-leninismo divide os dois campos mundiais em campos capitalistas e socialistas e não num campo mundial "democrático e antidemocrático".

This is and remains our opinion, even if it should be true that Stalin is said to have approved Zhdanov's report on the international situation on June 16, 1948 (according to the preface of the book on the 3 Cominform Conferences which we have published in Russian):

O bando do Tito
Uma ferramenta dos belicistas americano-ingleses.
Gospolitizdat 1951.
Gribanov, 1951.

Consideramos o restabelecimento do campo socialista mundial, tal como existia na altura após a Segunda Guerra Mundial até à morte de Estaline, como uma ilusão perigosa, porque é e continua a ser um facto histórico que se transformou num campo mundial revisionista que impediu a construção do socialismo. Em vez disso, lutamos por um acampamento socialista mundial, que só se torna realidade com a vitória da revolução socialista mundial, tal como a União Soviética se tornou realidade com a Revolução de Outubro. A emergência de dois campos mundiais baseia-se na vitória da revolução socialista, na vitória do campo do proletariado e em nada mais. Aqueles que tentam conciliar o antigo caminho do campo socialista mundial com o novo caminho do campo socialista mundial adoptam uma atitude centrista em relação a nós. A nossa linha de demarcação contra o neo-revisionismo começa consequentemente com a demarcação das

linhas centristas, que conduzem todas na mesma direcção - para o campo da burguesia mundial.

Na definição do Cominform dos dois campos mundiais, não se deve confundir táticas com princípios. A definição científica dos dois campos mundiais só pode ser feita com base nos princípios do marxismo-leninismo.

Evidentemente, rejeitamos a acusação dos imperialistas mundiais de que tanto o Comintern como posteriormente o Cominform foram alegadamente "subordinados aos interesses da União Soviética". Não será o contrário?

A União Soviética de Lenine e Estaline tinha-se colocado, do princípio ao fim (até à morte de Estaline), ao serviço do proletariado mundial e da revolução socialista mundial, guiada pelo princípio comunista do internacionalismo proletário.

E precisamente este facto foi um espinho do lado dos imperialistas mundiais, razão pela qual os seus historiadores comprados continuam a denegrir a União Soviética e o Partido Bolchevique de Lenine e Estaline.

Então o que era tão "repreensível" sobre o campo mundial de Lenine e Estaline da União Soviética aos olhos das classes oprimidas e exploradas?

Não é claro que o campo mundial liderado pela União Soviética de Estaline não poderia ser outra coisa que não fosse o campo socialista do proletariado mundial, independentemente do que se tenha chamado a si próprio, seja ele "democrático", "anti-imperialista" ou o que quer que seja? O Cominform, por outro lado, chamou à URSS apenas um "país democrático", enquanto nós estalinistas-hoxhaistas defendemos que a URSS era um país socialista.

Como é bem sabido, nós comunistas não nos escondemos atrás de um véu "democrático", mas afirmamos abertamente a nossa opinião, nomeadamente, que derrubamos a ditadura da burguesia através da revolução socialista e estabelecemos a ditadura do proletariado. O Cominform estava longe desta definição, e é por isso que devemos criticá-lo.

Não era um campo mundial capitalista (democrático ou fascista, o capitalismo conduz sempre ao fascismo!), mas um campo mundial socialista, o campo da democracia proletária e não da burguesia. Aqueles que não mantêm isto à parte estão a enganar as massas.

O Comintern (EH) define os dois campos mundiais - tal como na época da Revolução de Outubro, assim também na época do Cominform - como o campo mundial do imperialismo, ao qual se opõe o campo mundial do socialismo.

Esta é a definição leninista, cuja essência não mudou até hoje, mesmo que o "campo socialista mundial" de hoje como frente de luta internacional do movimento comunista

mundial já não tenha a alavanca de um único país socialista, continua a existir sob a liderança do Comintern (EH) e permanece até à vitória do socialismo mundial.

Enver Hoxha defendeu a teoria leninista-estalinista dos dois campos mundiais mesmo na época do Cominform, quando Shdanov emitiu a sua teoria revisionista dos "dois campos mundiais" como orientação para a linha geral do movimento comunista mundial:

"Mais uma vez, e com renovado vigor, a sua [a teoria imortal de Marx, Engels, Lenine e Estaline] vitalidade e correção foi confirmada na maior guerra que a humanidade viveu até à data, uma guerra em que DOIS MUNDOS, O SOCIALISTA E O MUNDO CAPITALISTA, se confrontaram". [Enver Hoxha, em "Eurocomunismo", página 20 - ênfase acrescentada por Comintern (EH)]

No socialismo mundial, já não existem dois campos mundiais, e assim a coexistência pacífica das duas formações sociais antagónicas já não existe. Isto é o que distingue a primeira do segundo período do socialismo. A essência do socialismo mundial difere da essência do socialismo "num" país - e também do campo mundial socialista - precisamente na medida em que a divisão do mundo em duas formações sociais opostas foi abolida.

A política dos dois campos do mundo está subordinada à política da revolução mundial, serve-a e não a deve substituir, não a deve declarar supérflua. O caráter comunista do campo do mundo socialista é decisivo:

""A organização das forças da revolução mundial só é, portanto, possível na plataforma do comunismo" (Programa do Comintern 1928).

O objetivo é, antes de mais, a destruição do capitalismo mundial e isto só pode ser feito pelo proletariado mundial, formado como uma classe internacional. Como a história tem provado, a coexistência pacífica dos dois campos mundiais - tomados sozinhos e isolados - não é suficiente para isso; se o proletariado mundial não se aproximar da revolução socialista mundial, a coexistência pacífica de Lenine e Estaline é transformada de uma força motriz para um tropeço da revolução mundial. Conclusão: Com uma interpretação tão revisionista da política do campo mundial socialista, com a qual a revolução mundial é de facto declarada supérflua, não se chega ao socialismo mundial, mas acaba-se diretamente no capitalismo mundial. E estas falsas concepções dos dois campos mundiais foram, em última análise, concepções para a liquidação do campo socialista mundial, foram concepções dirigidas contra a revolução mundial do proletariado mundial - conceções contra-revolucionárias do revisionismo moderno, concepções das agências da burguesia mundial para a restauração do capitalismo mundial.

Assim, não se deve elevar a coexistência das duas ordens sociais a uma "lei de ferro", mas sim entendê-la como uma etapa tática inevitável no caminho para o socialismo mundial, que deve ser deixada para trás o mais rapidamente possível. Se alguém absolutizar a coexistência pacífica, se acomodar confortavelmente a ela, perder de vista a

revolução mundial, se contentar com o que foi alcançado, então isto significa inevitavelmente a restauração do capitalismo e o afastamento dos ensinamentos de Lenine sobre a coexistência pacífica. A fase de dois campos mundiais não é ainda uma garantia da vitória final do socialismo, nem pode ser. Quem disser o contrário, é revisionista. Os partidos comunistas deixaram o curso estalinista para se voltarem para o curso revisionista e para serem guiados por uma política burguesa. Adaptaram-se ao campo capitalista para, mais tarde, se dedicarem a ele, em vez de o ultrapassarem de forma revolucionária. O factor subjetivo falhou neste momento histórico-mundo da iminente tomada do poder político do proletariado mundial na medida em que foi retirado da agenda dos objetivos e princípios do internacionalismo proletário.

Há que procurar os interesses revolucionários e socialistas de classe do proletariado no discurso Cominform de Shdanov, como uma agulha num palheiro. A palavra "luta de classes" não aparece uma única vez, quanto mais a palavra "revolução mundial", a bandeira mundial do proletariado da antiga Internacional Comunista, e também não há nada - mas absolutamente nada - de internacionalismo proletário no discurso de Shdanov. Com a sua política mundial, o proletariado deve lutar por tudo menos pelo comunismo, excepto pelos seus próprios interesses revolucionários de classe. Estaline nunca esqueceu que todas as divisões em campos mundiais, divisões em campos de classes antagónicos e não campos mundiais conciliatórios de classes, que a classe do proletariado mundial é hostil à classe da burguesia mundial na luta de classes internacional, que esta luta de classes começa com a eliminação da burguesia mundial e termina com a sociedade sem classes, com o definhamento da classe incluindo o proletariado mundial no comunismo. O estalinismo ensina que os dois campos mundiais estão a travar uma luta até à morte, que a luta de classes do proletariado mundial contra a burguesia mundial é a principal força motriz nesta luta de classes.

"Assim, a sociedade moderna divide-se em dois grandes campos, cada um destes campos organiza-se numa classe especial, a luta de classes que se desencadeou entre eles cresce mais e mais forte a cada dia que passa, e à volta destes dois campos todos os outros grupos se reúnem" (Estaline, Vol. 1, página 247).

A democracia proletária nunca se desenvolveu no campo da democracia burguesa e nunca será capaz de se desenvolver. A democracia proletária só pode ser realizada sob a ditadura do proletariado, ou seja, apenas sobre as ruínas da democracia burguesa. A ditadura do proletariado só pode ser estabelecida pela revolução violenta do proletariado, apenas pelo derrube da burguesia juntamente com a sua democracia burguesa. E só com base neste princípio é que o campo socialista mundial luta contra o campo capitalista mundial. Aqui chegamos ao argumento decisivo de Lenine contra o chamado acampamento mundial democrático:

"Mas os marxistas sabem que a democracia não elimina a opressão de classe, mas meramente torna a luta de classe mais pura, mais ampla, mais aberta, mais afiada, e é disto que precisamos" (Lenine, Vol. 23, página 68).

Por "meramente", porém, Lenin não significava "dispensável". Pelo contrário, Lenin salientou:

"O socialismo é impossível num duplo sentido sem democracia: 1. o proletariado não poderá realizar a revolução socialista se não se preparar para a revolução lutando pela democracia; 2. sem a realização completa da democracia, o socialismo vitorioso não pode afirmar a sua vitória e fazer do murchamento do Estado uma realidade para a humanidade" (Lenine, Vol. 23, pág. 69).

Esta doutrina de Lenine é válida tanto à escala nacional como internacional e isto só pode significar:

Não o campo democrático, mas o campo mundial socialista elimina a opressão de classe do campo imperialista mundial - o socialismo mundial não é possível sem a realização completa da democracia mundial. Só os dois considerados em conjunto conduzirão ao resultado desejado. Se os dois forem separados, o resultado será a inevitável derrota do socialismo, e esta derrota tem sido histórica.

cally confirmado.

Embora o desenvolvimento da democracia nas condições do imperialismo mundial seja estritamente limitado e formal, embora só possa ser realizado de forma limitada, nós marxistas-leninistas não proclamamos de forma alguma a renúncia à organização da nossa frente mundial democrática, porque uma renúncia à frente mundial democrática do campo mundial socialista significaria renunciar completamente à luta pelo socialismo mundial, significaria a impossibilidade do socialismo mundial no sentido de Lenine. E esta indispensabilidade da luta democrática imperiosamente aplicada à situação particularmente favorável após a Segunda Guerra Mundial, nomeadamente, aquela situação favorável de rutura, em certa medida, do quadro de democracia burguesa no momento mais fraco da burguesia mundial e, com a derrota do fascismo, abrindo o caminho para a democracia proletária para o proletariado mundial e facilitando-lhe a realização do objetivo da ditadura do proletariado.

Onde a guerra tinha abalado e destruído quase completamente a base económica do domínio da burguesia, só a vontade democrática das massas poderia ter sido suficiente para se poder tomar a reconstrução nas próprias mãos sem ter de contar com qualquer resistência significativa dos donos das fábricas e das terras. Com a queda do fascismo, com o fim da guerra e o início imediato do período pós-guerra, houve de facto durante muito pouco tempo uma fase tão pacífica e democrática como a última oportunidade, após a

guerra bestial e o fascismo, de evitar novamente vítimas de uma guerra civil mundial iminente e de aproveitar o desenvolvimento pacífico da revolução mundial com base no profundo desejo de paz e na necessidade esmagadora de democracia entre as massas de milhões de pessoas em todo o mundo. Esta foi uma situação semelhante (só que desta vez à escala mundial) à que se verificou entre as Revoluções de Fevereiro e Outubro, onde Lenine trabalhou para explorar as possibilidades de um desenvolvimento pacífico da revolução com base na situação devastadora do resultado da Primeira Guerra Mundial, a fim de evitar a ameaça de guerra civil na Rússia (ver Lenine, Vol. 26). Mesmo com a mínima hipótese, esta tática democrática da revolução mundial não era necessariamente desesperada com base no campo mundial socialista existente, com base na base das massas, por um lado, e na situação enfraquecida da burguesia, por outro, se fosse contra as necessidades básicas das massas renunciar a uma tentativa tática de paz desde o início ou perder o momento desta tentativa e deixá-la passar inutilmente.

Para realizar os princípios democráticos do mundo do pós-guerra, era disso que o campo mundial socialista precisava, por isso é claro que isso era bom. Mesmo muito bom. Não temos nada contra isso. Pelo contrário. Talvez tenha existido durante pouco tempo após a Segunda Guerra Mundial uma possibilidade pacífica de concessões, especialmente à pequena burguesia democrática (não à grande burguesia, em cuja regeneração após a guerra Estaline não podia de modo algum estar interessado). Contudo, Estaline também falou de condições concretas sob as quais a "burguesia patriótica" poderia ser explorada, por exemplo, numa conversa com Enver Hoxha - Março/Abril de 1949:

"Lenine ensina-nos que onde a revolução é de caráter anti-imperialista, os comunistas podem explorar a ajuda da burguesia patriótica durante a primeira fase da revolução. Isto depende, evidentemente, das condições concretas, da atitude desta própria burguesia perante os problemas mais candentes que o país enfrenta. Nos países democráticos populares, por exemplo, a grande burguesia tinha-se envolvido com os ocupantes alemães e tinha-os ajudado. Quando o exército soviético libertou estes países, a burguesia comprada escolheu o caminho para a emigração" [Stalin, citado por Enver Hoxha, in: "Encontros com Estaline, página 94, KPD/ML, 1980]).

Além disso, com a Grande Guerra Patriótica, a pequena burguesia tinha inicialmente estado totalmente do lado do patriotismo soviético sob a devastação do fascismo de Hitler. No período pós-guerra, o patriotismo soviético voltou a desvanecer-se na pequena burguesia. A intelligentsia, em particular, começou a olhar para o Ocidente "democrático" (em oposição ao fascismo). E a pequena burguesia, que tão veementemente se tinha virado para o anti-fascismo, começou a interessar-se mais pela democracia ocidental do que pela democracia proletária do Oriente. Todas estas mudanças aumentaram particularmente a partir do momento em que a burguesia mundial recuperou a sua posição e rapidamente se

encontrou no caminho da regeneração, o que pôde fazer principalmente com a posição rica do imperialismo americano. Se por um momento a pequena burguesia democrática vacilou entre os campos capitalistas e socialistas, talvez para tomar o lado democrático pacífico do campo mundial socialista, onde [não só] a mão [vazia] lhe deveria ter sido estendida, isto mudou com a rápida regeneração e a atitude cada vez mais agressiva do campo mundial capitalista, com os EUA na liderança, em direção ao campo mundial socialista, o comportamento vacilante e capitulante da pequena burguesia rapidamente se restabeleceu. Tomar o lado dos supostamente mais fracos nas palavras para capitular aos mais fortes nos atos, ou seja, a pactiery da pequena burguesia à escala mundial.

As concessões à pequena burguesia dependem não só da própria força proletária, mas também da fraqueza do inimigo de classe, e isto é especialmente verdade em situações de guerra, onde o equilíbrio de poder entre o proletariado e a burguesia pode mudar de minuto para minuto. Em tempos de crise e guerra, é claro que se deve tirar partido destas pequenas flutuações burguesas que ocorrem com mais frequência, mas não se deve queimar os dedos no processo. O proletariado deve permanecer no controlo da situação da sua política de aliança em cada situação de mudança rápida. Com o início da Guerra Fria, mais e mais forças da pequena burguesia democrática voltaram a estar do lado da burguesia, razão pela qual Estaline não renunciou à continuação da sua luta mundial democrática, mas as condições, outrora ainda favoráveis, deterioraram-se rapidamente e isto não exigiu a manutenção de táticas de concessões, mas pelo contrário exigiu a sua retirada tática (imposta pelas condições alteradas). A frente mundial democrática não é estática, move-se para trás e para a frente entre os dois acampamentos mundiais e atacou com mais força imediatamente após a guerra do que no curso posterior do período pós-guerra. Todas estas coisas têm de ser tidas em conta taticamente para se poder manobrar com elas de forma ótima. Por vezes as coisas esgotam-se e depois é preciso mudar as táticas se não se quiser sofrer derrotas na frente do mundo democrático e manter o pé na porta. Em qualquer caso, não se pode lidar com a frente do mundo proletário da mesma forma que com a frente do mundo democrático. Existem diferenças essenciais (de classe). Em circunstância alguma se deve equipará-las ou mesmo permitir que a frente do mundo proletário seja absorvida pela frente do mundo democrático. Esta é a coisa decisiva que Dimitroff já tinha falhado em compreender na frente mundial antifascista. Zhdanov não tinha aprendido nenhuma lição com a traição da liderança Comintern, razão pela qual a sua frente mundial "democrática" estava destinada a falhar, para deleite do campo mundial capitalista e em detrimento do campo mundial socialista.

Será que a natureza dos EUA imperialistas mudou alguma coisa desde a Segunda Guerra Mundial? Claro que não. Mas então porque é que os EUA imperialistas foram definidos como um "país democrático, anti-fascista" na altura da luta contra o fascismo de

Hitler? Após a vitória sobre o fascismo hitleriano, os EUA eram o líder do campo mundial imperialista, que enfrentava agora um campo mundial "democrático". Será que não conseguimos compreender corretamente o marxismo-leninismo nesta transformação camaleónica do conceito americano de "democracia"? Talvez devêssemos ter consultado Earl Browder, que dissolveu o P.C.U.S.A. porque acreditava que a América do imperialismo se transformaria numa América do socialismo. O facto, porém, é que: Os imperialistas americanos lutaram contra o fascismo de Hitler apenas para esconder o seu próprio fascismo por detrás dele. O browderismo foi o precursor da capitulação do imperialismo americano. Que o imperialismo americano também significava guerra e fascismo desde o início, mesmo quando era dirigido contra o fascismo de Hitler naquela época, é uma verdade histórica que se tem provado ser verdadeira a cada dia que passa. O plano para resolver a contradição entre capitalismo e socialismo, entre a burguesia e o proletariado através da reconciliação de classes no período pós-guerra e para unir o mundo inteiro através da coexistência pacífica foi uma conceção anti-marxista-leninista que Estaline já tinha rejeitado durante a Segunda Guerra Mundial. Mas foi só depois da guerra que este conflito eclodiu. E não foi, afinal, nenhum outro no mundo além de Estaline que abriu fogo mundial contra o imperialismo americano após a rendição de Hitler, utilizando a Cominform como arma poderosa da frente unida anti-imperialista. Os imperialistas americanos não tinham estado do lado de Estaline em apoio ao comunismo, mas fê-lo por razões puramente imperialistas, nomeadamente, no interesse do seu domínio mundial. Para isso, com a ajuda de Estaline, primeiro Hitler teve de ser eliminado como concorrente e depois Estaline teve de ser eliminado, ou seja, o reforço do campo mundial imperialista sob a liderança americana com o objetivo de destruir o comunismo e a revolução socialista mundial. Esta foi e é a estratégia do imperialismo americano até aos dias de hoje. Após a vitória de Estaline sobre Hitler, os EUA foram forçados não só a salvar-se, mas também a evitar a iminente queda de todo o campo mundial imperialista através da expansão mundial do campo mundial socialista. Se os documentos recentemente publicados são de confiança, também trazem à luz a posição de Molotov, que - mesmo antes de ter elaborado o Plano Molotov em 1947 - foi um dos defensores da cooperação com os imperialistas americanos quando se propôs participar na implementação do Plano Marshall.

Molotow / Plano Marshall – 1948

Em 1949, Estaline removeu-o como ministro dos negócios estrangeiros. Mesmo após a morte de Estaline, Molotov foi um dos que colaboraram com os imperialistas americanos, especialmente no que diz respeito às "negociações de paz" dos revisionistas soviéticos.

Contudo, pode-se avaliar a situação no final da guerra - e não negamos que possa ter havido certas soluções de compromisso devido à situação mundial temporariamente favorável após o colapso do fascismo de Hitler, em que se cede sem prejudicar o campo mundial socialista - mas permanece sempre uma lei de ferro do marxismo-leninismo, independentemente destas particularidades da história, que a luta democrática em princípio, ou seja, também em termos práticos-concretos, serve a luta socialista, está subordinada a ela e não o contrário. Apenas os oportunistas limitam a sua atitude à "luta de classes" à criação, manutenção ou restabelecimento de condições burguesas. É precisamente uma tática que é adotada apenas numa determinada esfera da política (socialista) e que surge por um breve momento como resultado da mudança da situação mundial, uma tática que deve ser abandonada de novo no momento necessário, logo que as condições tenham mudado, para elevar tal tática inadmissivelmente à categoria de princípio, Querer declarar uma tática especificamente adaptada ao momento como uma nova "linha geral", para assim substituir a linha geral "obsoleta" de Estaline, para substituir o caminho violento do socialismo pelo caminho pacífico do socialismo, precisamente isto corresponde à fisionomia do oportunismo na questão do "campo mundial democrático", que em princípio deveria SUBSTITUIR a solução da questão do campo mundial socialista.

E Malenkov? No seu relatório para o XIX Congresso do Partido, adopta a atitude de "paz, amizade, panquecas" no campo da política externa da URSS, em vez de aderir ao Manifesto Comunista como Lenine e Estaline, apoiando a luta de classes dos proletários de todos os países, a revolução mundial, e defendendo o esmagamento do capitalismo e do imperialismo mundial. O camarada Estaline era bastante diferente. No seu relato no XVII Congresso do Partido, disse ele:

"Mas enquanto a burguesia escolhe o caminho da guerra, a classe operária dos países capitalistas (...) toma o caminho da revolução" (Estaline, Vol. 13, página 265).

No relatório para o XVIII Congresso do Partido, porém, Estaline já não sublinhava explicitamente a questão da guerra e da revolução, o que é um facto que não deve ser varrido para debaixo do tapete quando se olha para o relatório de Malenkov.

É da natureza do imperialismo produzir a guerra e o fascismo uma e outra vez, e inevitavelmente. E como vimos nos países revisionistas, o revisionismo moderno também mostrou a sua face social-fascista sangrenta e social-imperialista assassina de pessoas, que só pode ser polida pela classe trabalhadora revolucionária - e Estaline certamente concordaria connosco se ainda estivesse vivo.

O Comintern (EH) permanece assim firmemente no terreno revolucionário do Leninismo com a sua política mundial atual:

"O Leninismo é a teoria e tática da revolução proletária em geral, a teoria e tática da ditadura do proletariado em particular" (Estaline, Os Fundamentos do Leninismo).

No entanto, nunca houve qualquer menção a isto na Cominform, do princípio ao fim.

Estalinismo-Hoxhaismo é a teoria e tática da revolução mundial do proletariado em geral e a teoria e tática da ditadura do proletariado mundial em particular. Esta é a resposta do Comintern (EH) aos traidores Comintern e a todos os seus seguidores atuais.

Lenin tinha dividido o mundo num campo capitalista e num campo socialista.

Com Estaline poderíamos citar uma dúzia inteira de citações e já citámos algumas delas. Tomemos uma citação do artigo de Estaline "Sobre as Próximas Tarefas do Comunismo na Geórgia e Transcaucásia", de 6 de Julho de 1921:

"Não é necessário provar que, com o início da guerra civil, o mundo se dividiu em dois campos opostos, o campo do imperialismo com o Entente à cabeça e o campo do socialismo com a Rússia soviética à cabeça, que no primeiro campo existem todos os tipos de estados capitalistas, \`democráticos\` [sic!!!] e mensheviques, enquanto no segundo campo pertencem os estados soviéticos, incluindo a Geórgia (...) ," (Estaline, Vol. 5, página 76).

Tomemos a outra citação de Estaline.

Em 1924, na mesma obra 'On the Foundations of Leninism', escreveu ele:

"a) o mundo está dividido em dois campos: o campo de um punhado de nações civilizadas que possuem capital financeiro e que exploram a grande maioria da população do globo, e o campo dos povos oprimidos e explorados das colónias e países dependentes que constituem esta maioria" (Estaline, vol. 6, página 148, alb. edição). Escolhemos esta citação deliberadamente: Pois foi a partir destes dois campos de nações exploradas e oprimidas e das nações exploradas e oprimidas que Mao concebeu a sua infame "Teoria do 3 Mundos".

E Estaline, não só nos seus "Early Writings", mas mesmo em 1952 no seu último escrito "The Economic Problems of Socialism in the USSR", definiu claramente do que se tratava, nomeadamente um "campo socialista oposto ao capitalismo" (Moscovo, 1952, página 37, edição alemã). Assim, não se pode falar de um "campo mundial democrático", nem com Lenine nem com Estaline.

Não existe um campo mundial socialista em que haja lugar para revisionistas. Um acampamento mundial socialista que forma uma frente unida com os revisionistas expõe-se ao perigo da restauração do capitalismo. E a história tem mostrado que após a morte de Estaline, o campo mundial socialista transformou-se de facto num campo mundial revisionista.

O conceito de anti-imperialismo é também um conceito de classe. Não há nenhuma luta "anti-imperialista" que esteja acima da sociedade de classes. Há o anti-imperialismo das diferentes classes, em que nós, estalinistas-boxistas, distinguimos o "anti-imperialismo" revisionista do anti-imperialismo proletário, tal como distinguimos o "anti-fascismo"

revisionista e a "democracia" revisionista do "anti-fascismo" proletário e da democracia proletária. Estas são contradições antagónicas entre o revisionismo e a ideologia proletária, que só podem ser resolvidas por meios revolucionários. Sem derrotar o "anti-imperialismo" revisionista, não se pode derrotar o imperialismo. Sem derrotar o "anti-fascismo" revisionista, também não se pode derrotar o fascismo. E sem derrotar a "democracia" revisionista, também não se pode derrotar a democracia burguesa.

Por todas as razões que apresentámos, rejeitamos a "teoria dos dois campos na política mundial" de Shdanov. Em essência, a "divisão do mundo" de Shdanov não é diferente da "teoria dos três mundos" de Mao = anti-marxista. Tanto uma como a outra "teoria" negam a existência, a independência do socialismo, enquanto que a "teoria" de Shdanov difere da "teoria" de Mao apenas na medida em que com ele o socialismo é identificado com o "campo do mundo democrático" a fim de desaparecer nele, enquanto que com Mao o socialismo é identificado com o "campo do terceiro mundo" a fim de desaparecer nele. Rejeitamos ambos como divisões revisionistas do mundo. E mais uma vez: não há "terceira via" (Terceiro Mundo) para o socialismo, tal como não pode haver "campo mundial democrático" que conduza "pacificamente" ao socialismo mundial. Um acampamento mundial democrático só pode ser construído através de uma revolução socialista mundial. Se se dividir o mundo num campo antidemocrático e democrático, como fez Shdanov, então não há mais espaço para um campo socialista! E assim aconteceu!

E o "mundo não-alinhado" de Tito? Tito copiou esta política mundial, que estava ao serviço do imperialismo americano, de Browder. E não sabemos quem copiou tudo de quem, mas uma coisa é clara para nós: entre a política mundial de Shdanov, Mao, Tito, Browder, Dimitroff, etc., o espírito da Segunda Internacional e o curso comum anti-Bolshevique é o mesmo em todo o lado: abolição da linha divisória entre a burguesia e o proletariado, entre o socialismo e o capitalismo. Todos estes tipos de política mundial trabalharam lado a lado contra a política mundial de Estaline, especialmente a política mundial de Shdanov e a política mundial de Tito! São de natureza idêntica.

E hoje? Depois do último bastião socialista da Albânia ter caído em 1990, o imperialismo mundial reina em todos os países do mundo. Hoje, o mundo não está apenas maduro para o restabelecimento de um novo campo socialista, mas mesmo para o estabelecimento do socialismo mundial. O Comintern (EH) luta, portanto, pelo esmagamento completo de todo o imperialismo mundial para criar uma nova ordem mundial socialista. Desta forma, queremos acabar com a época imperialista e eliminar para sempre a inevitabilidade da divisão do mundo em campos capitalistas e socialistas. O Comintern (EH) detém a teoria do campo político do proletariado mundial e do campo político da burguesia mundial. O campo revolucionário mundial é liderado pelo proletariado mundial e pelo seu partido de vanguarda, o Comintern (EH). O Comintern (EH)

representa a política mundial do proletariado, a conquista do poder político do proletariado mundial por meio da sua revolução mundial proletária, que consiste em derrubar a ditadura mundial da burguesia e estabelecer a ditadura mundial do proletariado. A nossa definição dos dois campos mundiais é hoje em dia:

O mundo de hoje está dividido no campo da revolução proletária mundial e no campo dos seus opositores, o campo da contra-revolução imperialista.

Camaradas, pode a linha geral do Comintern (EH), a linha do campo da revolução proletária mundial, ser expressa de forma mais clara e inequívoca? Pensamos que não. Ou alguém se subordina ao nosso campo estalinista da revolução do mundo proletário, ou alguém se opõe ao nosso campo. Um "revisionista intermediário" à la Shdanov ou à la Dimitroff não pode e não existirá de novo.

Como é que Estaline colocou a questão dos dois campos mundiais?

Estaline viu os dois campos mundiais de tal forma que "no decurso do desenvolvimento da revolução internacional e da reação internacional, dois centros emergirão à escala mundial: um centro socialista que exercerá uma atração sobre os países que tendem para o socialismo, e um centro capitalista que exercerá uma atração sobre os países que tendem para o capitalismo. A luta destes dois campos decidirá o destino do capitalismo e do socialismo em todo o mundo" (Estaline, Obras, Vol. 10, página 118).

Estes dois centros à escala mundial, que Estaline nomeia acima, são hoje - sob as relações de classe da globalização - claramente definidos: nomeadamente, o centro mundial do proletariado mundial e o centro mundial da burguesia mundial.

A vitória revolucionária mundial do centro mundial socialista sobre o centro mundial capitalista - esta é hoje a base do estalinismo para o estabelecimento do socialismo mundial.

E Estaline tem liderado consistentemente a luta pela realização prática do estabelecimento do socialismo mundial nesta base teórica, com um resultado esmagador da história mundial. Estaline virou o "velho equilíbrio" dos dois campos mundiais de pernas para o ar. Estaline construiu a frente mundial revolucionária para esmagar o imperialismo mundial - um ato histórico mundial que exprimia de forma ótima os interesses do proletariado mundial daquela época. Estaline desenvolveu uma base ideológica para uma nova política proletária mundial ativa e ofensiva, marxista-leninista, que começou a transformar o anterior isolamento do socialismo "num" país num isolamento do capitalismo em "dois" países, o capitalismo anglo-americano. Foi a nova política mundial estalinista do cerco do capitalismo pelo socialismo. A Guerra Fria dos imperialistas foi a primeira guerra na história do imperialismo onde a questão tinha de ser decidida: qual o cerco que irá vencer, capitalista ou socialista? Quem irá cercar quem?

O Cominform não era o mesmo que um velho Comintern reorganizado. Serviu para consolidar e divulgar o campo socialista mundial de Estaline, serviu como instrumento internacional de luta para combater a influência revisionista no movimento comunista mundial, foi um baluarte erigido contra esta influência, especialmente contra o Titoísmo, que tinha conseguido disfarçar-se de palco mundial de revisionismo dirigido contra a União Soviética de Estaline e o campo socialista mundial. O Cominform foi uma tentativa de fazer recuar a influência revisionista nos partidos revisionistas e de reforçar as forças revolucionárias no mundo e, assim, também a União Soviética e o seu campo socialista. Um campo mundial democrático burguês é, essencialmente, um campo mundial para os ricos e uma fraude no campo mundial dos trabalhadores. O campo mundial da democracia proletária só pode ser o campo da ditadura mundial do proletariado e não o da ditadura da burguesia mundial. Entretanto, não pode haver e não haverá um "campo mundial".
O modelo do campo mundial democrático é um modelo de coexistência pacífica, um campo mundial de "manutenção do equilíbrio" das forças de classe internacionais entre os dois pólos - proletariado mundial e burguesia mundial, enquanto que a tarefa do campo mundial socialista é eliminar o campo mundial capitalista. Não existe um caminho democrático e pacífico, mas apenas o caminho socialista e armado para o socialismo mundial.

Enver Hoxha:

"O imperialismo não desistirá voluntariamente das suas armas. Acreditar em tal coisa é tanto como enganar a si próprio e aos outros". (Do seu discurso de 16 de Novembro de 1960)

Para nós, marxistas-leninistas, trata-se em última análise de eliminar a inevitabilidade dos dois campos mundiais, ou seja, de esmagar o capitalismo mundial e gerir a transição para o socialismo mundial. A situação dos dois campos mundiais é, afinal, apenas uma situação transitória temporária na qual será decidido qual o caminho a vencer, o caminho para o socialismo mundial ou o caminho para o capitalismo mundial. Nenhum dos dois pode e irá durar para sempre. E é a isto que uma política mundial bolchevique deve ser orientada, o que, infelizmente, falta em Shdanov. No final, o novo mundo derrotará o velho mundo e eliminará para sempre o mundo dividido. Não há nenhum meio-termo, não há necessidade de um meio-termo. A perpetuação da política dos dois campos mundiais é revisionista porque conduz sempre à salvação do capitalismo mundial. Assim, o campo socialista mundial não é o "fim" histórico do desenvolvimento do socialismo, mas apenas um passo para o estabelecimento da ditadura mundial do proletariado, para a eliminação do capitalismo mundial.

5

Cominform e a questão da democracia popular como um "tipo moderno" da ditadura do proletariado.

- democracia proletária ou burguesa?

- a degeneração revisionista das democracias populares (- causas).

Há acordo de que a democracia soviética de Lenine e Estaline se baseava na ditadura do proletariado. No entanto, há ambiguidade e desacordo sobre se o "tipo moderno" de democracia popular foi ou não efetivamente construído sobre a ditadura do proletariado. Para nós, esta questão foi esclarecida.

O Comintern (EH) defende apenas um tipo de democracia popular, o tipo de democracia popular socialista, ou seja, exclusivamente a democracia popular socialista da Albânia sob a liderança do camarada Enver Hoxha.

A única democracia popular verdadeira, isto é, a democracia popular socialista sob a liderança exclusiva do Partido Marxista-Leninista.

Do nosso ponto de vista, distinguimo-nos, em princípio, das democracias populares de todos os outros países, que classificamos como democracias populares revisionistas sob a regra dos partidos revisionistas - exceto pelo seu desenvolvimento positivo no período inicial (durante a vida de Estaline). A história provou que todas estas democracias populares no caminho do socialismo tinham sido vítimas da traição deste ou daquele revisionista moderno.

Isto decorre disso:

Separamo-nos dos neo-revisionistas que defendem estas democracias populares revisionistas como democracias "socialistas" do povo.

E finalmente, separamo-nos dos centristas que tentam reconciliar a democracia popular socialista com a democracia popular revisionista.

Entre a democracia popular revisionista e a democracia popular socialista não pode haver uma base comum, nenhum acordo, nenhuma forma mista ou fases intermédias de qualquer tipo. Entre a democracia popular revisionista e socialista existe um antagonismo, ou seja, uma contradição irreconciliável entre a nova burguesia e a classe trabalhadora, que só pode ser resolvida pela revolução socialista. É isto que o Hoxhaismo nos ensina, a doutrina anti-revisionista que mostrou à classe operária dos países revisionistas o caminho para a revolução socialista.

A democracia popular socialista só se pode desenvolver com base nos 5 clássicos do marxismo-leninismo, tal como a democracia socialista mundial só se pode desenvolver com base nos 5 clássicos do marxismo-leninismo.

A União Soviética de Lenine e Estaline e a Albânia do camarada Enver Hoxha - como sempre repetimos - eram os únicos dois Estados socialistas do mundo em que a ditadura do proletariado realmente governava. O Movimento Mundial Estalinista-Hoxhaista do Comintern (EH), o movimento comunista mundial após o derrube da ditadura do proletariado na Albânia, é guiado por esta verdade histórica. Sobre as lições da ditadura albanesa e soviética do proletariado, estamos a construir a ditadura do proletariado mundial, sem a qual não pode haver e não haverá uma democracia proletária mundial.

O que criticámos na chamada "nova democracia" de Mao Tse Tung, na "ditadura democrática do povo".

(ver Parte 2: Declaração de Guerra ao Maoísmo),

nomeadamente, a unificação da burguesia e do proletariado, também criticamos em todas as outras formas revisionistas de "democracia", incluindo a Democracia Popular de Dimitroff, tal como derivada da sua política da Frente Popular no período Comintern.

O Democratismo não deve ser utilizado como um conceito sem classe para nós, comunistas. Para além da democracia proletária e burguesa, não pode haver democracia superior acima das classes. Nós Estalinistas-Hoxhaistas temos o cuidado de distinguir entre democracia burguesa e proletária em princípio, de não equiparar ou mesmo opor-se aos dois conceitos, afinal, a democracia proletária surge apenas da superação revolucionária da democracia burguesa. Por isso, é evidente que não pode haver uma democracia mista de democracia proletária e burguesa no meio. O Cominform nunca abordou esta questão em princípio. Portanto, teria sido correto se o Cominform tivesse usado apenas o termo campo mundial da democracia proletária. Como é sabido, os comunistas não são apenas contra a forma fascista da ditadura da burguesia, mas também contra a sua forma democrática. Queremos derrubar a ditadura da burguesia e não o podemos fazer se nos limitarmos apenas a derrubar a ditadura fascista da burguesia. Isso seria oportunismo. A democracia burguesa, que não passa de uma forma de ditadura da burguesia, não pode ser votada fora de funções, mas deve ser derrubada pela revolução socialista armada. O mesmo se aplica ao derrube da ditadura fascista da burguesia. O marxismo-leninismo e a experiência da Revolução de Outubro ensinam que não estamos a lutar pela restauração da democracia burguesa, mas pela sua derrubada revolucionária. O nosso objetivo é a ditadura do proletariado. Uma etapa intermédia entre capitalismo e socialismo (como a "Nova Democracia" maoísta) é oportunista e incompatível com o marxismo-leninismo.

Estalinismo, que é o desenvolvimento da doutrina marxista-leninista da revolução, da transição da revolução popular para a revolução socialista sob as condições criadas pela vitória da Grande Guerra Patriótica.

Foi vitoriosamente implementada por Enver Hoxha na Albânia, mais desenvolvida e assim praticamente confirmada. No entanto, esta forma baseou-se, em primeiro lugar,

fundamentalmente na condição prévia da forte ditadura do proletariado da União Soviética como base e alavanca das democracias populares e, em segundo lugar, como uma nova forma de estabelecer a ditadura do proletariado nos países que o exército soviético já tinha libertado (ou a Albânia como excepção, que foi capaz de se libertar da subjugação fascista sem a invasão do exército soviético. Isto é muito importante) e tinha-os assim arrancado do domínio do imperialismo mundial. Sem estas condições prévias, as democracias populares, tal como surgiram, não existiriam.

A revolução popular-democrática do proletariado não substitui a sua continuação imediata na revolução socialista, mas prepara direta e imediatamente o terreno para a revolução socialista. Estas duas revoluções não devem ser equacionadas nem separadas por uma fase artificial intermédia, mas são formas sucessivas e fundidas de um processo unificado de revolução permanente (ver os ensinamentos do Hoxhaismo sobre a revolução popular e a sua transição para a revolução socialista sob a liderança do Partido Comunista da Albânia: Eliminação revolucionária da opressão militar e política e fim da exploração económica pela ocupação fascista como pré-requisito para a transição para a ditadura do proletariado e para a construção da economia socialista). Não se deve parar a meio caminho. A luta socialista é a continuação indispensável e imediata da luta [!!!] democrática e antifascista liderada pelos comunistas , a fim de consolidar a revolução popular e assegurar a transição vitoriosa da revolução popular para a revolução socialista, caso contrário a revolução popular deve fracassar. Os revisionistas modernos pregavam para se conterem na luta de classes, pregavam para parar a luta de classes. Supostamente, atacar a burguesia demasiado bruscamente iria prejudicar o caminho para o socialismo. Nós, estalinistas-hoxhaistas, ensinamos precisamente o contrário: qualquer retirada do inimigo de classe encoraja-o a lutar contra a revolução e o socialismo. Sem aguçar a luta de classes do proletariado, o caminho da revolução popular para a revolução socialista continua a ser uma ilusão. Isto é traição à classe trabalhadora e é por isso que combatemos esta traição propagada pelos neo-revisionistas de hoje.

No quadro de um campo mundial democrático, não se pode unir permanentemente as massas de milhões de trabalhadores em luta de classes com base nas condições capitalistas de uma democracia burguesa, porque ela própria não as pode eliminar. Estes milhões de trabalhadores do campo permanecem como membros de classes exploradas enquanto pertencerem a um acampamento mundial democrático. Só no campo mundial socialista é que as massas trabalhadoras de milhões se podem unir sob a liderança do proletariado para formar uma aliança duradoura, a exploração e a opressão podem ser eliminadas, a ditadura do proletariado consolidada e a economia socialista construída, etc., etc.

Um campo mundial democrático pode talvez soltar as grilhetas do fascismo, pode aliviar a situação e a luta da classe trabalhadora, mas nunca pode eliminar as grilhetas de classe do capitalismo.

Um acampamento mundial democrático encontra formas prontas de relações capitalistas. O campo do mundo socialista deve primeiro criar as novas formas de relações socialistas.

Um campo mundial democrático nunca deve substituir o campo mundial socialista, porque só este último tem uma alavanca mais longa e uma base mais ampla para desencadear a revolução socialista mundial do que o socialismo "num só" país. O domínio da burguesia mundial não pode ser quebrado de uma forma pacífica, com um campo mundial democrático. Com um acampamento mundial democrático não se pode estabelecer uma ditadura do proletariado mundial.

Um acampamento mundial socialista não deve ser confundido com um acampamento mundial de "paz, amizade e bolo de ovo" pequeno-burguês (cf. o pacto pequeno-burguês de Mao: "bons" capitalistas / "maus" capitalistas) e certamente não vendido a este pacto pequeno-burguês com a burguesia. Os proletários não têm princípios a dar, nem à burguesia, nem à pequena burguesia. As táticas da luta mundial democrática não devem ser mal utilizadas para desarmar o campo socialista mundial, mas sim contribuir para fortalecer, alargar e consolidar o campo socialista mundial. Criticamos Shdanov não por defender a exploração da possibilidade da frente mundial democrática, mas por derivar inadmissivelmente dela no Cominform uma linha de classe de princípios, nomeadamente, substituir o campo mundial socialista pelo campo mundial democrático - e tudo isto numa altura em que o "espaço de respiração" pacífico tinha acabado e a Guerra Fria já estava em pleno andamento, quando se teve de se concentrar novamente nas questões militares da proteção do campo mundial socialista e da continuação da guerra revolucionária de libertação mundial, e assim as possibilidades democráticas de mudar as relações de classe no mundo imediatamente após o fim da guerra tinham sido enterradas há muito tempo pelos imperialistas (1948 !!!).

O estalinismo não se esgota na construção de uma frente mundial democrática. É apenas uma componente da tática de frente unida do estalinismo sob as condições momentâneas da situação política mundial em mudança.

Um campo mundial democrático não é de modo algum suficiente para o objetivo da ditadura mundial do proletariado, não é o único a preencher a política externa estalinista, por exemplo, não só para derrotar o fascismo de Hitler, mas também para abolir a inevitabilidade da guerra e do fascismo em geral.

Esta luta contra a inevitabilidade do fascismo não pode ser a luta democrática, mas apenas a luta socialista. Apenas com a ditadura mundial do proletariado é eliminada a

inevitabilidade do fascismo - não antes, ou seja, não através de um "campo mundial democrático". A fim de eliminar a inevitabilidade do fascismo, a fim de concretizar consistentemente os princípios democráticos do pós-guerra, Shdanov deveria ter lutado pela aniquilação revolucionária do imperialismo mundial através da revolução proletária mundial e do estabelecimento da ditadura do proletariado mundial:

"Nem mesmo a questão de classe da luta de classes [nem mesmo a questão de classe da luta democrática ou antifascista - nota de W.E.] foi decidida na história de outra forma que não pela força" (Lenine, Vol. 26, página 459).

A questão da luta de classes internacional não pode ser decidida de outra forma que não seja pela violência revolucionária à escala mundial, pela violenta revolução mundial proletária, enquanto que a frente mundial democrática só pode facilitar esta luta.

A essência do anti-fascismo proletário nunca foi servir o restabelecimento da democracia burguesa, pois o fascismo surgiu apenas da democracia burguesa, e dela surgirá sempre apenas inevitavelmente um novo fascismo, mas nunca o socialismo. Portanto, quem luta pelo restabelecimento da ditadura da burguesia não pode pertencer ao campo do socialismo e, portanto, não pode ser um combatente da democracia proletária, não pode ser um verdadeiro anti-fascista. Só o anti-fascismo proletário é verdadeiro anti-fascismo, é o único anti-fascismo no mundo que eliminará para sempre o flagelo do fascismo do globo através do socialismo mundial. A burguesia mundial preocupa-se principalmente em manter o seu poder económico mundial nas suas mãos, a questão da forma política está subordinada a isto; a este respeito, a burguesia mundial é "flexível", está mesmo disposta e capaz de fazer certas concessões ao proletariado em questões de democracia, que o proletariado por sua vez sabe explorar para a sua revolução socialista.

"... sob forte pressão `de baixo', a burguesia sempre e em todo o lado 'resignou-se' à república se apenas mantivesse o seu domínio económico" (Lenine, Vol. 26, página 36). [ou recuperou-o - W.E.].

Assim, no que diz respeito às questões democráticas, não se deve criar ilusões perigosas; esta não é uma forma de eliminar a sociedade de classes capitalista, como Lenin corretamente assinalou. É uma questão de eliminar o poder político da burguesia mundial de modo a poder retirar-lhe o poder económico mundial - e esta é uma questão socialista, não uma questão democrática da luta de classes.

Os anti-fascistas mais consistentes só podem ser os proletários como classe revolucionária, só podem ser os comunistas, porque são os únicos anti-fascistas que lutam não só contra este ou aquele fascismo concreto, particular, mas para além daquele contra a sua inevitabilidade, contra o fascismo em geral e, em geral, contra o fator social-democrata face à burguesia como o outro lado da moeda do fascismo.

Querer forçar o proletariado mundial a entrar num campo democrático à custa - atenção: à custa do campo socialista - é assim revisionista, significa acabar no campo burguês do social-democratismo nos trilhos da tática de frente revisionista de Dimitroff unida.

Os mensheviks nunca fizeram outra coisa senão vacilar perante o estalinismo. E as flutuações mais violentas do menshevismo tiveram lugar com a emergência da luta de classes entre os campos socialistas e capitalistas mundiais após a Grande Guerra Patriótica. Os mensheviks, disfarçados de "Estalinistas", não puderam decidir de forma consistente por nenhum dos campos. Não tomaram qualquer posição independente, mas recorreram ao fantasma do "campo mundial democrático". Para Estaline, isto não significava de modo algum que ele fosse indiferente a esta pequena zona tampão burguesa entre os campos burgueses e os campos do mundo proletário. Sabia magistralmente como transformar estas forças neutralizadoras em forças contra o imperialismo mundial, mesmo que apenas dentro de um quadro limitado e por um tempo limitado.

A atitude vacilante entre o campo da burguesia e o campo do proletariado está longe do ponto de vista de classe do proletariado mundial e sempre correspondeu à essência do menshevismo, de facto sempre expressou o ponto de vista de classe da pequena burguesia, especialmente quando estes dois campos se confrontaram de forma irreconciliável e com forças gigantescas. É claro: em nenhum momento da história do socialismo os dois campos, burguesia e proletariado, se confrontaram de forma tão violenta como precisamente no período dos campos do mundo capitalista e socialista, se a atitude hesitante do menshevismo nunca se tivesse tornado um obstáculo tão grande como com a entrada na fase de transição do mundo capitalista para o socialista, ou seja, nas condições do pós-guerra do estalinismo. Assim, em toda a história do PCUS(B), não houve mais luta amarga comparável contra o menshevismo do que apenas nesta altura.

O slogan do "campo mundial democrático" é um slogan conciliatório de classe que afasta o socialismo e volta ao capitalismo, o que abre o caminho para a restauração do capitalismo. O marxismo-leninismo ensina que o capitalismo deve ser esmagado pela revolução socialista, que a esmagação revolucionária do fascismo deve ser combinada com o objetivo direto de estabelecer a ditadura do proletariado - e isto como os albaneses demonstraram. É mérito de Estaline e Enver Hoxha que a sua tese marxista-leninista sobre a transição revolucionária do fascismo para o socialismo tenha sido confirmada e comprovada na prática (e assim permanece válida à escala mundial!!) e que esta transição não possa ser garantida por uma política reformista de frente popular ou por uma política reformista de democracia mundial, sob qualquer forma. Então o que significa hoje em dia, validade desta tese marxista-leninista sob as condições da globalização ?

Os estalinistas de hoje, nós Bolcheviques Mundiais, estamos a lutar pela transição do fascismo mundial para o socialismo mundial com a ajuda da luta mundial democrática. A luta antifascista de hoje é essencialmente uma luta de classe revolucionária mundial sob a liderança do proletariado mundial para esmagar o fascismo mundial e para estabelecer a ditadura mundial do proletariado. Esta é a nossa linha de demarcação, esta é a base da nossa política de aliança para a nossa frente unida globalizada contra o fascismo mundial. Para nós, existe apenas uma frente unida contra o fascismo mundial, nomeadamente a frente liderada pelo proletariado mundial revolucionário e que conduz diretamente à conquista do seu domínio político mundial sobre o imperialismo mundial.

Aqueles que negam isto e, em vez disso, seguem a "teoria revisionista de duas fases" de restaurar formas de governo mais moderadas e "ainda toleráveis" à ditadura da burguesia, a fim de "a partir daí" entrar no caminho pacífico para o socialismo mundial, permitem que o fascismo se desenvolva de novo, inevitavelmente, a partir da democracia burguesa. Para justificar isto com "marxismo-leninismo" é o fascismo social, nomeadamente o socialismo nas palavras e o fascismo nos atos. Nós marxistas-leninistas não somos apenas opositores desta "teoria do palco" do caminho pacífico para o socialismo à escala nacional, somos ainda mais como internacionalistas à escala mundial. Não existe uma via pacífica de um campo mundial democrático para um campo mundial socialista, não existe uma via pacífica para o socialismo mundial enquanto o imperialismo mundial dominar o mundo.

O comunista luta apenas pela democracia única, nomeadamente pela democracia proletária, pela ditadura do proletariado, o que não exclui alianças e compromissos no caminho para ela, mas exclui em grande medida tais alianças e compromissos podres que se afastam do objectivo da ditadura do proletariado. Na luta antifascista, só se pode lutar pela verdadeira democracia com base no marxismo-leninismo, e isto não significa outra coisa senão lutar pela democracia proletária, pelo socialismo, pela ditadura do proletariado, e precisamente não pela continuação ou restabelecimento da ditadura da burguesia. A democracia proletária não é divisível com a burguesia; elas são mutuamente exclusivas. A desintegração e eventual eliminação da democracia burguesa não é uma invenção bolchevique, mas uma necessidade histórica absoluta e tão inevitável como a vitória da democracia proletária. Esta é uma lição irrefutável de história, uma confirmação do ensino do marxismo. Esta é uma linha de demarcação contra o revisionismo, que tenta adaptar a democracia do proletariado ao capitalismo, subordiná-la ao capitalismo, salvá-la e restaurar a democracia burguesa a fim de a virar contra o proletariado mundial.

E para estabelecer a democracia do proletariado mundial, ela tem de alcançar a vitória na revolução socialista mundial. Apoiar e fazer avançar isto é e só pode ser o objetivo da política externa internacionalista de um Estado marxista-leninista. Se o principal perigo vinha dos imperialistas anglo-americanos, o Cominform deveria ter

liderado a classe trabalhadora na luta pela revolução socialista precisamente nestes países. Isto teria sido não só um grande ato de internacionalismo proletário, mas também um dever para com o proletariado mundial, e Shdanov deveria ter apoiado esta luta revolucionária da classe operária nos EUA e na Inglaterra com todas as suas forças, mas ele calou-se a este respeito. Em vez disso, Shdanov propagou-se contente com a "realização de princípios democráticos" na América e Inglaterra, ou seja, os principais incendiários da guerra, o centro mundial anticomunista (!!), em vez de lutar pelo seu derrube sob a bandeira vitoriosa do comunismo (claro, não sem explorar a luta pela democracia proletária - para que não sejamos mal compreendidos aqui e colocados no canto dogmático sectário!).

A democracia popular como uma forma especial da ditadura do proletariado ?

A democracia popular é realmente idêntica em essência à ditadura do proletariado? Não partilhamos esta opinião pelas seguintes razões:

O Cominform baseia-se no princípio da democracia popular e não na ditadura do proletariado. A degeneração social-fascista das democracias populares na Europa de Leste mostra que a ditadura do proletariado só pode ser alcançada através de uma revolução socialista armada, como na Albânia!

Enquanto Shdanov na 1ª Conferência do Cominform no seu relatório sobre a situação internacional ainda falava corretamente das Democracias Populares "a evoluir para o socialismo", o revisionista Suslov na 3ª Conferência do Cominform já não fala de socialismo.

Qual é a conceção revisionista da democracia popular?

A conceção revisionista das democracias populares consiste em defini-las como um objetivo final, ou seja, em abandonar o seu necessário desenvolvimento futuro como uma transição para a ditadura do proletariado.

A crítica do Comintern (EH) contra os revisionistas modernos não se limita, portanto, à restauração do capitalismo na União Soviética, mas inclui necessariamente a obstrução e eventual prevenção da construção do socialismo nos países das Democracias Populares. Os revisionistas modernos já se revelaram traidores ao marxismo-leninismo no Cominform. A tese Cominform do "campo mundial imperialista e democrático" nada mais era do que a restauração da velha tese popular dimitrofiana, apenas que esta tese já não era usada contra o alemão, mas doravante contra o imperialismo americano.

Todas estas posições políticas que lutam pelo socialismo a favor da colaboração de classe foram incluídas na resolução final do Cominform sobre "A defesa da paz e a luta contra os belicistas". Tal como a outra resolução sobre "A unidade da classe trabalhadora e as tarefas dos comunistas e dos partidos dos trabalhadores", esta foi aprovada por

unanimidade com base no relatório de Togliatti sobre o assunto: coisas revisionistas e de direita semelhantes que "a paz, o pão e" exigem liberdades democráticas "! "O Partido Comunista da Jugoslávia no poder dos assassinos e espiões".

Estaline:

"Seria uma tolice supor que o capital internacional nos deixará em paz. Não, camaradas, não é bem assim. As classes existem, o capital internacional existe, e não pode sentar-se e observar o desenvolvimento do país que está a construir o socialismo. No passado, o capital internacional acreditava que poderia derrubar o poder soviético através de uma intervenção militar directa. A tentativa falhou. Hoje está a esforçar-se, e continuará a esforçar-se, por enfraquecer o nosso poder económico através de uma intervenção económica invisível, nem sempre perceptível, mas bastante duradoura, organizando trabalho de pragas, preparando todo o tipo de "crises" neste ou naquele ramo da indústria, e facilitando assim a possibilidade de uma futura intervenção militar. Aqui tudo está atado a um nó, o nó da luta de classes do capital internacional contra o poder soviético, e não pode haver qualquer tipo de coincidência. Uma das duas:

Ou continuaremos a seguir uma política revolucionária e a reunir os proletários e oprimidos de todos os países em torno da classe trabalhadora da União Soviética - e então o capital internacional procurará por todos os meios perturbar-nos no nosso avanço; ou renunciaremos à nossa política revolucionária, faremos uma série de concessões de princípio ao capital internacional - e então o capital internacional não será provavelmente avesso a "ajudar-nos" na transformação do nosso país socialista numa "boa" república burguesa. (Estaline, Vol. 11, pp. 48-49)

Esta lição de Estaline foi posteriormente levada a sério e implementada com sucesso no campo socialista mundial apenas pelos albaneses.

Enver Hoxha criticou o chamado "caminho "democrático" para o socialismo". Os revisionistas modernos pisaram a tese marxista-leninista da necessidade da revolução violenta e negaram o conteúdo de classe revolucionário da ditadura do proletariado. De acordo com este "caminho democrático para o socialismo", também não há propagação da revolução socialista armada, muito menos da revolução mundial, no órgão do Kominform. O órgão do Cominform não mostrou ao proletariado e aos povos do mundo que o caminho para a vitória sobre o imperialismo e o capitalismo não pode ser alcançado pelo caminho "democrático", mas sim pela revolução violenta.

6

O Cominform e a questão nacional.

Luta contra o "caminho específico-nacional para o socialismo" revisionista.

Nas conferências Cominform, a tese revisionista de renunciar à ditadura do proletariado no próprio país foi apresentada com base na própria existência da União Soviética.

A dissolução do Comintern e os desvios associados à revolução socialista mundial foram indubitavelmente ligados à Segunda Guerra Mundial, na qual a União Soviética foi atraída. Esta foi a "Grande Guerra Patriótica". Esta designação expressa claramente que o patriotismo soviético em defesa do primeiro Estado socialista do mundo foi de grande importância para a vitória da União Soviética de Estaline sobre o fascismo de Hitler. Uma vez que a União Soviética de Lenine e Estaline ainda desempenhava o papel decisivo para o movimento comunista mundial, concentrou-se na sua tarefa principal, nomeadamente, mobilizar todas as forças na luta mundial contra o fascismo de Hitler, que estava a travar uma guerra contra a União Soviética, a fim de exterminar este "viveiro" do comunismo mundial e anexar à força o vasto território da União Soviética.

No solo fértil do movimento de libertação nacional contra o fascismo de Hitler, o revisionismo moderno floresceu com a sua ideologia do chamado "caminho nacional para o socialismo", especialmente nas democracias populares que estavam sob a protecção da União Soviética. O nacionalismo burguês ganhou influência após o fim da guerra, da qual a Jugoslávia é o exemplo mais marcante. Sem dúvida, esta influência não começou durante a Segunda Guerra Mundial ou na altura do Cominform. Esta influência nacionalista já começou com a dissolução do Comintern, que também deixou as secções individuais, os partidos comunistas, à sua própria sorte, o que facilitou aos inimigos do interior dos partidos o reforço da sua influência revisionista nos mesmos. Assim, a ligação até então estreita entre os partidos comunistas e o PCUS (B) não foi dissolvida, mas foi cortada em grande medida, o que deveria continuar durante a Segunda Guerra Mundial e depois provou ser um obstáculo intolerável após a Segunda Guerra Mundial, levando Estaline a fundar o Cominform. Isto era amargamente necessário porque o caminho nacional para o socialismo também tinha aberto o caminho para a dissolução do partido comunista de um novo tipo através da unificação com o partido social-democrata. Com a resolução do Cominform em 1948, que se devia principalmente a Estaline, foi posto um ponto final ao chamado "caminho nacional para o socialismo", que na sua essência não era mais do que o caminho do socialismo burguês, ou seja, o caminho do capitalismo, afastando-se assim da União Soviética. Com este duro golpe do Cominform, porém, a ideologia revisionista da "estrada

nacional para o socialismo" estava longe de ser eliminada. Alguns revisionistas modernos foram presos e condenados à morte, mas a maioria deles fingiu "autocrítica" para esconder as suas verdadeiras intenções, nomeadamente continuar a sua "estrada nacional para o socialismo" secretamente enquanto Estaline ainda estivesse vivo.

Como ideologia hostil ao internacionalismo proletário, o nacionalismo fomentou a discórdia nacional entre as democracias populares, especialmente contra a União Soviética de Estaline, com o slogan de deixar de ser "patronizado" por Estaline e, em vez disso, escolher o seu próprio caminho - "tanto quanto possível fora do alcance do longo braço de Estaline" - que encontrou a sua expressão mais aguçada na formação em bloco de Tito contra o estalinismo. De acordo com as aspirações dos revisionistas modernos, a construção do socialismo deveria ser confinada à democracia popular individual e a construção conjunta do socialismo sob a liderança da União Soviética de Lenine e Estaline deveria ser evitada. Com esta linha nacionalista divisória, o caminho para o internacionalismo socialista deveria ser travado e bloqueado. Este curso isolacionista hostil era um crime grave contra a União Soviética, que tinha feito tudo pela construção do socialismo nos países da Democracia Popular, embora ela própria tivesse sofrido mais com as grandes perdas causadas pela guerra. A teoria do "caminho nacional para o socialismo" foi justificada pelo princípio da aplicação criativa do marxismo-leninismo às condições especiais nos vários países da Democracia Popular. Mas a teoria e a prática já eram divergentes na época do Cominform, a confiança mútua das democracias populares foi violada, e especialmente a confiança na União Soviética de Lenine e Estaline.

Quanto à concepção anti-marxista-leninista de Tito sobre a questão nacional, Estaline já tinha criticado no Comintern em Junho de 1925 a posição errada dos Semich jugoslavos na Comissão Jugoslava, nomeadamente que não se deve separar a questão nacional da questão da revolução, segundo a qual não se deve equiparar a revolução burguesa-democrática (antes da Revolução de Outubro) à revolução socialista (depois da Revolução de Outubro) (ver: Estaline, Vol. 7, pp. 186 - 195)

Anteriormente, no seu discurso à Comissão Jugoslava da ECCI a 30 de Março de 1925, Estaline também tomou posição sobre a questão nacional na Jugoslávia (Stalin, Works Vol. 7, pp. 59 - 65). Nele Estaline afirmava o princípio, "que sem o derrube da burguesia e a vitória da revolução, a questão nacional não pode ser resolvida nem sequer de forma satisfatória". Portanto, o direito à secessão para as nacionalidades que queiram separar-se, e o direito à autonomia para as nacionalidades que prefiram permanecer no quadro do Estado jugoslavo".

Após todos os tristes acontecimentos na Jugoslávia, é mais do que óbvio que Tito sempre espezinhou o princípio estabelecido por Estaline do princípio ao fim.

Vejamos o que Shdanov atribuiu como "tarefa especial" aos partidos irmãos comunistas de França, Itália, Inglaterra e os outros países:

"Eles devem manter alto o estandarte da defesa da independência e soberania nacional dos seus países [burgueses, países imperialistas, atenção - nota do editor] (...), então nenhum plano para a escravização da Europa poderá ser realizado" (Shdanov, ibid, de: "Daily Review", 24 de Outubro de 1947).

Luta pela independência e soberania nacional dos imperialistas para libertar o mundo da escravização do imperialismo ???? Muito bem! Os EUA, o principal inimigo nº 1, onde o Partido Comunista, onde a classe trabalhadora tinha recebido uma tarefa particularmente importante, Shdanov "estranhamente" não menciona de todo. E porque não? Porque a luta de classes nos EUA não existia de todo para ele, porque tinha ignorado completamente a importância da principal força motriz revolucionária do proletariado mundial na sua "política mundial" e substituiu-a, em vez disso, por pontos de vista geopolíticos que determinavam a sua "política mundial". E foi precisamente sobre isto que a "Teoria dos Três Mundos" de Mao se baseou particularmente. E de facto, o slogan da libertação dos países imperialistas da "escravidão" da superpotência imperialista EUA, corresponde exatamente à teoria revisionista do mundo da união do 2º com o 3º mundo contra o 1º mundo. A linha leninista-estalinista do proletariado mundial a derrubar o imperialismo mundial em aliança com os camponeses pobres da revolução socialista mundial - nunca foi representada pelo Cominform do princípio ao fim. Este é um facto que é confirmado em todos os documentos do Cominform.

Aqueles que, como Shdanov e Mao, negam a luta de classes como base e ponto de partida para a teoria da política mundial, estão a praticar a conciliação de classes. Com a reconciliação de classes, contudo, nem o "campo mundial democrático" de Shdanov nem o "campo do Terceiro Mundo" de Mao poderiam conduzir à democracia, quanto mais ao socialismo. Ambas as "teorias" distraem da tarefa principal da libertação social através da revolução socialista, como salientou Enver Hoxha:

"Estamos (...) contra os teóricos revisionistas que pregam que toda a luta revolucionária deve agora ser reduzida à luta pela independência nacional para a conquistar e proteger da agressão das potências imperialistas, negando assim a luta pela libertação social. Só a vitória desta luta assegura também a completa e verdadeira liberdade nacional, independência e soberania" (Enver Hoxha, Imperialismo e Revolução, página 318).

Vemos hoje onde esta "realização de princípios democráticos", onde a "defesa da independência e soberania nacional" (atenção, nos países dos principais beligerantes imperialistas !!!! - não nos países oprimidos pelo imperialismo) levou - nomeadamente à

própria escravidão da Europa que era suposto impedir!!! O que foi realizado é a escravização do mundo capitalista, a guerra imperialista e o fascismo mundial. Não será este facto, hoje em dia, prova suficiente de que não se pode ajoelhar o imperialismo mundial com a tática do Cominform de Shdanov e que o proletariado não se pode libertar da escravatura capitalista com eles de todo? Se o proletariado é chamado a "defender a independência nacional" e a "soberania" nos países dos incendiários de guerra, então isto é basicamente uma traição aos interesses revolucionários do proletariado mundial, aos interesses dos povos oprimidos pelo imperialismo mundial. Internacional de Lenine e Estaline.

Suslov na 3ª Conferência do Cominform:

Em vez de manter alto o estandarte da revolução e do socialismo nos países capitalistas, ele exige:

"Os partidos comunistas e os trabalhadores devem manter alto o estandarte da proteção da independência nacional e da soberania dos seus países".

Em contraste, Estaline ensina:

"O partido assume que as tarefas 'nacionais' e internacionais do proletariado da URSS se fundem com a tarefa comum de libertar os proletários de todos os países do capitalismo, que os interesses da construção do socialismo no nosso país se fundem plenamente com os interesses do movimento revolucionário de todos os países num único interesse comum - a vitória da revolução socialista em todos os países. A revolução proletária num país não é um fim em si mesma, mas um meio e uma ajuda para o desenvolvimento e a vitória da revolução em todos os países". (Stalin, Vol. 9, página 24)

Não deveria ter sido este o princípio orientador do Cominform como um princípio natural?

Contudo, o Cominform nunca tinha querido trilhar este caminho internacionalista estalinista de revolução e, de facto, nunca o fez. O Cominform manteve as democracias populares nos campos socialistas mundiais afastadas do objetivo da revolução socialista mundial.

E lembremo-nos de Trotsky. Para ele, a construção socialista dentro do quadro "nacional" de um Estado era impossível. Lenin e Estaline provaram exatamente o contrário em teoria e na prática. Mas com o novo campo socialista mundial, tornou-se pela primeira vez possível construir o socialismo para além do quadro nacional, ou seja, no quadro internacional. E para tornar esta mesma inovação "impossível", os trotskistas desenterraram o "caminho específico" destacado e oposto à União Soviética de Lenine e Estaline e exaltaram, por exemplo, o "caminho para o socialismo" titoísta como um "caminho para todos". Isto serviu os trotskistas para dividir e esmagar o campo socialista

mundial de Estaline: "Melhor uma estrada burguesa específica para o socialismo do que a estrada internacionalista de Estaline".

E o que disse Tito? (citado de Savo Kerzovic, Dragan Markovic, "O que é o Gabinete Cominform"? Prishtina 1977, página 207) :

"Também tivemos de nos libertar até ao fim das receitas estalinistas, da doutrina do socialismo, da revolução - o Estado e o partido, para todas as áreas da criação".

O que Tito tinha de fazer era claro: substituir os princípios marxistas-leninistas por um "marxismo nacional jugoslavo" específico, uma doutrina eclética anti-marxista que se adequava aos seus objetivos hegemónicos e contra-revolucionários.

No 5º Congresso do Partido do CPJ em 1948, Tito, sob o lema da "aplicação criativa" do marxismo e da "revisão das obras dos clássicos", abriu o caminho para a ideologia burguesa sob a forma de um "específico", "socialismo independente", e assim por diante.

E, finalmente, quem seguiu o "superior" jugoslavo de Tito com a dissolução do Cominform ? Não foram apenas Khrushchev e Mao, mas todos os outros - incluindo todos!!) delegados do Cominform. Khrushchev nem sequer utilizou a palavra "campo socialista mundial" durante a sua visita a Tito.

No seu panfleto "O auto-governo jugoslavo"

Enver Hoxha expõe a "teoria" revisionista do caminho específico para o socialismo:

"Como anti-marxistas, os Titoístas jugoslavos eram e não são a favor da construção do socialismo, mas da perpetuação do capitalismo sob várias formas. Usam mal e distorcem a tese marxista-leninista correta sobre a aplicação criativa da ideologia da classe trabalhadora nas condições particulares de cada país quando insistem que para a construção do socialismo não existem leis universalmente válidas para todos os países, mas sim que cada país pode construir um "socialismo" diferente dos outros de acordo com o seu próprio desejo e à sua própria maneira. Agora, a construção socialista deve necessariamente ter em conta as condições concretas de cada país, mas o socialismo pode ser construído em cada país sem exceção apenas com base no marxismo-leninismo, com base nas leis e princípios comuns a todos os países, que não podem ser contornados. Sem uma teoria do socialismo científico, não se pode construir um socialismo específico".
(página 90)

7

O Cominform na luta contra a "Federação dos Balcãs" de Tito

A Federação dos Balcãs foi uma forma de formação em bloco de Estados dentro do campo socialista mundial, com o objetivo da sua incorporação pelo campo imperialista mundial, para o esmagamento do campo socialista mundial e a sua liderança pela União Soviética de Lenine e Estaline.

O plano de Tito era anexar toda a região dos Balcãs, explorá-la implacavelmente e oprimi-la como sua colónia. Este plano de formar um bloco de estados capitalista-titóico fora do campo socialista mundial da União Soviética foi forjado e empurrado pelos imperialistas anglo-americanos, a fim de impedir o avanço da União Soviética de Lenine e Estaline.

Estaline descarrilou com sucesso estes planos, atingindo Tito e também Dimitroff na cabeça, que tinha desempenhado um papel decisivo na formação da federação dos Balcãs, não por razões socialistas desinteressadas, mas por razões nacionalistas-capitalistas búlgaras.

[ver:

a)

de uma conversa do encontro com Tito no Kremlin, em 27 de Maio de 1946 : Estaline: "Falas a favor de uma federação com a Bulgária no momento presente? "Tito: "Não. Não neste momento. Muitas coisas continuam por resolver na Bulgária - [de acordo com a ata da delegação do CPJ].

b)

Artigo de Estaline no Pravda de 28 de Janeiro de 1948;

c)

"Autocrítica" de Dimitroff no Congresso do Partido da Frente Patriótica, em 2 de Fevereiro de 1948; **]**

ENVER HOXHA:

"Todas as palavras e juramentos de Tito foram um bluff: ele mentiu e enganou-nos sobre a verdade da ideia da 'Federação dos Balcãs'. Tito, como os factos e o tempo provaram, era um malvado anti-marxista, um nacionalista, um chauvinista e um agente da burguesia e do imperialismo, era um "cavalo de Tróia" no campo do socialismo, no movimento comunista internacional e ainda mais nos Balcãs. Retomando a ideia da

"Federação dos Balcãs", lutou pelo objetivo de anexar toda a região dos Balcãs à Jugoslávia, e dentro deste quadro, também à Albânia.

Estaline, que tinha cheirado os planos expansionistas de Tito, chamou a atenção de Dimitroff para este facto, e Dimitroff declarou publicamente no início de 1948 que tinha pensado erradamente sobre a federação entre a Jugoslávia e a Bulgária". (Enver Hoxha, "Os Titoístas", páginas 319 e 320)

"Não interferimos nos assuntos internos uns dos outros, mas se, como resultado do declínio da luta contra os revisionistas jugoslavos, chegar ao ponto de num país amigo como a Bulgária ser impresso um mapa dos Balcãs mostrando a Albânia dentro das fronteiras jugoslavas, então não podemos ficar calados".

"Será possível satisfazer os camaradas búlgaros quando, sem consultar o governo albanês, com o qual estão vinculados por um pacto de defesa, propõem ao governo grego um pacto de amizade e não agressão, numa altura em que a Grécia ainda está em estado de guerra com a Albânia e está a fazer reivindicações territoriais contra a nossa pátria? Parece-nos muito perigoso tomar tais ações unilateralmente".

(Enver Hoxha (16 de Novembro de 1960)

É essencial salientar que Estaline tinha forçado Dimitroff a uma "autocrítica" na reunião secreta com a Jugoslávia e a Bulgária em Moscovo, a 10 de Fevereiro de 1948. Só depois é que Dimitroff praticou publicamente a "autocrítica".

Leia-se Estaline a este respeito:

"Contra a Vulgarização do Slogan da Autocrítica", Estaline, Vol. 11 pp. 113- 122 e pp. 26 - 35).

Somos da opinião que a "autocrítica" de Dimitroff era hipocrisia.

Mesmo que Dimitroff não tenha sido o principal culpado na Federação Anti-Stalin dos Balcãs, não podemos absolvê-lo da sua cumplicidade. Consideramos corretas as críticas de Estaline a Dimitroff. Portanto, nós, estalinistas-boxistas, só podemos defender o camarada Estaline se defendermos as críticas de Estaline a Dimitroff. Os neo-revisionistas cometeram traição contra Estaline ao defenderem Dimitroff. Dimitroff foi um colaborador do Titoísmo em palavras e atos. Utilizou o centrismo, a reconciliação do Titoísmo com o Estalinismo, fingiu autocrítica, jurou lealdade apenas DEPOIS de ter sido criticado por Estaline, apenas para salvar a sua própria cabeça ao fazê-lo. Mas o papel de Dimitroff no Comintern e o papel de Dimitroff na Federação dos Balcãs, estes não são os únicos papéis que Dimitroff desempenhou como pioneiro do revisionismo moderno. Ele também traiu a classe trabalhadora da Bulgária ao estabelecer o rumo para a tomada do poder pelos revisionistas

modernos. Estalinismo nas palavras, revisionismo nos atos - esta é a fisionomia da traição de Dimitroff.

A 10 de Fevereiro de 1948, a convite de Estaline, teve lugar uma reunião secreta em Moscovo entre as delegações da União Soviética (Estaline, Molotov, Malenkov, Zhdanov, Suslov e Sorin), Jugoslávia (Djilas , Kardelj e Vacaric) e Bulgária Dimitroff, Kostoff e Kolaroff). Estaline condenou os planos criminosos de Tito. Nesta reunião, Estaline também contradisse os argumentos de Dimitroff em todos os pontos e criticou-o de todas as formas severas.

O diálogo entre Estaline e Dimitroff poderia ter sido algo parecido com isto:

Estaline: "O senhor não nos informou sobre o anúncio da Federação dos Balcãs. Apenas lemos sobre ele nos jornais. Não pensou antecipadamente sobre as consequências políticas de tais declarações"!

A "autocrítica de Dimitroff": "Sim, isso foi prejudicial e fundamentalmente errado". Não irei repetir tais declarações no futuro".

Retorta Stalin: "Não é uma criança em idade pré-escolar, mas sim um velho político". A sua autocrítica não é sobre não ter informado a União Soviética. Uma tal federação dos Balcãs é impiedosamente utilizada pelos imperialistas contra nós em seu próprio benefício".

Dimitroff: "Sim, admito que estava errado, mas aprende-se com os erros".

Estaline então: "Não se trata de um erro, mas da sua política errada". É um político há 50 anos e agora começa a tentar corrigir os seus erros".

Dimitroff cora, admite a derrota e fica devastado .... (cena imaginável como poderia ter acontecido - por W. E.) .

Após a morte de Estaline, a ideia da federação dos Balcãs deu posteriormente origem à união titoísta dos "países não-alinhados". Para as duas superpotências, isto foi em benefício mútuo - uma certa zona tampão das suas esferas de influência. E o Tito podia ganhar alguns dólares e rublos extra com a "zona não-alinhada". Para o movimento comunista mundial, isto significava um enfraquecimento através da divisão da unidade, da desintegração do campo socialista mundial, do isolamento da União Soviética de Lenine e Estaline e do restabelecimento do capitalismo.

A linha titoísta da Federação dos Balcãs e, posteriormente, da linha dos "países não alinhados" foi um ato contra-revolucionário, dirigido contra a revolução mundial e o socialismo mundial em geral e contra o farol do socialismo - a Albânia - em particular.

A expressão do expansionismo jugoslavo foi o plano de Tito de anexar a Albânia como a 7ª República da Jugoslávia. República da Jugoslávia - não através da ocupação

militar, mas como um alegado "poder protetor" jugoslavo contra a invasão da Albânia pelos monarco-fascistas gregos, através da "diplomacia" (=trocando a Albânia) na arena internacional (tratado secreto entre Tito e os monarcos-fascistas gregos para o desmembramento da Albânia na Conferência de Paz de Paris em Agosto de 1946), bem como através de várias tentativas de golpe no seio da KPA através da atividade de agentes jugoslavos em território albanês. Os anexadores jugoslavos não defendiam a Albânia como Estado soberano, mas como território do "Grande Estado" jugoslavo - "defendendo" a Albânia de jure a fim de engolir a Albânia de facto. Os "opositores" do anexismo por palavras e os anexadores por atos, esta foi a traição chauvinista jugoslava revisionista do ensino de princípio de Estaline sobre a questão nacional e um crime contra o povo albanês. Estaline e Enver Hoxha colocaram uma palestra na roda de Tito.

Enquanto Tito praticou hipocritamente "autocrítica" no encontro secreto com Estaline a 10 de Fevereiro de 1948, cometeu simultaneamente um genocídio no Kosovo. Em palavras, Tito era a favor da reunificação de todos os albaneses num só Estado, mas nem sequer permitiu que Enver Hoxha visitasse os seus compatriotas albaneses no Kosovo, quanto mais que os comunistas albaneses do Kosovo visitassem a KPA do camarada Enver Hoxha. Em vez disso, foram enviados para campos de internamento jugoslavos. Para despovoar o Kosovo, os Titoístas forçaram centenas de milhares de albaneses a emigrar para a Turquia e outros locais. Foi assim que a Federação dos Balcãs do Tito realmente se pareceu.

A tomada da Macedónia por Tito e a conquista da Ístria e das cidades de Zadar e Rijeka por Tito deve também ser mencionada. Com esta provocação, Tito não só violou os acordos entre Estaline e os Aliados Ocidentais, como também pôs em perigo a paz mundial. Imediatamente após 1945, a continuação da guerra contra Hitler através de uma guerra contra os EUA teria tido graves consequências para a União Soviética, para o campo socialista mundial e para todo o movimento comunista mundial.

Tito reivindicou também territórios húngaros na fronteira croato-sérvia (por exemplo, a cidade de Pecs) - ostensivamente "para a protecção do povo húngaro". [segundo as actas de Blagoe Neshkovich, então líder da CPY].

O expansionismo jugoslavo de Tito não se deteve na Grécia. Numa reunião entre Estaline e Tito a 27 de Maio de 1946, Molotov terá dito: "Sim, Salonikki é um antigo estado eslavo. É preciso ter acesso ao Mar Egeu". [!] [de acordo com a ata de Blagoe Neshkovich, então líder da CPY].

Tito não estava desinteressado como coadjuvante dos imperialistas britânicos e americanos na Grécia. A colaboração com os monarco-fascistas gregos enquadrava-se nos seus planos expansionistas (eixo contra-revolucionário Atenas-Belgrado-Roma do

imperialismo anglo-americano). Estaline, por outro lado, opôs-se - nas condições imediatas do pós-guerra - à interferência nos assuntos internos do povo grego por interesses do poder expansionista vindos do exterior. Estaline estava no início firmemente convencido da vitória na guerra civil grega. Ele tomou o partido da luta anti-monarco-fascista, com a luta contra os tubarões financeiros gregos que estavam a vender a Grécia aos países estrangeiros capitalistas. Mas Estaline foi suficientemente honesto para admitir que era bem possível que as forças pudessem não ser suficientes para a vitória e que a guerra de guerrilha na Grécia deveria, portanto, ser interrompida e continuar um dia em melhores condições. Estaline exigiu a retirada incondicional das tropas britânicas e americanas da Grécia.

Com a sua política de paz, Estaline lutou contra todos os provocadores de uma nova guerra mundial - incluindo as provocações de Tito. A 27 de Maio de 1946, Estaline terá dito a Tito: "Se os eslavos não querem sofrer mais 10 milhões de vítimas, então os eslavos devem unir-se numa única frente com a União Soviética". [segundo a acta de Blagoe Neshkovich, então líder da CPY].

Em 1947, a União Soviética ainda estava unida atrás da Albânia, Bulgária e Jugoslávia. Foi apenas um ano mais tarde que houve uma rutura aberta com Tito, e a cooperação da Bulgária com Tito foi interrompida e os ataques militaristas de expansão à Albânia pela aliança imperialista-revisionista, que incluía os neo-fascistas italianos, os monarco-fascistas gregos e os revisionistas jugoslavos e búlgaros, foram repelidos por Estaline. Estaline é acusado de ter negociado com Churchill pela Grécia (o chamado "acordo percentual"). Citamos a seguinte citação de Estaline para refutar esta acusação:

"A Inglaterra, por exemplo, exige que nos juntemos a ela para estabelecer esferas de influência algures, digamos na Pérsia, no Afeganistão ou na Turquia, com o objetivo de roubo, afirmando a sua vontade de fazer "amizade" connosco se concordarmos com estas concessões. Mas precisamente porque não podemos concordar com estas e outras concessões semelhantes sem nos entregarmos - precisamente por esta razão devemos estar preparados para que o capital internacional continue a cometer todo o tipo de mesquinhez contra nós no futuro". (Stalin, Works Vol. 11, pp. 49 e 50)

Quebrando a sua palavra, os Aliados Ocidentais violaram o acordo com a União Soviética de concluir tratados de paz após o fim da guerra em todos os países envolvidos nas hostilidades da Segunda Guerra Mundial e depois de retirar todas as tropas de ocupação.

Kostov na 2ª Conferência da Cominform:

"O partido cometeu os seguintes erros: subestimar a luta de classes, ilusões sobre a possibilidade pacífica de travar esta luta nas condições da Bulgária de hoje, não ter uma

ideia clara do caminho e do ritmo de desenvolvimento, falar da unificação harmoniosa do Estado, dos sectores privados na economia, etc. Mas todos estes erros foram corrigidos a tempo, muitas vezes graças a consultas pessoais com o PCUS (B) e o camarada Estaline".

Chervenkoff criticou Kostoff um ano mais tarde, que foi agora o bode expiatório das antigas tentativas búlgaras, juntamente com Tito, de arrancar o país ao campo socialista e impedir o caminho estalinista para o socialismo na Bulgária.

Kostoff deveria ser executado em Dezembro, enquanto Dimitroff teria inexplicavelmente "morrido de doença" em Julho. Era também amplamente conhecido que tinham coordenado a política búlgara em relação à URSS e à Jugoslávia durante a década de 1940. Segundo Chervenkoff, a Bulgária tinha conseguido reforçar as suas fundações socialistas e combater os desvios nacionalistas graças ao Partido Comunista Soviético e a Estaline, que é descrito como o "professor direto e líder" do povo búlgaro. Nem mesmo uma única referência à pessoa de Dimitroff pode ser encontrada em todo o relatório de Chervenkoff. Isto é estranho.

E também no relatório de V. POPTOMOV, Dimitroff não é mencionado com uma sílaba em ligação com a Federação dos Balcãs de Tito e é assim tacitamente tomado em defesa. Nunca houve qualquer crítica marxista-leninista a Dimitroff no Cominform, nem mesmo por parte dos delegados soviéticos.

Nos relatórios da delegação búlgara ao Cominform, Dimitroff foi completamente poupado. Em vez disso, apenas o Tito foi pilhado. É evidente que o Comintern (EH) não pode justificar esta atitude sem princípios em relação ao Cominform. É evidente que por detrás da ocultação do caminho anti-Stalinista de Dimitroff na questão da Federação dos Balcãs estava a justificação da liquidação do Comintern, que não teria existido desta forma sem Dimitroff.

Já no congresso do partido em Berat, em Novembro de 1944, o grupo Tito Kochi Xoxe e Pandi Kristo tentaram subjugar a Albânia à Jugoslávia e incorporá-la na Federação dos Balcãs sob a liderança de Tito. Que os albaneses resistiram heroicamente à sua escravidão jugoslava, recordamos a revolta albanesa no Kosova em 1981. Foi também a política da Frente Popular de Dimitroff que Tito tentou liquidar o Partido Comunista da Albânia. É claro que os atuais defensores de Dimitroff não querem saber nada sobre isto e ficar calados sobre estes planos criminosos contra o camarada Enver Hoxha e o povo albanês...

8

O Cominform na luta contra o Titoísmo

O que é o Titoísmo ?

Em geral, o Titoísmo é o posto mais avançado do baluarte anticomunista do imperialismo mundial, uma variante da ideologia do revisionismo moderno contra o estalinismo com o objetivo de isolar e enfraquecer a União Soviética de Lenine e Estaline, rompendo os laços individuais do campo socialista mundial com o objetivo da sua completa destruição; e, em particular, o Titoísmo é a ideologia revisionista da burguesia nacionalista da democracia popular, a sua adaptação ao capitalismo com o objetivo de assimilação pelo campo imperialista mundial. O Titoísmo nega o significado internacional da Revolução de Outubro e rejeita as lições universais da Revolução de Outubro (não só para a Jugoslávia), a fim de arrastar o movimento comunista mundial para um caminho de "revolução" jugoslava diferente do da Revolução de Outubro. O titoísmo apresenta-se como um "desenvolvimento criativo futuro" do marxismo-leninismo, mas é na realidade uma ideologia de traição ao marxismo-leninismo (definição do Comintern [SH])

Estaline escreveu na sua carta de 27 de Março de 1948:

"Além disso, deve dizer-se que a polícia estatal jugoslava está também a monitorizar o representante do PCUS no Cominform, o camarada Yudin.

Como sabe, os rumores anti-soviéticos estão a circular entre os líderes jugoslavos: o PCUS está a degenerar, reina um grande chauvinismo de poder na URSS, a URSS quer subjugar economicamente a nova Jugoslávia, o Cominform é um meio para o PCUS colocar as outras partes sob o seu domínio, etc. ... Estas declarações anti-soviéticas são geralmente escondidas sob frases de esquerda como, "O socialismo deixou de ser revolucionário na URSS", ou "Apenas a Jugoslávia é a verdadeira portadora do socialismo revolucionário".

Estaline escreveu na sua carta de 4 de Maio de 1948:

"Ao que parece, os líderes jugoslavos pretendem insistir no futuro na sua atitude anti-soviética; mas os camaradas jugoslavos devem saber, mesmo agora, que este está a trilhar um caminho que conduz à renúncia a relações amigáveis com a União Soviética, um caminho de traição à amizade com a União Soviética, de traição à Frente Socialista Unida, à URSS e às Democracias Populares.

Deve ser realçado que os camaradas jugoslavos que vêm a Moscovo ou ao nosso país podem visitar livremente as cidades da URSS e encontrar-se com os nossos cidadãos. Por ocasião da sua última viagem à União Soviética, o camarada Djilas foi a Leninegrado durante alguns dias após uma estadia em Moscovo para aí falar com os camaradas soviéticos. Não pedimos a Djilas que nos desse conta dos seus encontros com as organizações de Leninegrado. Partimos do princípio de que não recolheu lá informações para os serviços secretos anglo-americanos ou franceses, mas para os principais órgãos da Jugoslávia.

Shdanov faleceu a 31 de Agosto de 1948, ou seja, pouco depois da 2ª Conferência Kominform na Roménia, em Junho de 1948.

Shdanov já não está presente na 3ª Conferência de Kominform.

Estaline escreveu na sua carta de 22 de Maio de 1948:

"Os camaradas Tito e Kardelj fizeram muitas vezes promessas ao CC do PCUS sem as cumprirem. Os camaradas Tito e Kardelj declaram que o CC da PCY se abstém de comparecer na reunião do Gabinete de Informação e se recusa a apresentar a questão da situação no seio do PCY perante este Gabinete. Se esta for a sua decisão final, significa que não têm nada a testemunhar perante o Gabinete de Informação, que se apercebem da sua culpa e têm medo de comparecer perante os partidos irmãos. Além disso, a recusa de comparecer perante o Gabinete de Informação significa que o CC da CPY está a trilhar um caminho que conduz à desvinculação da frente internacional unida das democracias populares e da URSS, e que está agora a preparar o seu partido e o povo jugoslavo para a traição desta frente unida. Sendo o Gabinete de Informação a base da frente internacional unida, esta política conduz à traição do trabalho de solidariedade internacional da classe trabalhadora e forma a transição para uma atitude de nacionalismo. É um ato hostil para com a classe trabalhadora.

Independentemente de os representantes do CC da PCY participarem ou não na próxima reunião do Gabinete de Informação, o CC da CPSU insiste que na próxima reunião do Gabinete de Informação a situação no seio da CPY será examinada.

O CC do CPSU concorda com a proposta dos camaradas checos e húngaros de que o Gabinete de Informação se reúna na segunda quinzena de Junho".

As críticas do Cominform contra a CPY foram apresentadas na 2ª Conferência Cominform pelos representantes dos partidos comunistas francês e italiano, enquanto que, pelo contrário, as críticas do Cominform contra o PC da França e Itália tinham sido apresentadas na primeira Conferência Cominform pelos representantes da CPY. (!)

a) Críticas à política jugoslava de hostilidade contra a União Soviética socialista. Questionando o papel de liderança da União Soviética no movimento comunista mundial. Equacionar a política externa da União Soviética com a política externa das potências imperialistas. "Degeneração" da PCY retirada do arsenal do trotskismo. Os "Estados capitalistas representam menos uma ameaça à independência da Jugoslávia do que a União Soviética".

b) Críticas à hegemonia dos camponeses jugoslavos sobre a classe trabalhadora. Crítica à negação da tese leninista-estalinista de que a luta de classes se torna mais acentuada durante o período de transição do capitalismo para o socialismo. A teoria de Bukharin sobre o "crescimento pacífico do capitalismo para o socialismo".

c) Crítica ao facto de na Jugoslávia ser a Frente Popular e não o Partido Comunista que desempenha o papel principal, o que em última análise equivale à liquidação do PC. Subordinação do partido comunista na Frente Popular revisionista e eventual liquidação do partido comunista na Frente Popular.

[- neste sentido, os neo-revisionistas lutam hoje também contra o Comintern (EH), na medida em que os neo-revisionistas defendem abertamente contra nós a política da Frente Popular de Dimitroff]. (*)

(*) A este respeito, uma nota importante do Comintern (EH):

O que aprendemos por nós próprios com esta crítica?

Aprendemos com ela que o Comintern (EH) deve manter sempre o papel de liderança indiscutível no movimento estalinista-hoxhaista mundial. Se um "movimento estalinista-hoxhaista mundial" se desenvolver fora do Comintern (SH), ou se ocorrer a uma única secção querer construir o seu "próprio" "movimento estalinista-hoxhaista", ou seja, ao lado, sem ou mesmo contra o Comintern (EH), então isto significa a liquidação do Comintern (EH). Depois significa também a liquidação do movimento estalinista-hoxhaista mundial, que não pode existir nem existirá sem a liderança do Comintern (EH).

Para além deste método titoísta de liquidação do Comintern (EH) [= método de descentralização do movimento, empurrando para trás e finalmente eliminando a influência determinante do centro], existe naturalmente também o método clássico dos revisionistas, nomeadamente não duvidar da necessidade do Comintern (EH) em palavras, mas em atos para transformar o Comintern (EH) num partido mundial revisionista, a fim de orientar a revolução socialista mundial para o caminho da burguesia. (= método para esmagar o movimento através de uma mudança revisionista de liderança no Comintern

(EH)]. Ambos também equivalem à mesma coisa: eliminação da liderança do proletariado mundial.

Qual dos dois métodos é mais perigoso? O método mais perigoso é sempre aquele que não é combatido com consistência suficiente.

d) Críticas do Partido Comunista Jugoslavo para deixar o Cominform e ignorar as críticas ao Cominform.

e) Colaboração da liderança jugoslava com o campo mundial imperialista.

Pravda, 18-19 de Outubro de 1947 (!) , dedicado por ocasião do primeiro número de Pravda: "Por uma paz duradoura, Por uma democracia popular em Belgrado", lemos com a assinatura de M. Maritine: "O relatório de Edouard Kardelj apresenta um diagrama verdadeiramente grandioso, das reformas históricas muito significativas realizadas na Jugoslávia nos últimos anos. "A autora prossegue, em seguida, apoiando plenamente o relatório de Kardelj sobre a Jugoslávia e a conclusão de Kardelj:

"A Jugoslávia já não é um país capitalista, nem é um país com um sector capitalista dominante. Mas é um país típico que está a realizar a transição do capitalismo para o socialismo, um país onde impera uma economia socialista, como resultado da luta da classe trabalhadora e de todos os trabalhadores".

(!)

Levanta-se a questão de saber por que razão a primeira conferência do Cominform foi tão amigável com a Jugoslávia (por exemplo, acordo com as críticas da Jugoslávia aos PC em França e Itália) e apenas um [!] ano mais tarde a Jugoslávia foi excluída.

De repente, todos são hipócritas quanto à sua "solidariedade" com a União Soviética contra Tito. No entanto, aplaudiram Tito no seu 7º Congresso Mundial, Tito colaborou com eles na liquidação do Comintern ! Certamente, estes são os factos de que não se deve falar!

Os regimes da democracia popular só puderam emergir, permanecer e desenvolver-se graças ao apoio da URSS. [revisionista! Lenine propagou a ditadura do proletariado - esta é também a definição estalinista do leninismo na época do imperialismo - A República Popular da Albânia continuou a desenvolver-se por si só após a traição dos revisionistas soviéticos] A fisionomia da linha revisionista no Cominform pode ser ilustrada pelo exemplo da Jugoslávia: A Jugoslávia é retirada do Cominform não do ponto de vista da ditadura do proletariado e da revolução socialista, mas porque a Jugoslávia não se colocou na democracia popular de acordo com o padrão de frente unida de Dimitroff com a sua tese

revisionista da alegada vitória "final" do socialismo na União Soviética. Não se chega automaticamente ao socialismo apenas através da existência externa da União Soviética. De acordo com esta tese de liquidação, o socialismo não seria possível em nenhum país sem a União Soviética. Se um país socialista restaura o capitalismo, ainda se pode construir o socialismo no próprio país. Os albaneses provaram isto durante 40 anos. A Albânia é a melhor prova da insustentabilidade das teses de Kominform.

No Cominform houve pessoas que condenaram o revisionismo jugoslavo a fim de se esconderem por detrás do revisionismo no seu próprio país.

Era prática comum acusar sumariamente os verdadeiros marxistas-leninistas de "trotskismo" quando faziam críticas justificadas a erros e desvios revisionistas. Esta foi também a forma como o PC da Grécia lidou com Enver Hoxha quando apresentou a sua opinião crítica sobre a linha errada do PC da Grécia. (Ver 4. o encontro de Enver Hoxha com Estaline).

Após a sua expulsão do Cominform, Tito reprimiu aqueles que apoiavam o Cominform. Insultou-os como "Cominformista", como "inimigos" da Jugoslávia, embora Tito tivesse ainda afirmado ser o "mais leal" Cominformista numa carta dirigida à União Soviética a 13 de Abril de 1948, e por isso deveria ter sido preso e executado a si próprio "sob as suas próprias ordens" apenas meses mais tarde. A partir de 1949, Tito largou todas as máscaras e utilizou abertamente as ferramentas dos trotskistas para insultar e denegrir a União Soviética de Estaline. Tito tinha-se movido para atacar abertamente o campo socialista mundial de Estaline, para o decompor e transformá-lo num campo do imperialismo ocidental. O primeiro Estado social-fascista da Gestapo no mundo, o Estado Titoista, assassinou milhares de comunistas no campo de concentração de Goli Otok. Muitos comunistas jugoslavos conseguiram escapar e lutaram a partir do estrangeiro para esmagar o regime fascista Tito. Milhares de mineiros jugoslavos recusaram-se a entregar o minério que extraíam aos imperialistas e resistiram às exportações para países imperialistas. Os trabalhadores ferroviários entraram em greve contra os carregamentos. 50% dos trabalhadores pararam a produção industrial por sabotagem, por abandonar o local de trabalho ou pelo pulmão de resistência "trabalha lentamente". Os camponeses jugoslavos também sabotaram a produção agrícola e resistiram à escravidão pelo kulakismo titoísta. E foi o camarada Enver Hoxha quem propagou a única saída correcta, a necessidade da revolução socialista e o estabelecimento da ditadura do proletariado em todos os países revisionistas.

As Cartas de Estaline a Tito - 1948

[em língua alemã]

J. W. Stalin:

3 Schreiben
des ZK der KPdSU an das ZK der KP Jugoslawiens
27. März 1948
4. Maio de 1948
22. Maio de 1948

Os Titoítas
Excerto de: Capítulo 10
A luta contra o Titoísmo - uma necessidade histórica
1983

Do Livro do Comintern (EH):
Sobre a luta contra o revisionismo:
Excerto: Sobre a luta contra o revisionismo jugoslavo

O clique Tito - uma agência dos incendiários de guerra
Kalinin
(De: 'Neue Welt', número 19, Outubro 1950, p. 54ff).

A Jugoslávia nas garras da clique fascista
(De: 'Neue Welt', número 12, Junho 1950, pp. 52ff)

Sobre a Degeneração da Liderança da PC da Jugoslávia
1948 (Caderno de formação da SED)

Nota do Comintern (EH):

Este folheto de formação deve ser estudado com um olhar suficientemente crítico. Nessa altura, a SED não ousou opor-se abertamente a Estaline e foi forçada a fingir ser a meio caminho "leal a Estaline". Devido a um conteúdo correto na página principal, publicámos este folheto de formação, apesar das preocupações sobre alguns desvios existentes.

Estes documentos dos primeiros anos do pós-guerra não foram publicados online em qualquer outro lugar - exceto por nós.

9
O Cominform e a Degeneração Revisionista dos Partidos Comunistas nos Países Capitalistas

Desde a primeira conferência do Cominform encontramos pela primeira vez a crítica da União Soviética à política de frente popular dos partidos ocidentais, sem mencionar o nome do autor desta linha revisionista - Dimitroff, que defendeu e implementou a sua política de frente popular mesmo no campo socialista mundial, fingindo ao mesmo tempo a sua lealdade a Estaline!

O "caminho parlamentar para o socialismo" afasta-se do marxismo-leninismo e é revisionista. Togliatti. Críticas aos jugoslavos na 1ª reunião do Cominform Um dos principais conteúdos políticos da primeira conferência do Cominform foi uma forte crítica ao revisionismo dos partidos comunistas francês e italiano.

A conferência serviu em grande parte como uma plataforma a partir da qual surgiram fortes e mordazes críticas de oportunismo, legalismo, parlamentarismo burguês e outras queixas do género com que os partidos comunistas francês e italiano foram flagelados. Esta crítica veio oficialmente da Jugoslávia e não da União Soviética - o Pravda tinha ainda elogiado a Jugoslávia até pouco antes da fundação do Cominform - em Setembro de 1947. Esta foi uma excelente táctica por parte de Estaline para pôr fim ao revisionismo do PC de França e Itália contra o Titoísmo Jugoslavo. Primeiro contra o primeiro (1ª Conferência do Cominform em 1947), depois contra o segundo (2ª Conferência do Comiforme em 1948 - anteriormente enfiada através das cartas de Estaline ao PC da Jugoslávia).

Mais tarde, Togliatti criticou a Declaração de Moscovo porque ainda condenava o Titoísmo. Ele exigiu que a condenação do Titoísmo fosse retirada! (Togliatti, 10 de Janeiro de 1963, "Retornemos a discussão aos seus verdadeiros limites" [artigo em: "L'Unità"])

No terceiro dia da 1ª Conferência de Kominform, os revisionistas jugoslavos apresentaram as suas críticas contra os partidos comunistas italiano e francês. Disseram que o modelo italiano e francês de democracia popular não deveria ser iniciado sob a liderança de um governo burguês. Os delegados jugoslavos também criticaram o slogan oportunista do PC de Itália: "Nem Londres, nem Washington, nem Moscovo". Disseram que as derrotas sofridas pelos dois partidos ocidentais eram principalmente culpa dos seus líderes com o seu liberalismo político e ideológico. Os delegados jugoslavos sublinharam que após a guerra, alguns comunistas pensaram (por exemplo, os Browderistas) que tinha amanhecido um período pacífico e parlamentar de redução da luta de classes - que havia

um desvio correspondente de oportunismo, especialmente na questão do parlamentarismo, tanto nos partidos francês e italiano, como em outros partidos.

Esta crítica é uma crítica marxista-leninista, mesmo que tenha sido apresentada pelos jugoslavos com a intenção de se armarem contra acusações do seu próprio revisionismo! Não se deve tentar invalidar as críticas ao revisionismo francês e italiano pelo facto de terem sido apresentadas por jugoslavos revisionistas que esconderam o seu próprio revisionismo por detrás delas. Não se pode ficar do lado de um campo revisionista para lutar contra outro!!! Isto não é mais do que neo-revisionismo, nomeadamente a crítica ao revisionismo nas palavras e a defesa do revisionismo nos atos.

A transição do PC de França para o revisionismo começou no 7º Congresso Mundial e finalmente só saiu abertamente após a morte de Estaline.

A 'Frente Popular' em França formou-se no aniversário da tempestade da Bastilha (14 de Julho de 1935) em Paris. Em Janeiro de 1936, os partidos concordaram em apoiar-se mutuamente e entraram no parlamento. Foi na realidade o bloco de uma ala capitalista que se deu a si próprio um nome oficial, a coligação assim formada, em Janeiro de 1936 através do programa 'Rassemblement populaire' (Rally do Povo). Blum terminou o período do governo da Frente Popular com a sua demissão a 7 de Abril de 1938.

Os líderes do PC de França e Itália revelaram-se traidores à revolução e ao socialismo. As suas duras críticas contra o Titoísmo na segunda conferência do Cominform não alteram esta situação. Por detrás das suas críticas ao Titoísmo, esconderam inteligentemente o seu próprio revisionismo. Só deixaram cair a sua máscara após a morte de Estaline e os revisionistas de Khrushchev chegaram ao poder.

Enver Hoxha escreve sobre França e Itália no seu livro "Euro-comunismo é anti-comunismo" :

"Em França e Itália, governos do tipo burguês chegaram ao poder. A participação dos comunistas neles não alterou o seu caráter. A sua propaganda e agitação, as manifestações e greves lideradas pelo PC de França não estavam na linha do poder de arrancar o poder à burguesia. (....) tomaram a forma de uma luta por reformas (...). Não seguiu o caminho marxista-leninista. O Partido Comunista Francês não conseguiu (...) transformar a luta pela libertação nacional numa revolução popular, evitou a luta pela tomada armada do poder. Como devemos chamar a esta conduta do Partido Comunista Francês? A traição da revolução.

"Enquanto em Itália as condições eram favoráveis ao avanço da revolução (...) o partido era a favor de uma solução parlamentar dentro da legalidade da ordem burguesa. A sua aspiração mais ampla era a de participar no governo com dois três ministros. Desta forma, o Partido Comunista Italiano foi apanhado pela interação da política burguesa e fez uma concessão sem princípios atrás da outra. O partido tomou voluntariamente as armas

perante a burguesia. Abandonou o caminho revolucionário e tomou o caminho parlamentar, transformando-se gradualmente de um partido da revolução num partido burguês de reforma social da classe trabalhadora".

Foi principalmente sob a influência trotskista dos Titoístas que o campo socialista mundial se separou pela primeira vez, e a partir daí, após a morte de Estaline, o campo revisionista mundial se separou. Uma fação seguiu o caminho da separação dos revisionistas soviéticos, enquanto a outra fação continuou a lamber as suas botas. Mao também aproveitou esta divisão ao tentar aproveitar a fação da separação dos revisionistas soviéticos para a sua carroça. Isto incluiu também as fações que se tinham formado, especialmente na Europa Ocidental, que incluíam os partidos maoístas de um lado e os euro-comunistas do outro. Como resultado deste processo de desintegração do campo mundial revisionista, surgiram inúmeras correntes de revisionismo, que mais aberta ou dissimuladamente falsificaram o marxismo-leninismo, traíram-no e gradualmente o substituíram pela ideologia burguesa. E salientamos novamente que este desenvolvimento de traição à revolução mundial já estava a emergir no Cominform.

Enver Hoxha escreve apropriadamente em: "Eurocomunismo = anti-comunismo:

"Estas inúmeras correntes anti-marxistas que se desenvolvem no mundo capitalista e revisionista de hoje são a quinta coluna nas fileiras da revolução mundial". (página 93)

10

O Cominform e a Degeneração Revisionista do PCUS (B)

O revisionista soviético Suslov propagou abertamente na 3ª sessão do Cominform (1949) a renúncia à transição para o comunismo através da ditadura do proletariado. Não se falava mais de socialismo. (Enver Hoxha expôs repetidamente Suslov como um líder revisionista soviético nas suas obras).

Os representantes da União Soviética no Cominform combateram o revisionismo jugoslavo não no interesse do proletariado mundial, não no interesse da revolução proletária mundial, não no interesse da criação do campo mundial estalinista, mas no seu próprio interesse. O seu objetivo era impedir a propagação de reinos revisionistas fora da União Soviética, a fim de se tornarem uma potência mundial social-imperialista. Os revisionistas dos outros países deveriam ser tomados sob a ala revisionista soviética por meio de pressão. Os revisionistas soviéticos pretendiam fazê-lo, em particular excluindo Tito, utilizando a capa do "estalinismo". O assassinato de Shdanov como chefe do

Cominform foi levado a cabo em nome dos revisionistas soviéticos modernos. Foram então revisionistas tão modernos como Suslov que assumiram o leme no Kominform. Nós, estalinistas-hoxhaistas, não consideramos estes acontecimentos no Kominform como uma coincidência.

Foi travada uma luta feroz na União Soviética contra a ascensão do revisionismo moderno. Assim, em 1948, o outrora conhecido economista Varga foi condenado por revisionismo sobre as questões fundamentais da construção económica nos países democráticos do povo.

Mas houve também batalhas ferozes entre a fação revisionista de Leninegrado e a fação revisionista de Moscovo, no decurso das quais, por exemplo, Zhdanov e Vosnessensky, que tinham trabalhado de perto com Zhdanov, foram mortos. Vosnessensky quis fazer de Leninegrado a capital da União Soviética e teve, por exemplo, opiniões revisionistas sobre o planeamento económico na URSS.

Em Maio de 1955, Nikita Khrushchev manteve conversações oficiais em Belgrado para selar a reconciliação entre o PCUSe o PCY. (ver Enver Hoxha):

Khrushchev ajoelhado perante Tito
13 de Setembro de 1963

Enver Hoxha sobre o Revisionismo Soviético
(Colecção de escritos e documentos da PTA de Enver Hoxha)

Os KHRUSHCHEVISTAS
Albânia desafia o revisionismo de Khrushchev
Enver Hoxha, Volume 19

Os líderes revisionistas soviéticos juraram pedra e pedra sobre a sua "lealdade" ao internacionalismo proletário, prometeram a sua "ajuda" aos movimentos revolucionários para os países recentemente libertados e prometeram o seu "apoio" ao movimento comunista mundial após a guerra.

Utilizam estes juramentos para disfarçar os seus objetivos expansionistas e agressivos e para enganar o povo. No entanto, toda a sua atividade prática mostra que os revisionistas soviéticos há muito que abandonaram este grande princípio da classe trabalhadora, tal como traíram a doutrina marxista-leninista.

No tempo do Cominform - até à morte do camarada Estaline - a União Soviética foi o centro e a base da revolução mundial.

Hoje, o único revolucionário e internacionalista é aquele que luta não só contra o Titoísmo, mas também contra a influência dos revisionistas soviéticos e dos líderes revisionistas de todos os outros países do Cominform e expõe a sua traição, que estes traidores aí mantiveram escondida atrás de votos a Estaline.

11
O Cominform e o Maoísmo

Quanto ao Maoísmo, Estaline não só condenou o Titoísmo como também chamou a Mao, com razão, "meio Titoísta".

Mesmo no crítico jornal chinês, "Será a Jugoslávia um Estado Socialista? (datado de 26 de Setembro de 1963 - da Polémica na Linha Geral do Movimento Comunista Internacional), a resolução Cominform contra o Titoísmo (1948) não é defendida, e muito menos sequer mencionada. Neste documento: "Será a Jugoslávia um Estado socialista?" procura-se em vão as cartas históricas de Estaline a Tito, nas quais Estaline rejeitou as acusações feitas por Tito contra a União Soviética e, pela primeira vez, condenou fortemente o Titoismo. Os revisionistas chineses não estavam preocupados com Estaline, mas apenas em fazer-se passar pelos revisionistas soviéticos que tinham caído de joelhos de Tito como os "verdadeiros defensores" do marxismo-leninismo, a fim de esconder o seu próprio revisionismo por detrás dele. Na verdade, os revisionistas chineses adotaram não só uma atitude conciliatória em relação ao revisionismo soviético, mas também em relação ao Titoísmo, tal como documentado em vários escritos chineses. Também admitiram que, embora concordassem sem reservas com a resolução Cominform, na realidade condenaram-na. Assim, os revisionistas chineses adoptaram a mesma atitude oportunista em relação ao Cominform que todos os outros revisionistas dos países da Democracia Popular.

Em palavras para o Cominform - em atos contra o Cominform - esta é a fisionomia da traição revisionista ao Cominform.

Judin, o mesmo revisionista soviético que foi editor-chefe do órgão Kominform, foi mais tarde nomeado por Khrushchev como embaixador na China entre 1953 e 1959. Até Janeiro de 1955, a China não tinha relações diplomáticas com a Jugoslávia.

Dos diários de Judin aprendemos alguns factos interessantes sobre a verdadeira atitude negativa de Mao em relação ao Cominform:

"Mao disse: Não recusámos o nosso apoio à decisão Cominform de 1948, mas não concordámos com a resolução Cominform de 1949". Colocou-nos a todos numa situação passiva e Tito ainda hoje nos recorda essa resolução. Estaline não deveria ter adotado uma

atitude tão rude em relação à Jugoslávia". (19 de Abril de 1958, citação do diário de Judin) . Certamente que a luta de Estaline contra o Titoísmo não é uma questão que possa ser resolvida pelo método da delicadeza diplomática! Quem desacreditou a União Soviética da forma mais grosseira e infame? Foi Tito. E quem quer que venha em defesa do Tito já é "meio Tito". E isso foi Mao. Foi assim que Estaline o viu, foi assim que Enver Hoxha o viu, e é assim que o Comintern (EH) o vê.

No seu Volume V de Obras, Mao escreve:

"Quando ganhámos a guerra, Estaline conjeturou que se tratava de uma vitória à maneira de de Tito, e em 1949 e 1950 exerceu muita pressão sobre nós". (Mao Tse Tung, Obras selecionadas, Vol. V, p.328 - Francês. Edição).

Mao adota na essência a política de frente unida de Dimitroff e a política de frente popular da Jugoslávia na fundação da RPC. Mao, a burguesia mundial e todo o campo mundial revisionista falam sempre sobre a "revolução socialista na China". No entanto, quando a RPC foi fundada em 1949, nem uma única vez foi mencionada a palavra "socialismo" e muito menos a palavra "revolução socialista".

Na opinião do Comintern (EH), não pode haver qualquer "revolução socialista", nem na China nem em todas as outras democracias populares. Fazer da revolução burguesa-democrática chinesa um "desenvolvimento superior da Revolução de Outubro" não é apenas um escárnio do proletariado chinês, não apenas um escárnio da Revolução de Outubro, mas também um ataque frontal ao bolchevismo mundial e à revolução socialista mundial.

Compare a linha de Mao com a linha geral do Comintern (EH). Uma linha está a milhares de anos-luz de distância da outra linha:

Citação de Mao: "Atualmente, não devemos afastar a burguesia de nós, mas sim uni-los à nossa volta. (6 de Setembro de 1950; "NÃO PERCA O SEU CAMINHO PARA TODAS AS DIREÇÕES", Mao, Vol. V, pp. 31-34).

No monumento aos "Heróis do Povo" há muitas inscrições que foram concebidas por Mao Tse Tung. Se lerem estas inscrições, os heróis sacrificaram-se por tudo menos pelo comunismo. Isto é o que o Comintern (EH) chama zombaria do proletariado chinês, zombaria de todo o proletariado mundial, que sacrificou o seu sangue pela coisa mais preciosa do mundo, nomeadamente o comunismo.

Aqui anexamos algumas citações de Enver Hoxha nas quais ele exprime adequadamente o que pensava de Tito e Mao:

"Tito e Mao são da mesma cor, embora não vermelho".

"Se Mao Zedong assume que Estaline cometeu erros em relação a Tito, significa que aprova os métodos de "auto-gestão" da economia jugoslava, ou seja, os métodos de "auto-gestão" revisionista Titoista. Mao quer introduzir progressivamente esta "autogestão" também na China. Ele também não deixa de falar sobre as especificidades. É interessante o que dizem os chineses: eles queriam construir um socialismo específico. Nesta questão, encontram-se com Tito, que há muito tempo que se tem vindo a queixar sobre a construção de um 'socialismo específico'. Aqui não se trata apenas do termo "o uso chinês", mas também do conteúdo, de incluir nele a experiência à la Tito". ("Reflections on China", Dezembro de 1976, Vol. II, pp. 381-382, edição alemã).

"Os chineses opõem-se à linha do nosso Partido e do nosso Estado. Eles recomendaram abertamente que fizéssemos uma aliança com a Jugoslávia (assim o disse Chou En-lai a Beqir Balluku). Por outras palavras, eles refizeram a velha história, o sonho dos Titoístas de fazer da Albânia a sétima república da Jugoslávia. Todos os dias, os jornais chineses trazem notícias sobre a Jugoslávia, defendem as suas políticas, elogiam abertamente Tito em termos efusivos. Mao Tse Tung não mudou minimamente a sua visão de Tito desde que me disse a mim e a Mehmet: "A culpa não é de Tito, a culpa é de Estaline e do Comintern". Mas Estaline foi e continua a ser um grande marxista, Tito e Mao, por outro lado, são da mesma cor, mas não vermelhos.

Suponhamos que Estaline "não estava vigilante" e "não tomou medidas mais cedo". Mas vocês, meus camaradas chineses, que criticam Estaline, porque não viram através de Khrushchev durante 10-14 anos, Tito durante 18 anos e os grupos de Liu Shao-chi e Pengchen durante pelo menos 16 anos? Tiveram a grande experiência revolucionária de Lenine e Estaline, e a amarga experiência de Tito, Khrushchev, Gao Gang, Wang Ming, etc. (ENVER HOXHA)

Finalmente, publicamos um longo extrato de uma gravação da conversa que Mao teve com a delegação jugoslava em Pequim (Setembro de 1956):

"Houve alturas em que o deixámos cair". No passado, tínhamos solicitado o parecer do Gabinete de Informação. Embora não participássemos diretamente no trabalho do Cominform, era difícil para nós não o apoiarmos. Em 1949, o Kominform condenou-o como "açougueiros" e "Hitler fascistas", mas mantivemo-nos calados acerca da resolução sobre a Jugoslávia, embora tenhamos publicado artigos criticando-o em 1948. A posteriori, não deveríamos ter feito isso. Deveríamos ter discutido este assunto convosco. Se algumas das suas posições estivessem erradas, poderia ter chegado a uma autocrítica e não havia necessidade de se apressar, como nós fizemos. O mesmo é verdade para nós: se discordasse de nós, deveria ter feito o mesmo, ou seja, pelo método de persuasão e consulta. Não tem havido tantos casos bem-sucedidos de crítica a partidos estrangeiros nos

jornais. O seu caso oferece uma profunda lição histórica para o movimento comunista internacional. Embora tenha sofrido com as críticas, o movimento comunista internacional aprendeu lições com este erro. O movimento comunista internacional tem de compreender plenamente este erro.

No entanto, houve outro fator que nos impediu de lhe responder: os amigos soviéticos não queriam que estabelecêssemos relações diplomáticas consigo. Embora a China seja um Estado independente, nós seguimos as suas instruções. Quando a União Soviética nos pediu que a seguíssemos, foi-nos difícil resistir. Nessa altura havia algumas pessoas [por "algumas pessoas" Mao significa provavelmente Estaline - nota] que afirmavam que havia dois Titos no mundo: um na Jugoslávia, e outro na China, embora não houvesse publicações de que este segundo Tito se chamaria Mao Tedong. Uma vez chamei a atenção dos camaradas soviéticos para o facto de eles suspeitarem que eu era um Tito sem convicção, mas recusaram-se a confirmá-lo. Quando é que retiraram o rótulo de Tito sem coração da minha testa?

O Partido Soviético pode criticar Estaline por si só; mas seria inapropriado criticá-lo. Deveríamos manter uma boa relação com a União Soviética. Talvez pudéssemos tornar públicas as nossas críticas em algum momento no futuro. Tem de ser assim no mundo de hoje, porque os factos são factos.

O Comintern cometeu muitos erros no passado. O seu primeiro e último período não foram tão maus, mas o período intermédio [pelo qual Mao significava a linha de Estaline, em que todos os anti-Estalinistas caíram no "terceiro período" sem Mao mencionar o nome de Estaline - nota]. *Estava tudo bem quando Lenine estava vivo e quando Dimitroff estava no comando.*

[Por outras palavras, o Comintern liderado por Estaline depois de Lenine e antes de Dimitroff estava supostamente "fora de ordem" - nota].

Era a primeira vez que esperávamos o pior de Estaline.

Só depois da dissolução do Comintern é que começámos a gozar de mais liberdade.

Há dois tipos de chineses: alguns são dogmáticos que aceitam completamente a linha de Estaline; outros opõem-se ao dogmatismo e por isso recusam-se a seguir as ordens de Estaline. Moscovo considerava-me um Tito ou um semi-titoísta de meia-tigela.

O seu sofrimento, infligido por Estaline, é conhecido do povo e de todo o mundo.

Khrushchev removeu agora o meu rótulo de "Tito sem coração". Assim, regozijamo-nos por ambos os rótulos terem sido removidos, o de Tito e o de meio Tito".

Tanto pela conversa de Mao com a delegação jugoslava, na qual Mao pede desculpa pela atitude hostil da China em relação à Jugoslávia. Nela exprime o seu anti-estalinismo e afirma que partilha o anti-estalinismo com os Titoístas, seguindo assim a sua linha.

Foi Enver Hoxha que nunca pensou em remover estes dois "rótulos" que Estaline tinha dado com toda a razão a Tito e Mao, como os revisionistas fizeram.

Os crimes dos Titoístas e Maoístas são indeléveis.

Para nós estalinistas-hoxhaistas, a resolução do Cominform condenando a Jugoslávia ainda é válida e defenderemos o Cominform em todos os pontos em que atuou corretamente, mesmo contra os maoístas que podem "criticar" o Titoísmo tanto quanto queiram. Na verdade, os maoístas são anti-Stalinistas, são defensores do Titoísmo e defendem a traição de Dimitroff contra Estaline.

PARTE III

12
O Cominform, Enver Hoxha e a RSPA

Em Abril de 1946, os revisionistas jugoslavos tinham aconselhado o PCA a aceitar e concluir tratados com os imperialistas americanos. [!]

A ata da reunião entre Tito e Estaline em Moscovo, a 27 de Maio de 1946, preparada pela liderança da PCY, mostra que Tito escondeu as suas intenções hostis em relação à Albânia e se fez passar por Estaline como "promotor e protetor" da Albânia. Na verdade, Tito há muito que tinha decidido fazer da Albânia a 7ª República da Jugoslávia. Ele escondeu isto de Estaline, que só mais tarde descobriu através do próprio Enver Hoxha. Quando solicitado por Estaline, Tito fez uma avaliação negativa de Enver Hoxha. Na verdade, Tito não deixou nenhuma pedra por revirar para derrubar Enver Hoxha.

Pouco antes da formação do Cominform, Enver Hoxha teve o seu primeiro encontro com Estaline a 16 de Julho de 1947 em Moscovo, onde Enver Hoxha já tinha relatado os conflitos com Tito. Enver Hoxha conheceu Estaline pela segunda vez a 21 de Março de 1949, numa altura em que os Titoistas já tinham sido expulsos do Cominform. Enver Hoxha descreve o período entre a primeira e a segunda reunião com Estaline da seguinte forma:

"O período entre o início de Novembro de 1947 e Março, Abril de 1948 ficará na história como um dos períodos mais difíceis e perigosos que o nosso partido e o nosso povo já atravessaram". (Enver Hoxha "Os Titoístas", página 393).

O Tito queria anexar a Albânia e liquidar o PCA. Esta batalha vitoriosa contra o Titoísmo foi uma das mais gloriosas batalhas do PCA na história da luta contra o revisionismo moderno.

No 11º Plenário do CC do PTA e no 1º Congresso do Partido, os crimes dos Titoistas foram expostos e condenados [ver para isso os documentos de Enver Hoxha e do PTA, que agora publicamos em albanês e alemão].

Enver Hoxha:

Documento entregue na Conferência do Partido Tirana, sobre a análise e conclusões do 11º Plenário do Comité Central do Partido Comunista da Albânia.

4 de Outubro de 1948

(Excerto do Volume 1 das Obras Selecionadas - páginas 702- 802)

Enver Hoxha:

Relatório no 1º Congresso do PTA do Partido.

8 de Novembro de 1948

(Excerto: Obras selecionadas, Volume 2; Capítulo III A PARTE - Luta contra o Titoísmo, páginas 106 - 122)

Enver Hoxha:

A LUTA CONTRA O TITOÍSMO E OS DESVIOS

A PARTIR DA LINHA DO PARTIDO

31 de Março de 1952

(Excerto: Obras selecionadas, Volume 2; Relatório ao 2º Congresso do Partido do PTA, páginas 239 -254)

<u>No seu segundo encontro com Estaline, disse Enver Hoxha:</u>

"À luz destes documentos [Enver Hoxha significava as 3 cartas de Estaline ao PCJ, bem como a resolução do Cominform - adotada na segunda conferência].

que surgiu num momento muito crítico para o nosso Partido e o nosso povo, o CC ganhou total clareza sobre o carácter e os objetivos da interferência jugoslava na Albânia".

<u>A este Estaline respondeu:</u>

"As nossas cartas à liderança jugoslava não contêm tudo, pois muitas coisas só vieram a lume mais tarde. Não sabíamos que os jugoslavos, sob o pretexto de defenderem

o seu país contra uma invasão dos fascistas gregos, queriam trazer unidades do seu exército para o VRA. Ao fazê-lo, tentaram proceder clandestinamente. Na realidade, tinham intenções completamente hostis, porque queriam mudar a situação na Albânia. A informação que nos deu sobre o assunto era importante, pois de outra forma não teríamos sabido nada sobre as divisões que queriam introduzir no seu território. Os jugoslavos fizeram insinuações de que a União Soviética teria alegadamente aprovado esta mudança! Se pensa que deveria ter estado mais vigilante, então deve ser dito que na realidade não só o senhor, mas também outros não estavam vigilantes no que diz respeito às relações com a Jugoslávia".

Enver Hoxha encontrou-se com Estaline pela terceira vez em Sukhumi, em Novembro de 1949.

No caminho para lá, Enver Hoxha visitou Rakosi em Budapeste, onde a terceira conferência do Cominform estava a ser realizada ao mesmo tempo.

Em Sukhumi, Enver Hoxha anunciou que Tito tinha denunciado o Tratado de Amizade Jugoslavo-Albanês a 2 de Novembro.

A Albânia, entretanto, estava a desenvolver a sua linha anti-revisionista de princípios na luta contra o Titoísmo.

"Desde o primeiro confronto direto com a variante do revisionismo moderno do Titoísmo, íamos sair vitoriosos. E quando, em Abril de 1948, as cartas do CC do PCUS à liderança revisionista jugoslava caíram nas nossas mãos, a nossa satisfação seria grande e justificada. No conteúdo principal destas cartas vimos, entre outros, a afirmação da correção da luta em que nos tínhamos lançado. Isto aconteceu quando desconhecíamos que a liderança do PCUS, com Estaline à cabeça, há muito tempo que vinha travando a mesma luta contra os renegados de Belgrado". (Enver Hoxha, "Os Titoístas", páginas 395-396)

Esta citação de Enver Hoxha exprime não só o isolamento do PC da Albânia pelo PCJ na altura, mas também o de todos os outros partidos comunistas, cuja causa pode, em última análise, já ser procurada na dissolução do Comintern, na qual Tito e Dimitroff tinham participado. Para ultrapassar este isolamento, essa foi a vontade de Estaline, que foi uma das suas razões para a criação do Cominform. Com o Cominform, Estaline tentou superar o isolamento dentro de todo o movimento comunista mundial, com grande sucesso, como se pode ver pelo exemplo da Albânia.

O camarada Enver Hoxha escreve sobre os Titoístas nas suas notas históricas, "Os Titoístas", página 414:

"O seu principal objetivo era fazer do nosso país uma sétima república da Jugoslávia, colocá-lo sob o comando de Belgrado e transformá-lo numa colónia da Jugoslávia; a nossa independência devia ser formal, camuflada e disfarçada com as formas de pseudo-independência burguesa. Esta acusação [a acusação de Tito sobre o alegado "anti-Yugoslavismo" da Albânia - nota W.E.] visava separar a Albânia do campo socialista, dividindo-a com a União Soviética e arrastando o nosso partido ao longo da estrada anti-marxista. A Albânia deveria ser para os trotskistas jugoslavos aquele pequeno estado do campo socialista em que realizariam a primeira experiência para a realização da sua linha traiçoeira contra o socialismo".

Não se pode negar a adesão do Cominform à democracia de um povo apenas para se poder excluir outro melhor ?!!! O que tem esta medida arbitrária antidemocrática a ver com o marxismo-leninismo? Nada! Nós, estalinistas-hoxhaistas, criticamos o Cominform por recusar a adesão do Povo Albanês à Democracia no Cominform.

A 13 de Dezembro de 1947, Estaline informou Tito do pedido do governo albanês para uma entrega de 5 mil toneladas de aveia da URSS, e perguntou se a Jugoslávia tinha objeções.

Dois dias mais tarde, Tito respondeu ao embaixador que os fornecimentos da URSS não eram necessários: A Albânia receberia a aveia da Jugoslávia. Mas a aveia prometida pela Jugoslávia nunca chegou à Albânia. Mesmo após a reunião em Moscovo, na segunda quinzena de Fevereiro de 1948, Lavrent'ev tentou descobrir, numa conversa com Kardej, porque não tinha sido entregue a aveia. Kardelj explicou isto com um mal-entendido e falta de cooperação entre as agências governamentais correspondentes na Jugoslávia.

Na reunião entre a União Soviética, Jugoslávia e Bulgária a 10 de Fevereiro de 1948, Estaline condenou as tentativas de Tito de invadir a Albânia com uma divisão jugoslava:

"A nossa República Popular está (...) rodeada por Estados capitalistas e pelos revisionistas jugoslavos" (Enver Hoxha, 16 de Novembro de 1960).

Mais tarde, a Albânia foi rodeada por todo o mundo burguês-revisionista e foi o último e único Estado socialista em que prevaleceu a ideologia do Hoxhaismo.

Não deve ser esquecido que o Cominform excluiu não só a Jugoslávia mas também a adesão da Albânia. Mesmo depois de estudar os registos de Enver Hoxha das suas reuniões com Estaline, que tiveram lugar, entre outras coisas, no preciso momento em que o pedido de adesão da Albânia ao Cominform foi rejeitado, não é possível encontrar resposta à questão de saber se e como Estaline e Enver Hoxha falaram ou não sobre isto. No entanto,

não podemos excluir e suspeitar que o Cominform e o pedido de admissão rejeitado da Albânia foram discutidos.

Devemos também lembrar que a resolução Cominform contra o Titoísmo termina com a sentença de um gesto conciliatório:

"O Gabinete de Informação não tem dúvidas de que o Partido Comunista da Jugoslávia pode cumprir esta honrosa tarefa [de autocrítica e correção do seu rumo errado - W.E.]".

<u>Nós contrastamos esta atitude conciliadora nesta resolução Cominform com a atitude marxista-leninista do camarada Enver Hoxha:</u>

"Não haverá manifestações preocupantes de revisionismo moderno nas outras partes? Aqueles que negam isto estão a fechar os olhos a este perigo. O nosso partido é de opinião que o fracasso em expor completamente o grupo revisionista Tito e as enganosas "esperanças" de uma alegada "melhoria" e "viragem" positiva deste grupo de traidores se devem às inclinações do versőhnler, à posição errada e à avaliação errada do perigoso grupo revisionista Titoista por Khrushchev e vários outros líderes soviéticos. Lutaremos contra o revisionismo moderno, especialmente contra o revisionismo titoísta jugoslavo sem parar, com toda a severidade e sem qualquer compromisso". (Discurso de Enver Hoxha de 16 de Novembro de 1960 em Moscovo) mais documentos importantes do camarada Enver Hoxha:

Discurso, proferido na reunião dos 81 partidos comunistas e operários em Moscovo, em 16 de Novembro de 1960

YUGOSLAVO "AUTO-ADMINISTRAÇÃO" - UMA TEORIA E PRÁTICA CAPITALISTA

Olhando para o período Cominform, especialmente depois do XX Congresso do Partido do PCUS, o camarada Enver Hoxha escreve nas suas memórias:

É um facto bem conhecido que Khrushchev, especialmente na sequência do 20º Congresso do Partido de Fevereiro de 1956, em colaboração com Tito, fez todas as diligências para inverter a situação em todos os países democráticos do então povo. Como escrevi acima, entre as primeiras medidas empreendidas por Khrushchev estava a reabilitação dos condenados no período Kominform e a sua promoção junto dos líderes do partido e do Estado das Democracias Populares da época. Por sua vez, as seguintes medidas foram reabilitadas: Rajk na Hungria, Gomulka na Polónia, Kostoff na Bulgária; o chamado "movimento de democratização", para a "revisão das decisões tomadas sob a influência de

Estaline e do Gabinete Kominform", etc., irrompeu. Em numerosos países, a "nova linha" de reconciliação com os inimigos da época, de "coexistência pacífica" com o imperialismo, etc., tornou-se... lei. Nem os outros antigos países democráticos da Europa, nem a China de Mao Tse Tung foram deixados para trás em todo este galope.

Tito viu este processo com satisfação e não deixou pedra sobre pedra para lhe dar um novo ímpeto e impulsioná-lo no seu interesse. Na esperança de que tivesse chegado o momento de assumir a bandeira, ele não só declarou uma vez que a ordem socialista era "ela própria culpada" por tudo o que tinha acontecido, consequentemente o socialismo "dogmático", "estalinista" teria de ser derrubado e a ordem jugoslava, "vital", "auto-governo humano" teria de ser estabelecida.

Muitos foram enganados ou mal podiam esperar por esta traição, que agora se tornou uma ideologia codificada e oficial. Só o nosso partido e o nosso país se mantiveram firmes na linha anterior". (Enver Hoxha: "Os Titoístas", páginas 657-658)

13
O Cominform e o seu lugar firme na época do socialismo mundial

Quanto mais longa for a crítica ao Cominform, mais profunda se aprofunda, mais clara e distinta deve ser a nossa linha de demarcação, especialmente depois da experiência histórica da traição dos revisionistas modernos e dos desenvolvimentos sócial-fascistas no seio do movimento comunista mundial.

Rejeitamos as críticas dos neo-revisionistas de que o Comintern (EH) assume uma linha trotskista em relação ao Cominform. O contrário é verdade: os neo-revisionistas são, na melhor das hipóteses, defensores do anti-revisionismo do Cominform em palavras, mas em atos continuam a traição dos revisionistas modernos sob o disfarce do marxismo-leninismo.

Foram os trotskistas que colaboraram com os titoístas na Guerra Civil espanhola, na luta partidária jugoslava sob a orientação da inteligência britânica, na luta contra a União Soviética e contra o campo socialista mundial - e hoje na luta contra a construção de um campo mundial estalinista-hoxhaista.

Os trotskistas elogiam o "anti-estalinismo" de Tito e, ao mesmo tempo, criticam o nacionalismo de Tito. Acima de tudo, os trotskistas criticam Tito por não ter feito uma ruptura aberta com o estalinismo mais cedo, não superando assim os "restos estalinistas". Mas, em essência, os Titoistas e Trotskistas continuam unidos na luta contra o estalinismo-

hoxhaismo até aos dias de hoje. Tal como Tito era então um divisor do campo socialista mundial, os trotskistas continuam a ser divisores do movimento comunista mundial.

O titoísmo e o trotskismo são ramos estreitamente relacionados da ideologia imperialista para dividir e decompor a ideologia proletária a fim de se adaptarem à ideologia da burguesia.

Nós, estalinistas-hoxhaistas, lideramos a luta contra o Trotskismo e o Titoísmo no terreno do Estalinismo-Hoxhaismo. Quando os neo-revisionistas nos chamam "trotskistas", fazem-no ao serviço da contra-revolução, tornam-se cúmplices do imperialismo mundial, são inimigos da revolução socialista mundial, do socialismo mundial e do comunismo mundial.

Com a liquidação do Cominform, o campo socialista mundial foi liquidado e com ele todo o movimento comunista mundial. Mas através do funcionamento do princípio dialético da negação da negação, o Movimento Mundial Marxista-Leninista com o Partido do Trabalho da Albânia à cabeça desenvolveu-se na luta contra a traição dos revisionistas modernos contra o Cominform e o campo socialista mundial. E da traição neo-revisionista do Movimento Mundial Marxista-Leninista liderado pelo Partido do Trabalho do camarada Enver Hoxha, desenvolveu-se o Movimento Mundial Estalinista-Hoxhaista liderado pelo Comintern (EH).

Quem eram os inimigos do Cominform ?

Os inimigos do Cominform eram inimigos da frente internacional estalinista.

Eram inimigos da doutrina internacional da organização proletária mundial.

Eram inimigos da doutrina internacional da ideologia do proletariado mundial.

Eram inimigos da doutrina internacional do movimento comunista mundial.

Sem Estalinismo, não teria havido Cominform.

E sem Cominform, não haveria liderança do campo socialista mundial, que pereceria sem liderança.

Esta inter-relação corresponde à unidade dialética da ideologia, organização e movimento.

Sem o desenvolvimento da ideologia do proletariado não há desenvolvimento da organização mundial do proletariado.

E sem a organização mundial proletária não há desenvolvimento do movimento mundial comunista.

1. O Estalinismo-Hoxhaismo ilumina o caminho para a revolução socialista mundial.

2. o Comintern (EH) mostra o caminho para o movimento mundial estalinista-hoxhaista para mobilizar as massas a fim de as conduzir à revolução socialista mundial.

O Movimento Mundial Estalinista-Hoxhaista está a trilhar o caminho da revolução socialista mundial como o movimento revolucionário consciente do proletariado mundial e das suas classes aliadas.

1

O que determina o desenvolvimento da organização proletária mundial?

O desenvolvimento da organização proletária mundial como a forma mais elevada de organização do proletariado mundial é determinado pela forma como consegue elevar a consciência do movimento mundial estalinista-hoxhaista ao mais alto nível de desenvolvimento da ideologia proletária, a fim de permitir que o proletariado mundial na luta de classes consiga a vitória da revolução socialista mundial. O Comintern (EH) é o capitão do navio proletário que dirige em segurança para o porto do socialismo mundial com a ajuda da bússola da ideologia do estalinismo-hoxhaismo.

2

O que determina o desenvolvimento da ideologia proletária ?

O desenvolvimento da ideologia do proletariado é determinado pelo grau da sua conformidade com o desenvolvimento objetivo da sociedade de classes e da luta de classes que nela decorre objetivamente em geral, e pelo grau de conformidade do desenvolvimento da organização proletária mundial com o desenvolvimento do movimento mundial estalinista-hoxhaista, em particular. É a organização mundial proletária que impulsiona o desenvolvimento da ideologia proletária e com ela expande e aprofunda constantemente a consciência do movimento mundial estalinista-hoxhaista. No período inicial, a intelligentsia burguesa tinha elaborado o socialismo científico. Em contraste, hoje o socialismo científico está a ser desenvolvido sob a liderança do Comintern (EH). É bastante de acordo com as leis do materialismo dialético que trazer o socialismo à classe trabalhadora deve, por sua vez, permitir à classe trabalhadora dominar e desenvolver a ciência socialista sem e contra a intelligentsia burguesa, como a classe trabalhadora na União Soviética de Lenine e Estaline e a classe trabalhadora na Albânia socialista sob a liderança do camarada Enver Hoxha têm demonstrado de forma tão impressionante e convincente. O proletariado mundial é o portador da ideologia proletária e determina o seu próprio desenvolvimento, não espontaneamente, mas através do Comintern (EH). O portador da ideologia do Estalinismo-Hoxhaismo hoje, é o Comintern (EH). Estalinismo-Hoxhaismo é a bússola do navio com o qual o proletariado mundial chega à costa do socialismo mundial.

3

O que determina o desenvolvimento do movimento estalinista-hoxhaista mundial?

O desenvolvimento do movimento mundial estalinista-hoxhaista é geralmente determinado pela medida em que consegue dar um carácter estalinista-hoxhaista à luta de classes do movimento dos trabalhadores. Em particular, a consciência do movimento mundial estalinista-hoxhaista é determinada pelo grau em que o desenvolvimento da ideologia proletária coincide com o desenvolvimento da Internacional Comunista, que põe em movimento o movimento mundial estalinista-hoxhaista e o dirige na direção certa. Através da organização mundial proletária, a ideologia proletária não está adaptada à consciência do movimento mundial estalinista-hoxhaista, mas vice-versa. A consciência do movimento mundial estalinista-hoxhaista está adaptada à ideologia proletária mais desenvolvida através da organização mundial proletária. O movimento estalinista-hoxhaista é a força decisiva que impulsiona o navio do proletariado mundial a entrar no porto do socialismo mundial.

* * *

Estaline definiu o Gabinete de Informação como a "base da frente internacional unida". O que é que Estaline quis dizer com isto?

Estalinismo ensina que o Cominform era a forma organizacional da superestrutura político-ideológica da base económica do campo socialista mundial. Sob a liderança da União Soviética de Estaline, o Cominform esteve à frente dessa frente internacional hostil (e não pacífica!) ao campo imperialista no período pós-guerra. O Cominform sob a liderança de Estaline estava destinado a criar uma base para uma frente internacional anti-imperialista com o objetivo de esmagar o campo mundial imperialista, que nunca pode ser e nunca será eliminado sem violência revolucionária, ou seja, por meios pacíficos. A vitória do campo socialista mundial sobre o campo imperialista mundial significa o fim da era do capitalismo mundial e, portanto, o início da transição para o socialismo mundial, que será construído sobre as ruínas do imperialismo mundial. Nas condições prevalecentes na altura, o campo socialista mundial foi a extensão da já existente alavanca revolucionária mundial formada pela União Soviética de Lenine e Estaline. Na opinião do Comintern (EH), o Cominform de Estaline foi uma grande vitória da revolução socialista mundial porque, ao estender a alavanca já existente, obteve um novo ímpeto e uma maior alavancagem para "libertar(l)" o campo imperialista mundial.

O estalinismo ensina:

Quanto mais conseguimos alongar a alavanca da revolução socialista mundial, mais aumentamos assim a sua influência.

Esta é a definição do Comintern (EH) da essência do Cominform e do seu significado internacional como uma alavanca alargada da revolução socialista mundial.

Hoje - sem um campo socialista mundial - o Comintern (EH) é a única base e alavanca da revolução socialista mundial. De acordo com os ensinamentos do estalinismo, a alavanca do Comintern (EH) está a aumentar através da extensão dos seus braços, e especialmente através da criação de novas secções. São sobretudo as secções que são atualmente os braços alargados do Comintern(EH) - em cada vez mais países. A lição da criação do Cominform, aplicada às condições atuais, é a lição do reforço do Comintern (EH) através da criação de novas secções.

O Cominform ensina que o campo socialista mundial não pode ser construído sem uma organização de classe líder comum e centralizada e democrática.

Sem um movimento comunista mundial não há organização mundial e vice-versa, o movimento comunista mundial não pode desenvolver-se mais sem a sua organização mundial.

O proletariado internacional nunca desceu e nunca irá descer. É e continua a ser a força orientadora em toda a história do desenvolvimento do movimento comunista mundial até à época do comunismo mundial.

A sua importância tem crescido constantemente apesar dos reveses - desde o Manifesto Comunista de Marx e Engels, à Primeira e Segunda Internacionais, do Comintern para o Cominform, ao Comintern (EH).

A doutrina da indispensabilidade da continuação e desenvolvimento do papel de liderança da Internacional proletária na transição para o socialismo mundial e o comunismo mundial é uma das doutrinas mais importantes do Estalinismo-Hoxhaismo.

O Cominform é a forma de organização para liderar o campo socialista mundial e assim forma uma certa fase de desenvolvimento da forma organizacional de liderança na história do movimento comunista mundial. Com cada vez mais desenvolvimento do movimento comunista mundial, a forma organizativa da sua liderança também se desenvolveu mais - e vice-versa.

Se traçarmos as origens das formas internacionais de organização do proletariado, é geralmente aceite que o Manifesto Comunista desempenhou um papel fundamental neste contexto. Foi primeiro o programa da Liga Comunista na Alemanha e mais tarde tornou-se o guia programático de todos os movimentos marxistas do mundo. A verdade é que o Manifesto Comunista não podia ser aplicado na prática a não ser através da liderança dos

comunistas, que foram inicialmente a força motriz dos partidos proletários existentes. Com a fundação da Primeira Internacional, o Manifesto Comunista tornou-se a base programática do movimento comunista mundial e assim tem permanecido até aos dias de hoje. Assim, nenhum comunista hoje pode duvidar que o Manifesto Comunista não podia ser outra coisa que não fosse a base mais original e geral do Cominform, o que é obviamente negado pelos historiadores burgueses-revisionistas e os seus seguidores neo-revisionistas.

O Manifesto Comunista afirma que os comunistas "nas várias lutas nacionais dos proletários enfatizam e fazem valer os interesses comuns de todo o proletariado, independentemente da nacionalidade, por outro lado, representando sempre o interesse de todo o movimento nas várias fases de desenvolvimento pelas quais passa a luta entre o proletariado e a burguesia".

Como é que Estaline aplicou o Manifesto Comunista com o método do materialismo histórico e dialético às condições do pós-guerra mais insuperável do que qualquer outra pessoa?

Nessa altura, os proletários dos países libertados do fascismo de Hitler. conduziram a sua luta pela construção do socialismo dentro do quadro nacional dado, mas no seu significado um trabalho que chegou muito além do quadro nacional. Depois dos choques profundos da guerra e de todos os seus milhões de vítimas, esta foi uma obra heróica de significado histórico mundial. Já é tempo de finalmente prestarmos a devida homenagem aos magníficos esforços da classe trabalhadora e dos camponeses pobres na construção do campo socialista mundial. Eles provam-nos hoje que a classe operária e os camponeses pobres, apesar das maiores privações e perdas devidas à guerra, foram capazes de reunir uma força e entusiasmo tão infinitos que hoje estamos todos mais firmemente convencidos de que nós próprios, apesar das maiores dificuldades, podemos reunir a mesma força proletária e o mesmo entusiasmo do internacionalismo proletário para construir um novo campo socialista mundial sob a liderança do nosso Cominform Estalinista-Hoxhaista. A classe operária provou no campo socialista mundial de Estaline que ganhou todos os seus ganhos não pelos revisionistas modernos mas pelo seu próprio suor e sangue - e que, apesar da traição dos revisionistas modernos!

Estaline agiu no espírito do Manifesto Comunista quando, por um lado, com a fundação do Cominform, enfatizou e fez valer os interesses comuns do proletariado em todo o campo socialista, independentemente do quadro nacional da construção do socialismo. Por outro lado, nas várias lutas do proletariado contra a burguesia, ou seja, tanto as suas lutas contra a burguesia dentro como fora do campo socialista mundial, Estaline sempre representou os interesses de todo o proletariado mundial e do movimento comunista mundial.

Ninguém mais poderia resolver esta maior tarefa na história do comunismo tão brilhantemente como o grande Estaline, o verdadeiro líder do proletariado mundial, da revolução socialista mundial e do campo socialista!

E o que escreveu o editor-chefe de Kominform, o "professor vermelho" Judin, no órgão Kominform, no 100º aniversário do Manifesto Comunista ? A citação seguinte não necessita de comentários. Nela, a contradição antagónica entre as concepções estalinistas e revisionistas do Manifesto Comunista é mais do que clara:

"A encarnação concreta das ideias do marxismo sobre a unidade da classe trabalhadora com a maioria da população trabalhadora pode ser vista hoje em dia nas novas democracias. Esta ideia da frente unida foi constantemente desenvolvida na Jugoslávia [!!!]". (edição de Fevereiro de 1948 do órgão Cominform.

- Apenas 4 meses depois [!!] o mesmo Judin condena o Titoísmo na Jugoslávia, na resolução do Kominform! Um oportunismo que não deve ser ultrapassado! Um documento de auto-exposição dos revisionistas modernos. Um documento de traição dos revisionistas modernos do camarada Stalin's Cominform !

O Cominform falhou não por causa da linha correta de Estaline, mas por causa dos revisionistas modernos que conduziram o Cominform para as águas revisionistas a fim de o afundar no fundo do mar.

As lições sobre o Cominform, sobre a construção e defesa do campo socialista mundial na luta contra o revisionismo moderno - estas são lições importantes do estalinismo-hoxhaismo, que são fundamentais para a construção do futuro campo revolucionário mundial ou para a sua transformação na Federação Mundial das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Levantemos a bandeira do Cominform de Estaline e limpemo-la com o Hoxhaismo a partir da ferrugem dos revisionistas modernos.

Com os ensinamentos dos 5 Clássicos do Marxismo-Leninismo, vamos remover a tinta "vermelha" fresca com que os neo-revisionistas branqueiam a traição dos revisionistas modernos ao Cominform de Estaline!

Avante com a revolução socialista mundial!

Viva o novo campo socialista mundial emergente!

Coroemo-lo com a criação da Federação Mundial das Repúblicas Socialistas Soviéticas - sobre as ruínas do campo mundial imperialista despedaçado!

Viva a ditadura do proletariado mundial!

Avante no caminho do socialismo mundial e do comunismo mundial !

Viva o Comintern (EH) e as secções como os seus braços alargados da revolução socialista mundial em todos os países do mundo !

Viva o Estalinismo-Hoxhaismo !

VIVA O COMINFORM ESTALINISTA-HOXHAISTA !

Uma vez que tenhamos conduzido a revolução socialista à vitória com as nossas secções em vários países, criaremos aí o novo Cominform (EH) como uma federação de todas as secções vitoriosas, que liderará o novo campo socialista mundial.

O Comintern (EH) continuará sempre a ser o principal partido mundial, que então também criará outro Cominform como uma união das secções de todos os países onde a revolução socialista ainda não venceu.

Estes serão então dois Cominform paralelos liderados pelo Comintern (EH).

Com o apoio dos dois Cominform ...

(um Cominform dentro do novo campo socialista mundial e o outro Cominform dentro do antigo campo imperialista mundial).

... o Comintern (EH) conduzirá então todo o proletariado mundial à vitória da revolução socialista mundial e estabelecerá a ditadura do proletariado mundial.